



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

KARINA PEREIRA SOUTO

**DISCURSOS DE IDENTIDADE: SOCIABILIDADES
DOCENTES NO CIBERESPAÇO DO ORKUT**

CAMPINA GRANDE

2012

KARINA PEREIRA SOUTO

**DISCURSOS DE IDENTIDADE: SOCIABILIDADES
DOCENTES NO CIBERESPAÇO DO ORKUT**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência para obtenção do título de **mestre** em história, junto ao Programa de Pós-graduação em História.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Regina Gomes Nascimento

CAMPINA GRANDE

2012

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S728d Souto, Karina Pereira.
Discursos de identidade: sociabilidades docentes no ciberespaço do orkut
/ Karina Pereira Souto. - Campina Grande, 2012.
105f.: il., color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina
Grande, Centro de Humanidades.
Orientadora: Profª. Drª. Regina Gomes Nascimento.
Referências.

1. História - Ciberespaço. 2. Orkut. 3. História do Tempo Presente. 4.
Identidades. 5. Professores de História. I. Título.

CDU 94:007(043)

KARINA PEREIRA SOUTO

DISCURSOS DE IDENTIDADE: SOCIABILIDADES
DOCENTES NO CIBERESPAÇO DO ORKUT

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Regina Gomes Nascimento – PPGH/UFCG (orientadora)

Prof^a Dra. Joedna Reis de Menezes/UEPB (examinadora externa)

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó - PPGH-UFCG (examinador interno)

CAMPINA GRANDE

2012

Dedicatória

Dedico aos meus amados filhos Álef Huan e Dállet Isla

Hoje e sempre toda a minha dedicação e dedicatórias, porque com vocês eu sei o que é o amor.

Agradecimentos

E me faz tão bem agradecer...

O coração acelera a memória falha e só o silêncio me faz companhia. ANSIEDADE! Por onde começar? Pelo início. É... E sempre tem um início...

Durante uma trajetória de 30 meses estive gestando uma filha, uma produção que chamo de filha porque sinto por ela todos os sentimentos possíveis e improváveis. Do amor ao ódio, da ousadia ao medo percorri esse tempo sorrindo e chorando, provando todos os gostos, os cheiros, os toques...

Mas, não estive sozinha, pois tive ao meu lado anjos disfarçados de homens e mulheres, que transformaram minha caminhada num passeio que me permitiu viver as quatro estações cada uma com seu charme, sua elegância, suas intempéries. Por isso sinto a necessidade de deixar registrados meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente contribuíram tanto para minha formação acadêmica quanto para o meu crescimento pessoal.

Álef Huan e Dállet Isla, meu filhos amados, o que seria de mim sem vocês? Impossível retribuir em forma de simples agradecimento escrito, tanto amor, dedicação e motivação que recebi de vocês, que dividiram minha atenção com esta minha filha caçula que me exigiu tanto tempo e dedicação. Obrigada por todas as palavras de motivação proferidas nos momentos em que eu mais precisei e a paciência que forçosamente aprenderam a ter para suportar minhas ausências, meus silêncios e a minha ansiedade quase incontrolável.

Itamar, meu companheiro para todas as horas. A quem eu perturbei incessantemente com as minhas angústias e medos, a quem eu ofertei mais ausência do que presença e que soube compreender com serenidade todas as minhas falhas e ainda assim me dar forças para continuar. Mostrando-me o horizonte a minha frente repleto de momentos felizes que eu só teria acesso se fechasse os ciclos e assim me tornasse vencedora.

Agradeço ao PPGH-UFCG por ter acreditado no meu projeto e me acolhido com tanto carinho, levando-me a adotar a charmosa cidade de Campina Grande como um lugar para onde sempre sentirei vontade de voltar, pois sendo pessoense carregava na bagagem um bairrismo bobo do qual pude me libertar experimentando

as qualidades dessa cidade desde as pessoas até o clima e todos os grandes amigos que fiz durante esse espaço de tempo em que as viagens entre João Pessoa e Campina Grande eram rotineiras e foram aos poucos se tornando prazerosas.

Sinceros agradecimentos também a todos os professores do PPGH, que contribuíram para minha formação, especialmente aos que tive oportunidade de conviver com mais frequência durante as aulas: Professora Dra. Marinalva Villar; Professor Dr. Gervácio Aranha; Professor Pós-doutor Iranilson Buriti; Professor Dr. Rodrigo Ceballos; Professora Dra. Lucinete Fortunato; Professor Dr. Antonio Clarindo, este que, além das trocas intelectuais conseguiu sempre arrancar sorrisos dos meus lábios, nos momentos mais difíceis com seu senso de humor ímpar e sua peculiar experiência de vida. Ao Arnaldo, Maressa e Felipe que sempre com muita compreensão souberam lidar com minhas angústias imediatas relacionadas à burocracia que permeia toda e qualquer secretaria.

À minha orientadora Professora Dra Regina Coelli Nascimento que soube lidar com todas as minhas crises e angústias como uma amiga, e sempre esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos, cuidando, acalmando e incentivando sempre. Obrigada por tudo Regina! E se eu não correspondi às suas expectativas, perdoe-me! Eu tentei. Não sei se fui até o limite porque o desconheço.

À Professora Dra. Joedna Reis a quem tive a honra de conhecer durante minha graduação e a quem sempre procurei tomar como exemplo de excelente profissional e mulher, de qualidades inumeráveis que me presenteou participando da minha qualificação contribuindo de forma extraordinária para a continuação do meu trabalho, assim como da defesa da dissertação como examinadora externa.

Ao Professor Dr. Alarcon Agra do Ó, que tive o prazer de conhecer no PPGH tardiamente, já no período de qualificação, mas que me passou muita segurança e generosidade e também contribuiu com muita criatividade e bom humor para o encaminhamento do meu trabalho e que por essas qualidades, além das profissionais, senti-me segura em convidá-lo para ser o examinador interno na defesa da dissertação.

Gostaria de agradecer singelamente a todos os meus colegas da turma 2010, que se mostrou uma turma unida - durante a descontração dos intervalos para o cafezinho e até as dificuldades pessoais individualizadas. Todos sempre estiveram presentes e preocupados uns com o bem-estar dos outros. Colegas que se transformaram em amigos, Auriane, Kelly Cristovam, Sâmala Sonaly, Rosineide

Alves, Cida Barbosa, Raimilson, Ivone Agra, Bruno Gaudêncio, Lauricéia Galdino, Welton Fontes, Neide Cordeiro, Inairan Cunha, Iordan, Socorro, Janielle, Joselma, Luis Carlos, Claudio Barroso, Emerson Macedo, Cibelle Jovem Leal, Ewerton Demétrio, Sandreilza e Rômulo Henrique. Talvez eu esteja esquecendo os nomes de alguns, mas, nunca os esquecerei nas minhas memórias majoritariamente felizes de todos os nossos momentos juntos.

Tem também os amigos que se transformaram em irmãos, que mergulharam na minha intimidade. Iane Caroline e Fernanda Pires Costa, irmãs que eu escolhi, aliás, nos escolhemos, nos identificamos como irmãs. Três mulheres completamente diferentes que se completaram e passaram a enfrentar não só os desafios do mestrado juntas, mas também as dificuldades da vida. E foi tão bom, aliás, é tão bom ter com quem contar a qualquer hora, em qualquer situação.

Com Iane eu aprendi a ser mais menina, com Fernanda eu aprendi a ser mais mulher, chegando por vezes a acreditar que o equilíbrio estava sempre ali pertinho de mim. Iane minha companheira virtual, sempre com um conselho nas pontas dos dedos e um lar a minha disposição. Fernanda, com serenidade, meiguice e preocupação com minha lucidez. Um café no fim da tarde, uma música agradável, abraços carinhosos, que só amigos sabem dar e muito amor, amor de irmã, de alma, de espírito. A vocês, agradecimentos infintos.

Enfim, agradeço a todos os meus amigos que não estavam diretamente envolvidos com as minhas atividades durante o mestrado, e a quem eu disse muitos não para poder me dedicar à escrita, mas que me deram muita força e sempre me encorajaram para que nunca desistisse: Zé Darlan (meu revisor e amigo), Bento Junior, Sirleide Dantas, Solano Alves, Lidiana Justo, Kátia Michelle, Cleityane Sabino, Victor Chacon, Alana Cruz, Graça Araújo, Wilton Soares, Paloma Porto, Artur Perussi, Adriana Castilho, Savana Henriques, Dilene Araújo, Carlênia Pereira, Dona Dete e inclusive aos que se afastaram por motivos particulares, mas, que me ofertaram uma força imensa quando puderam estar ao meu lado: Marcus Odilon, Lucio Flávio Vasconcelos e Fernando Borges. A todos vocês os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

A realização desse trabalho consiste em problematizar as novas possibilidades de sociabilização nas denominadas redes sociais - especificamente a rede social Orkut - praticadas pelos Professores (as) de História na contemporaneidade. Nesse sentido, lançamos nosso olhar sobre as identidades (des) construídas a partir de diálogos entre professores de História na comunidade virtual denominada "*Professores de História*", ligada a essa rede social. A realização dessa dissertação nos conduz experimentar o momento atual no contexto da cibercultura produzida por uma cibernidade referente às tecnologias da informação disponíveis, a fim de analisar historicamente a partir dos discursos dos professores/as no ciberespaço do Orkut como as mudanças promovidas por elas têm contribuído para uma des (construção) de identidades. Para tanto, pretendemos fazer o exercício de analisar os diálogos entre os professores/as (membros da comunidade citada), partindo de fragmentos de textos descontínuos - (fala/escrita) dos usuários - não oficiais, tidos muitas vezes como insignificantes pela historiografia "tradicional", na tentativa de montar um todo, não no sentido globalizante, mas um todo resultante de um trabalho de análise de discurso que se propõe a operar em torno dos discursos e não no seu interior, para entender não sua essência, mas como foi construída a base que o sustenta. Nesse sentido, partido do pressuposto de que as identidades são sempre construídas dentro do discurso e não fora dele, é que nos propomos realizar o exercício de analisar as escritas dos professores/as no ciberespaço do Orkut, com a preocupação de entender como estão sendo (des) construídas a partir dessa escrita relacionada ao discurso da instituição escolar moderna, esta ou aquela identidade para e pelos professores (as), nesse início de século marcado pelo inevitável avanço das novas tecnologias da comunicação e informação, e de uma sociedade marcada por sujeitos compostos por identidades multifacetadas, fluídas, itinerantes, que não se fixam neste ou naquele lugar.

Palavras Chave: 1- Ciberespaço Presente 2- Orkut 3- História do Tempo
4- Identidades 5- Professores/as de História

ABSTRACT

The realization of this work is to discuss the new possibilities of sociability in networks called social - specifically the social network Orkut practiced by teachers (as) in contemporary history. In this sense, we launched our eye on the identities (de) constructed from dialogues between history teachers in the virtual community named "Teachers of History," linked to this social network. The completion of this dissertation leads us experience the present moment in the context of cyberculture produced by a cibersociedade related to information technologies available to analyze historically from the speeches of teachers / as in cyberspace Orkut as the changes promoted by them have contributed des for a (construction) identities. To this end, we intend to analyze the performance of the dialogues between teachers / the (community members cited), from discontinuous fragments of texts - (speaking / writing) users - unofficial, often taken as insignificant by historiography "traditional "in an attempt to assemble a whole, not towards globalizing, but a whole resulting from a work of discourse analysis that intends to operate around the discourses and not inside, not to understand its essence, but it has been built the base that sustains it. In this sense, starts from the assumption that identities are always constructed within the discourse and not outside it, is that we propose to perform the exercise of analyzing the writings of teachers / the Orkut in cyberspace, with the concern being to understand how (de) constructed from this writing related to the discourse of modern educational institution, this or that identity for and by teachers (as) in this new century marked by the inevitable advance of new technologies of communication and information, and a society marked by subject composed of multifaceted identities, fluid, itinerant, not to fix this or that place.

Keywords: 1 - Cyberspace 2 - Orkut 3 - History of Present Time 4 - Identity 5 - Teachers / as History



[página inicial](#) [perfil](#) [scraps](#) [comunidades](#)

buscar

buscar



PROFESSORES DE HISTÓRIA

(20.979 membros)

- [fórum](#)
- [enquetes](#)
- [eventos](#)
- [membros](#)

[ver perfil](#)

Orkut Manager

Sumário

Início > Introdução

buscar neste sumário:

buscar

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [iniciar atualizar](#) [atualizar](#) [desativar preview](#)

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

Tópico	Capítulo	Item	Página
<input type="checkbox"/> Introdução			11
<input type="checkbox"/> Cibersociedade, ciberespaço e cibercultura:	Capítulo I		27
<input type="checkbox"/> a história de uma 'nova' sociedade, de um novo			
<input type="checkbox"/> espaço, de uma nova cultura ?			
<input type="checkbox"/> Ciberespaço: um 'novo' espaço de socialização ?		1.1	30
<input type="checkbox"/> Cibercultura: uma 'nova' cultura educacional ?		1.2	37
<input type="checkbox"/> Professores/as na Era da informação: conexão,	Capítulo II		49
<input type="checkbox"/> sociabilidade e (des)construção de identidades.			
<input type="checkbox"/> 'Igual à vida real': comunidades virtuais no Orkut		2.1	55
<input type="checkbox"/> (des)construindo identidades políticas pelos e para o		2.2	67
<input type="checkbox"/> Historiador / Professor de História.			
<input type="checkbox"/> Normatização do corpo docente: a (des)construção de		2.3	78
<input type="checkbox"/> identidades docéis			
<input type="checkbox"/> Professores de história: O cotidiano entre saberes e		2.4	91
<input type="checkbox"/> práticas.			
<input type="checkbox"/> Considerações Finais, ou não...			97
<input type="checkbox"/> Referências			101

Introdução

“Porque são as perguntas que movem o mundo”¹

E mais uma vez me flagro inquieta, cercada de dúvidas e como quem conversa consigo mesma em frente a um espelho embaçado, atordoada por inúmeras perguntas e ávida por responder a mim mesma sinto um misto de medo, querendo evitar as dúvidas temendo mergulhar num eterno paradoxo, e de euforia, aliada a um forte desejo de tentar respondê-las e, por alguns instantes ínfimos decidi então mergulhar nesse mar e me aventurar entre perguntas, e repostas a serem ao menos consideradas.

Um mundo inteiramente novo a minha frente. Sedutor, perigoso, instável e extremamente instigante exatamente por proporcionar aventura e riscos. Eis que enxergo posto em minha frente um admirável mundo novo nomeado de “mundo virtual”, onde o fluxo parece sempre mais fluido num espaço que ignora fronteiras, onde margens e centro não são necessariamente antagônicos, nomeado, ciberespaço. E eu, ah eu quero ver o que há depois do “perigo”.

Primeira inquietação: estamos diante de uma nova espacialidade que desconstrói a ideia de território (espaço geográfico) tradicional, visto como palco fixo e nos desterritorializa? Segunda inquietação: Como estamos nos movendo dentro desse espaço que se apresenta volátil e parece borrar fronteiras necessitando de adaptações urgentes para uma possível sociabilidade dos sujeitos na contemporaneidade? Terceira inquietação: Como os sujeitos estão lidando cotidianamente com esse admirável, perigoso e sedutor mundo novo?

Fico a imaginar as inquietações de um homem que viveu durante a antiguidade clássica se ressuscitasse agora. Automóveis, aviões, telefones sem fio, pessoas conversando através de telas luminosas finíssimas sem que nunca tenham ouvido uma a voz da outra. Imagino que não sobreviveria por muito tempo e morreria de pânico. Chego a ouvir suas indagações e pensamentos: São todos feiticeiros? Estou no céu? No inferno talvez? Em outro planeta. São monstros, sinto medo, preciso fugir, onde estão meus pais? Oh! Meu Deus ajude-me! Consigo até mesmo sentir as aflições do “coitado”.

¹ Frase de uma propaganda publicitária do canal Futura

Diante de todas essas inquietações relacionadas às novas formas dos sujeitos lidarem com todas essas novidades, que não os afetam tanto quanto afetariam nosso homem ressuscitado da antiguidade clássica, é que nos propomos analisar historicamente como todas essas mudanças, especialmente ligadas às novas tecnologias midiáticas, especificamente a rede mundial de computadores têm sido importantes, ou não, para criar e/ou ressignificar novas formas de sociabilidades.

Sendo assim, a realização desse trabalho consiste em problematizar as novas possibilidades de sociabilidades nas denominadas redes sociais² - especificamente a rede social Orkut³ - praticadas pelos Professores (as) de História na contemporaneidade. Neste sentido, lançamos nosso olhar sobre as identidades (re/des) construídas a partir de diálogos entre professores de História na comunidade virtual denominada "*Professores de História*", ligada a essa rede social.

Essa pesquisa pode ser considerada como pertencente ao rol das pesquisas ligadas à história do tempo presente, por estarmos vivendo e experimentando como pesquisadoras e partícipes desse tempo com todas as suas variações e intensidades, bem como pela relação que temos com o objeto analisado, pois o mesmo faz parte de nossas práticas cotidianas. "*Pois, o historiador do tempo presente não se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los*"⁴. E sobre este fazer-se da História do tempo presente, assim argumenta Pesavento:

Ora, tal campo implica tomar esta História na qual os acontecimentos estão ainda a se desenvolver. Trata-se de uma História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências. Não se trata, pois da construção *ex-post* de algo que ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e de que não se conhece o término⁵.

É justamente esse fazer a história a quente, sem deixar que as coisas esfriem, participando do processo a ser analisado, sem nenhuma pretensão de dar o

² Uma rede social é composta de núcleos geralmente compostos de indivíduos e organizações ligados entre si por um ou vários tipos de relações, como valores, visões, ideias, trocas financeiras, amizade, gostos ou desgostos comuns, conflitos, comércio, relações sexuais, só para citar algumas possibilidades. (PISANI e PIOTET, 2010 p.34)

³ O Orkut é uma rede social filiada ao Google criada em janeiro de 2004, com objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Fonte: www.orkut.com – acesso em Fevereiro de 2011

⁴ (RÉMOND, René, 1998 p.208) In: (FERREIRA & AMADO, 1998)

⁵ (PESAVENTO, 2003 p.93)

assunto por acabado, sem reconstruir ruínas ou ressuscitar os mortos; mas, construir junto, que nos instiga. Por isso decidimos adentrar com entusiasmo o reino de Clio a partir de mais uma possibilidade de escrita da história, o tempo presente, nomeado pelo historiador francês François Bedárída Presidente e organizador do Instituto do Tempo Presente, na publicação do primeiro número do *Bulletin de l'HTP*, “a nova oficina de Clio”⁶ numa alusão a mais um espaço possível a ser consumido e praticado pela história.

Acreditamos que tal modalidade de escrita acaba por romper com as concepções que defendem a necessidade do distanciamento do historiador do seu objeto de estudo, para a realização da análise histórica. Para Chartier, a separação entre pesquisador e objeto antes de atrapalhar pode auxiliar durante a prática historiográfica:

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história⁷.

E como partícipes desse momento que decidimos analisar; nos apegaremos às vantagens da possibilidade de juntar os elementos proximidade com o objeto, além da proximidade dos que fazem a história, contribuindo de forma participativa com esse fazer da história “a quente”. E é nessa perspectiva proposta por Chartier que nos propomos encarar a proximidade com o nosso objeto de estudo. Não como um empecilho para o entendimento da “realidade” estudada, mas, como uma ferramenta ao nosso favor, que para além das dificuldades de tentar não emitir juízo de valor, nos tornará menos susceptíveis a cometer anacronismos, visto que, podemos dialogar a todo o momento com ele, em seu desenvolvimento pleno.

E sobre a tão discutida relação sujeito-objeto no fazer-se da história do tempo presente, argumenta a historiadora Elisa Nóbrega:

O estudo do presente também demonstraria a não recusa dos historiadores em trabalhar com os acontecimentos que viveram, possibilitando uma nova singularidade: a reflexão sobre a natureza da presença física do historiador em seu tempo e no seu tema promovendo o desenvolvimento de uma consciência histórica auto-reflexiva. A história do tempo presente, portanto, ao refletir sobre a presença do historiador

⁶ (BEDÁRIDA, 2000). In: (FERREIRA e AMADO, 1998)

⁷ (CHARTIER, 1993 p.8)

em seu tema e em seu tempo, põe em funcionamento procedimentos hermenêuticos relativos à subjetividade, desnaturalizando a relação entre o sujeito e o objeto⁸.

Desnaturalizar a relação sujeito-objeto pondo em pauta a subjetividade parece uma proposta bastante viável para os objetivos da nossa pesquisa. Trabalhar com os acontecimentos que estão sendo vivenciados pelo historiador pode ser visto como um ato de coragem, de paixão por um possível de “difícil” objetivação pondo em pauta além das dificuldades de uma operação historiográfica peculiar, elementos científicos relacionados à objetivação da subjetividade do historiador/a bem como a subjetivação do fazer história do tempo presente.

O desafio de equilibrar objetividade e subjetividade num trabalho acadêmico que nos exige obedecer às normas de cientificidade para que assim possa ser legitimado como um trabalho “científico” nos desafia a objetivar nossa subjetividade sem que seja necessário deixar de subjetivizar a objetividade dando nossa cara a nossa produção, nos entregando de corpo e alma deixando nossas marcas afetivas presentes em todos os nossos sentidos.

*“Toda História é uma história do tempo presente”*⁹ porque é feita a partir do tempo do historiador. Portanto, os desafios propostos por nossa opção temporal, antes de nos atemorizar, nos instiga a dar prosseguimento ao nosso trabalho, pois estamos encorajados a superar desafios. Para Passerini *“O historiador do presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra, as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais”*.¹⁰

Sendo assim, produzir uma história dos sujeitos (professores/as), suas práticas no ciberespaço e as novas sociabilidades desenvolvidas nele é um desafio que não se limita apenas à temporalidade ou à proximidade que temos com o objeto, mas, antes, um desafio de produzir uma história que seja relevante para a academia, para a sociedade e para nós pesquisadoras envolvidas nessa maratona, que a cada passo dado nos proporciona sentimentos de superação e vitória.

A escolha pelo tema surgiu diante das minhas inquietações enquanto professora/historiadora e usuária das redes sociais na rede mundial de computadores, acompanhando e até participando dos diálogos promovidos pelos professores (as) nas comunidades virtuais do Orkut destinadas à agregação dos

⁸ (NÓBREGA, 2007, p.41)

⁹ (HOBSBAWN;1996)

¹⁰ (PASSERINI, 1998 p. 216)

mesmos. De repente flagrei-me refletindo sobre essas novas formas de agrupamentos de pessoas e como esses sujeitos transformados em usuários pela rede (internet) têm se apropriado desse novo canal de comunicação para por em pauta questões que vão desde a possibilidade de fazer “novas amizades”, passando pelos anúncios de concursos na área de educação, até as angústias do “ser professor (a)”.

Navegando na internet, a primeira rede social da qual me tornei membro foi o Orkut. Em fevereiro de 2006, movida pela curiosidade diante da empolgação dos colegas na universidade, no período de conclusão da graduação em História, e com a ajuda do meu filho, que acabara de completar 10 anos, passei a ser usuária do Orkut. *“Pronto, mainha, esta é sua conta. Agora é só digitar o nome dos seus amigos neste localizador e adicioná-los. Assim você pode se comunicar com todos eles na hora que quiser.”*¹¹

Foi uma longa tarde de verão, localizando e adicionando os colegas, amigos e parentes, vendo os seus álbuns de fotografias. A partir de então, passei a me conectar ao site quase que diariamente para enviar e responder recados. O site ia se tornando cada vez mais sedutor. A possibilidade de me comunicar com parentes que estavam longe instantaneamente era muito agradável, e economizava muito na conta de telefone.

Aos poucos fui me familiarizando com as ferramentas disponíveis no site, e assim tomei conhecimento das comunidades virtuais disponíveis. Eram tantas, dezenas, centenas. Bastava clicar no ícone “participar” e pronto, você poderia participar dos fóruns de debates, opinar e conhecer pessoas com afinidades semelhantes às suas. As pessoas que visitavam seu perfil logo podiam ver a partir das comunidades de que você era membro, seus gostos musicais, suas preferências literárias, religiosas, suas opções teóricas, entre outras.

Era interessante ver como os usuários do Orkut criavam e participavam de comunidades até então inimagináveis por mim, que já estava lecionando a disciplina História como: *“Odeio professor de história”*, criada em 26 de fevereiro de 2005, a comunidade reúne 2.472 membros e tem a seguinte descrição:

Quem nunca teve um Prof. Pé no Saco de História? Comunidade dedicada àqueles que já “sofreram” com as aulas, ou com as atitudes insanas de algum deles (só queria deixar bem claro, que nem todos

¹¹ Fala do meu filho Álef Huan Pereira Souto, 16 anos hoje.

professores dessa nossa AMADA matéria, pagam seus pecados aqui....Entrem , debatam e comentem aqui suas experiências...¹²

Comecei então a perceber algumas tentativas de fabricação de identidades para o professor/a de história já na descrição da comunidade; “*pé no saco*”, “*promotores do sofrimento dos alunos*” a partir de “*atitudes insanas*” e essas características associadas ao professor/a de história vão legitimando-se nos debates propostos nos tópicos criados no fórum da comunidade, em que os alunos/as narram suas experiências, inclusive citando nomes e instituições de ensino.



13

No fórum localizamos vinte tópicos, dos quais apenas cinco não estão diretamente associados à proposta apresentada pela comunidade, de compartilhar com os outros membros a indignação com relação aos seus professores de história, “chatos”. Não há atividade regular nos debates, mas, o número de membros é bem significativo considerando o número de membros da comunidade oposta: “*Eu amo professores de história*” com apenas 50 (cinquenta membros) e com a seguinte descrição:

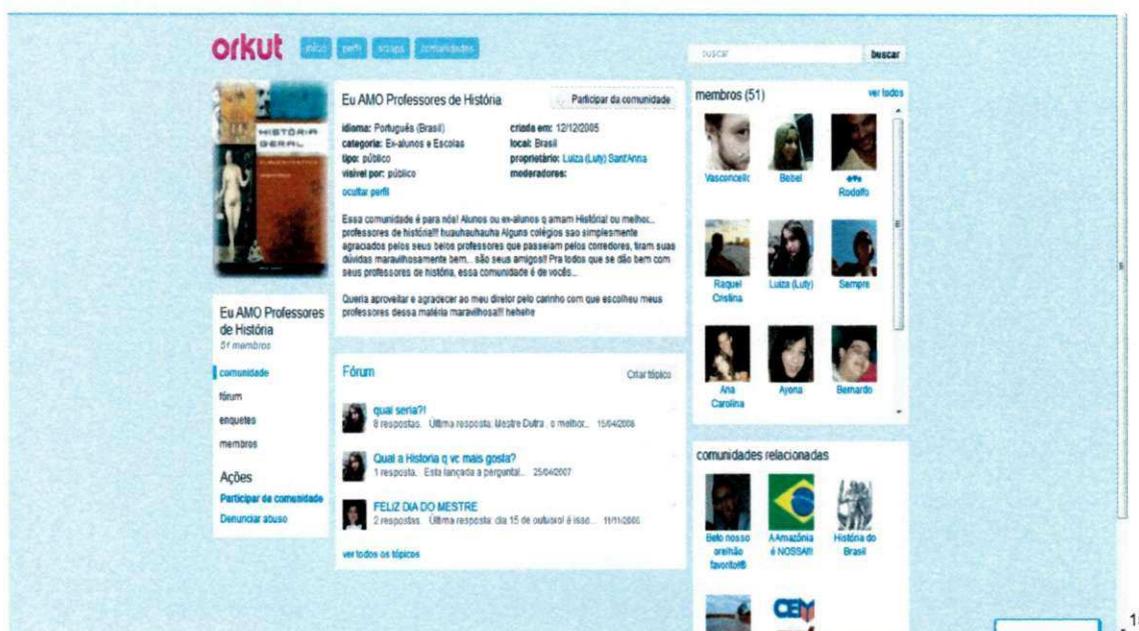
Essa comunidade é para nós! Alunos ou ex-alunos q amam História! ou melhor... professores de história!!! huauhauhua Alguns colégios são simplesmente agraciados pelos seus belos professores que passeiam pelos corredores, tiram suas dúvidas maravilhosamente bem... são seus

¹² Descrição da comunidade. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1427387>

¹³ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1427387>

amigos!! Pra todos que se dão bem com seus professores de história, essa comunidade é de vocês...¹⁴

Impressionou-me algumas discrepâncias em relação a essas duas comunidades que se opõem. A quantidade de membros da primeira, 2.472 em relação à segunda, 51. O número de tópicos abertos no fórum de debates de cada uma delas, vinte na primeira contra três da segunda, que criada em 2005 só houve uma atividade no fórum em 2006, outra em 2007 e mais uma em 2008. E o que me chamou mais atenção: a quantidade de membros que afirmam odiar seus professores/as de história em detrimento de uma minoria que diz amá-los.



A curiosidade e inquietação só aumentavam. Passei então a participar de algumas comunidades com as quais me identificava, e entre elas muitas destinadas a professores (as), especificamente aos de História, que era o que eu havia me tornando mesmo antes de terminar a graduação. Passei então a frequentar com mais assiduidade algumas dessas comunidades que agregavam professores (as), atraída por algumas discussões que aguçavam cada vez mais minha curiosidade.

Sempre me inquietou muito a formação de professores (as). A escola como instituição moderna, normalizadora, legitimadora de saberes e identidades, produtora de corpos dóceis. Essas inquietações me conduziram a produzir uma

¹⁴ Descrição da comunidade. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7035074>

¹⁵ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7035074>

monografia de conclusão de curso intitulada *Educação Formal Feminina na década de 1920 na Parahyba do Norte*, problematizando como e por que as meninas tornavam-se professoras nas Escolas Normais da cidade, e como era “ser professora” nesse período em que a produção da normalidade, através do controle dos corpos, era determinante para a manutenção da escola moderna inserida numa sociedade patriarcal em que o magistério abria as portas para a profissionalização feminina. O tema da monografia deixou-me bastante inquieta com o curso que a educação tomou do período analisado (1920) até o deságue em pleno século XXI.

E assim, navegando na internet, conectada ao Orkut, passei a pesquisar sobre comunidades que agregavam professores. Encontrei 16 comunidades intituladas “*Professores de História*”¹⁶ além de outras tantas também relacionadas à História com outros títulos. Fiquei bastante instigada, ávida por explorar o que acontecia nesses novos espaços de diálogo, e que envolviam outros professores (as) como eu.

Comecei a perceber que havia certa regularidade discursiva nos debates propostos nestas comunidades, com tópicos como *Vale a pena ser professor? Conformados com os salários? A relação dos professores de História com Pedagogos; Como conduzir aula para determinadas séries, Como lidar com a violência vivenciada na escola na atualidade, Professor de História e tatuagens*, entre outros discursos envolvidos no contexto contemporâneo da educação, especificamente no Brasil.

Dei-me conta que tais discussões propostas sintonizavam com algumas das minhas angústias no exercício do “ser professor (a)” e que aqueles espaços de diálogos poderiam estar produzindo algum sentido e então passei a questionar: estavam sendo criados numa tentativa de aproximar pares, e proporcionar uma possível interatividade que não dispunha mais de tempo para acontecer presencialmente no cotidiano escolar devido ao aceleração desenfreado dos fluxos na vida cotidiana na era da globalização? Ou será que funcionavam apenas como mais uma forma de entretenimento que dava fuga as aflições do cotidiano escolar?

O problema começava a tomar forma, e estava ali diante de mim, na tela do meu PC¹⁷. As fontes estavam lá, as questões emergiam o tempo todo diante de cada

¹⁶ Disponível em: www.orkut.com. Acesso em julho de 2011

¹⁷ Sigla empregada em língua inglesa: Personal computer (Computador pessoal)

experiência narrada que eu lia, e até opinava quando achava o debate interessante. Mas era necessário fazer escolhas, recortes. E então o momento crucial: o que abordar? Quais e em quantas comunidades pesquisar? Como interrogar as fontes? Qual a linha de pesquisa, as opções teórico-metodológicas? Começamos então por interrogar as fontes.

Quantos são os usuários das comunidades virtuais do Orkut que se identificam professores? Para quem escrevem? Quais suas expectativas? O que silenciam? Quais eventos históricos estavam envolvidos no momento em que escreveram? Quais as temáticas recorrentes? O que selecionam para narrar? Como narram? Qual o efeito que produzem? A participação nas comunidades serviria para cicatrizar o desencanto com a profissão? O que dizem sobre a escolha da profissão? Com quem se relacionam na escola? O que falam sobre a formação acadêmica? Do ponto de vista histórico, como as temáticas recorrentes ao lugar do professor de história são discutidas? Como os professores subjetivam suas experiências na sala de aula? Quais narrativas privilegiam para conceber “seu” lugar na educação? Quais leituras fazem de suas vidas? Essas questões fizeram parte do interrogatório das fontes.

Decidimos então lançar âncora numa das comunidades intitulada “*Professores de História*”, criada em 07 de Fevereiro de 2005, com a seguinte descrição:

“A maior comunidade de Professores de História do Orkut, Esta comunidade é dedicada a professores, estudantes, ou simplesmente amantes desta Ciência Humana que é a História! A figura que representa esta comunidade é a do Dom Quixote, o Cavaleiro Errante! Uma mera alusão à profissão: Professor de História! Postagens de pedido de ajuda p/ ‘lição de casa’ serão deletadas e os membros serão expulsos”.¹⁸

A escolha foi baseada em critérios simples: primeiro por se tratar da comunidade que reunia o maior número de usuários identificados como professores/as de História: 20.979 membros¹⁹, embora muitos membros só estivessem ali por gostarem de história - e segundo por contar com uma abertura intensa e regular de tópicos no fórum de debates e com uma participação “razoavelmente ativa”²⁰ dos membros nas discussões, visto que a maioria das dezesseis comunidades assim intituladas mais acumulava membros (páginas pessoais) do que discussões.

¹⁸ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1292484>

¹⁹ Dados do Orkut.com Acesso em Julho de 2011.

²⁰ Nessa comunidade, pelo menos 1/3 dos debates propostos nos tópicos têm pelo menos dez comentários.

The image shows a screenshot of the Orkut website. At the top, there is a navigation bar with the Orkut logo and tabs for 'Página Inicial', 'Perfil', 'Grupos', 'Amizades', and 'Busca'. Below this, the main content area is titled 'PROFESSORES DE HISTÓRIA'. On the left, there is a sidebar with a community icon and the text 'PROFESSORES DE HISTÓRIA (20.879 membros)'. The main content area includes a description of the community, a list of members (20,879), and a forum section. The description mentions the community's dedication to history and its members. The forum section shows a topic titled 'tópico' with a post from 'postagens' and an 'última postagem'.

21

Eis que surge a primeira inquietação relacionada à comunidade: Por que a imagem que representa o professor/a de história e/ou historiador/a é o Dom Quixote? Como não encontrei nenhum tópico relacionado a essa discussão, criei um no dia 07 de novembro de 2011²² e alguns membros responderam meu questionamento sobre a imagem que representa a comunidade, ou seja, a relação entre o personagem Dom Quixote e a profissão professor/a:

Acho que é porque ele luta contra moinhos de vento imaginários. No caso o Quixote seria o professor de história, e os moinhos de vento seriam as interpretações que ele faz da história. - E veja! O que mais se vê por aqui é gente querendo enxugar gelo!! rrs (brincadeira)²³. DOM QUIXOTE!!!! Porque é um sonhador e antes de tudo é um personagem neutro. Nem comunista e nem capitalista selvagem!!!!!! Para mim está tudo bem...²⁴

Nesses diálogos comecei a perceber várias tentativas de legitimação de identidades para os professores (as) de história. No primeiro post o/a professor/a é identificado como o sujeito que luta contra as “verdades”, que são apenas moinhos

²¹ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em:

²² Abertura de tópico. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5649690609304026145>

²³ Post de usuário realizado em 08/09/2011. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5649690609304026145&na=4&nst=1&nid=1292484-5649690609304026145-5650420766985099873>.

²⁴ Post de usuário realizado em 08/09/2011. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5649690609304026145&na=4&nst=1&nid=1292484-5649690609304026145-5650420766985099873>

imagináveis e que pode está realizando uma atividade sem sentido, que não há como dar conta nunca: “enxugar gelo”. No segundo, o professor/a é identificado como sonhador e neutro, envolvido apenas com seus sonhos, sem tomar partido algum. Mas, seriam essas características inerentes aos professores/as de história? Seria mesmo o Dom Quixote o personagem adequado para nos representar?

Dom Quixote, - protagonista da obra Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes, publicado pela primeira vez no século XVII em Madri - um pequeno fidalgo castelhano que perdeu a “razão” por demasiada leitura de romances de cavalaria e passou a imitar seus heróis preferidos. Envolve-se numa série de aventuras em suas incursões, ao lado de seu fiel amigo Sancho Pança, mas suas fantasias são sempre desmentidas pela dura realidade. Seria, pois o professor/a de história um desprovido de “razão” perdido em suas próprias fantasias que estão sempre sendo acordado por esbarrar na dura “realidade”? Ou um sonhador que opta por permanecer sonhando sem se envolver com a realidade?



Ansiosa por analisar esses diálogos entre professores/as de história nesse novo espaço de agrupamento e discussão decidi então concorrer com a proposta deste trabalho no final do ano de 2009 a um processo de seleção para a linha de pesquisa: Cultura, Poder e Identidades neste programa. Por acreditar que a pesquisa se

²⁵ Imagem disponível em: www.google.com.br/ateus.net

aproximava da proposta desta linha, no sentido de se preocupar com a problemática cultural em sua interface com as relações de poder e a questão das identidades, a partir de aspectos como: a preocupação em estudar as culturas do povo para além da dicotomia erudito/popular e com vistas à apreensão de que as tensões e/ou conflitos sociais devem ser pensadas especialmente em termos simbólicos; as práticas e representações recortadas do cotidiano do mundo social; o estudo dos significados simbólicos inscritos nas ações e no pensamento dos homens e mulheres e sua leitura como um texto.

Apostamos na possibilidade de estabelecer conexões entre as múltiplas possibilidades ofertadas pelo advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana dos sujeitos envolvidos na pesquisa: os professores/as de história. Preocupamo-nos em “*historicizar*” as novas formas de interagir, estabelecer relações e formar comunidades, agregados virtuais, a partir da prática de uma escrita de si coletiva, adotada pelos professores nesse início de século, numa possível tentativa de troca de experiências.

Acreditamos que refletir como as identidades que estão sendo pensadas, inscritas como texto, construídas e forjadas no espaço escolar pode ser fundamental para a compreensão das rupturas e continuidades que atravessam a instituição escolar e chegam ao ciberespaço através das comunidades virtuais inseridas nas redes sociais.

Neste sentido, acreditamos que nossa pesquisa poderá apresentar contribuições significativas para a História da Educação contemporânea, visto que, torna-se inviável pensar a escola hoje, sem que seja revisitada sua trajetória histórica, a partir do projeto de escola moderna idealizado no século XIX, que culminou na sua atual estrutura. Assim como a análise que estamos fazendo sobre a relação Comunicação e Identidade, ou seja, como o sujeito assume esta ou aquela identidade no processo de comunicação via internet e como ele identifica os outros e a si dentro da escola do século XXI inserida nessa nova sociedade que aqui chamaremos de cibersociedade.

Acreditamos ser a escola a instituição que pode está diretamente envolvida nessa discussão sobre identidade por ser ela mesma uma instituição com saberes legitimados, capaz de forjar identidades e de tentar fixá-las através do controle exercido pelas normas. Crianças e adolescentes (alunos/as) devem frequentar a escola durante anos, com o objetivo de tornarem-se “bons” adultos, pessoas

educadas, higienizadas, ou seja, “civilizadas”, preparadas para viver em sociedade. E os professores/as devem assumir a responsabilidade de tornar tudo isso possível, ou seja, a escola acaba legitimando uma identidade fixa para o professor (a) e outra para o aluno(a).

Assim, aproximamo-nos de autores que discutem os conceitos de identidade²⁶ para pensar o fluxo itinerante das identidades na contemporaneidade, a partir da variação de um processo de identificação nos agregados virtuais (comunidades); de comunidades virtuais²⁷ no sentido de analisar em que sentido esses agregados se reconhecem enquanto comunidade e, parecem funcionar a partir de interesses coletivos, mantendo as individualidades.

Também nos aproximamos de autores que estão discutindo o conceito de ciberespaço e suas derivações, cibersociedade e cibercultura²⁸, no sentido de analisar como esse “novo” espaço vem se configurando como que numa ágora “pós-moderna”, com outra praça, outras flores, outros jardins e outros diálogos, articulando teórico-metodologicamente nossas discussões, tornando-as pertinentes, para além das curiosidades, ancoradas em conceitos que darão sustentabilidade à nossa pesquisa.

É sabido que as discussões sobre identidade estão em pauta na contemporaneidade, e os sujeitos da educação, assim como todos os outros, também estão sendo convocados a assumirem identidades, que é o que classifica e hierarquiza o sujeito na sociedade. Mas as identidades nesse início de século não se ancoram mais na rigidez imposta pela modernidade ao sujeito; tornaram-se fluídas, mas sua fluidez deve ser controlada, o que nos leva a um paradoxo que parece representar uma discussão interminável, porém legítima.

Pensamos na impossibilidade de se impor uma identidade fixa, única, mas, mesmo assim, parece haver uma tentativa de silenciar, anular esse sujeito multifacetado, o que parece ser uma das causas da tão temerosa “crise identitária” do século XXI, ou seja, o sujeito sente-se múltiplo, mas deve ser fixo e/ou deseja ser fixo e se emaranha na multiplicidade mesmo sem se dar conta. E a quebra de paradigmas – paradigmas que envolviam os discursos produzidos pelas instituições modernas, que pareciam dar conta da primeira metade do século XX e agora

²⁶ Stuart Hall (2006); Zigmunt Bauman (2005) e Tomás Tadeu da Silva (2000)

²⁷ Michel Mafessoli (2006) e Raquel Recuero (2005)

²⁸ Pierre Levy (1999), Rovilson Britto (2009) e André Lemos (2010),

conflitam com os sujeitos do século XXI, parece não dar conta dessa nova sociedade, – vai se configurando em consonância com uma nova sociedade composta por novos sujeitos. Sobre isso argumenta Tomás Tadeu:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade²⁹.

Nesse sentido, partido do pressuposto de que as identidades são sempre construídas dentro do discurso e não fora dele, é que nos propomos realizar o exercício de analisar as escritas dos professores/as no ciberespaço do Orkut, com a preocupação de entender como estão sendo (des) construídas a partir dessa escrita relacionada ao discurso da instituição escolar moderna, esta ou aquela identidade para e pelos professores (as), nesse início de século marcado pelo inevitável avanço das novas tecnologias da comunicação e informação, e de uma sociedade marcada por sujeitos compostos por identidades multifacetadas, fluídas, itinerantes, que não se fixam neste ou naquele lugar.

Para tanto, pretendemos fazer o exercício de analisar os diálogos entre os professores/as (membros da comunidade citada), partindo de fragmentos de textos descontínuos - (fala/escrita) dos usuários - não oficiais, tidos muitas vezes como insignificantes pela historiografia “tradicional”, na tentativa de montar um todo, não no sentido globalizante, mas um todo resultante de um trabalho de análise de discurso que se propõe a operar em torno dos discursos e não no seu interior, para entender não sua essência, mas como foi construída a base que o sustenta.

Em *A Arqueologia do Saber* (1969), Foucault especifica o método arqueológico como uma forma de descobrir e descrever as regras que dirigem os discursos, e entender como estes produzem os objetos sobre os quais falam. Isto significa segundo Foucault,

(...) que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É

²⁹ (SILVA, 2000 p. 84)

esse *mais* que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever³⁰.

Segundo Fischer (2001), para Foucault, analisar o discurso seria tentar dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos e estão para além dos signos que representam as palavras e as coisas, e nesse sentido estaremos desenvolvendo uma análise que seja capaz de desnaturalizar a suposta neutralidade dos discursos – no caso da nossa pesquisa, dos professores (as) no ciberespaço – e mostrar a relação histórica entre discurso e prática, reafirmando que o discurso constitui a prática³¹, o que os torna indissociáveis. “O convite de Foucault é que, através da investigação dos discursos, nos defrontemos com nossa história aceitando pensar de outra forma o agora que nos é tão evidente.”³²

Para Foucault, o discurso não é somente lugar de expressão de um saber, mas que através dele o poder se exerce. Há em todo discurso uma “vontade de verdade” que, ao trazer em si a oposição entre o verdadeiro e o falso, classifica algo como verdadeiro. Vontade, que para o autor, precisa ser questionada, possibilitando compreender as condições de formação de um discurso, percebendo por quais desejos e poderes o sujeito luta e quer se apoderar.

Enfim, conduziremos nosso trabalho no sentido de experimentar o momento atual no que se refere às tecnologias da informação disponíveis, a fim de analisar historicamente a partir dos discursos dos professores/as como as mudanças promovidas por elas têm contribuído para o descentramento do sujeito na contemporaneidade e sua relação com as identidades produzidas por ele e para ele, considerando que as tecnologias digitais têm ocupado um papel muito importante nas mudanças experimentadas pelos sujeitos na contemporaneidade.

Como artefatos culturais, as novas tecnologias não podem ser deixadas de lado, mas não é suficiente falar em redes sociais na internet, levando em conta os aspectos tecnológicos e esquecendo os sujeitos que interagem uns com os outros através desses canais de comunicação. Para isso precisamos ser capazes de compreender o conjunto complexo composto pelos aspectos humano e tecnológico que compõem as redes sociais.

³⁰ (FOUCAULT, 2005a, p. 55)

³¹ (FOUCAULT, 1996)

³² (FISCHER, 2001 p. 222)

Nossa dissertação está dividida em dois capítulos. O primeiro intitulado: *Cibersociedade, ciberespaço e cibercultura: a história de uma “nova” sociedade?* Daremos destaque às transformações sofridas pela sociedade ao longo dos tempos e como essa “nova sociedade” está produzindo sentidos (cultura/ cibercultura) cotidianamente nesse “novo espaço” denominado “ciberespaço”. Elegemos como problema as redes sociais (especificamente o Orkut), e procuraremos fazer o exercício de problematizar historicamente como as mudanças proporcionadas pela tecnologia, especificamente a conectividade proporcionada pela rede mundial de computadores (internet), na chamada Era da Informação, estão (des) construindo outra História da Educação a partir de um possível novo espaço de sociabilização, o ciberespaço, analisando os sentidos atribuídos a ela na atualidade,

No segundo capítulo, *Professores/as na Era da Informação: conexão, sociabilidade e des (construção) de identidades* analisaremos as formas como a rede está sendo utilizada pelos professores, refletindo sobre a participação dos mesmos nas comunidades virtuais. Se, serviria apenas para cicatrizar um possível desencanto com a profissão - o que dizem/escrevem sobre a escolha da profissão; com quem se relacionam na escola; o que falam sobre a formação acadêmica, analisando do ponto de vista histórico, como as temáticas recorrentes ao lugar do professor(a) de história são discutidas e se estão engendrando identidades para os professores que não se fixam “neste” ou “naquele” lugar, propiciando outras formas de inventar o cotidiano.– ou se não passaria de mero entretenimento com o intuito de criar uma outra “realidade” oposta a vivida no cotidiano escolar.

Capítulo I– Cibersociedade, ciberespaço e cibercultura: a história de uma “nova” sociedade, de um novo espaço, de uma nova cultura?

*"Quem cyber sabe quem não cyber sobra"*³³

Estariamos, pois, diante de uma nova sociedade? Ou apenas diante das consequências das transformações sofridas pela sociedade ao longo dos tempos? Cibersociedade, parafraseando alguns teóricos do mundo ciber (cyber)³⁴: sociedade globalizada por meio de computadores interligados em rede, na qual seres humanos, máquinas e softwares interagem. Interação ou interatividade, do ponto de vista social, se constitui por uma relação de troca entre sujeitos, capaz de alterar comportamentos e (des) construir identidades.

É possível perceber que, na denominada cibersociedade, instaura-se um novo modelo de propagação de informação e conhecimento, assim como a (des) construção de um "novo" sujeito, capaz de surfar por entre as gigantescas ondas geradas pelo tsunami de informação e conhecimento que inundam o ciberespaço, domando-as através da interatividade proporcionada pela superação do sujeito passivo, apenas receptor de informações, transformado agora em ciber-ator, ou web ator, podendo dispor de ferramentas que possibilitam a constituição de grupos de pessoas num espaço imaterial, considerado um "não-lugar", o ciberespaço, capazes de interagir entre si e ressignificar técnicas dando outros sentidos à tecnologia. Para Lemos:

A conjugação de uma tecnologia retribalizante (o ciberespaço) com a sociabilidade contemporânea vai produzir a cibercultura profetizada por McLuhan. Parece que homogeneidade e o individualismo da cultura do impresso cedem, pouco a pouco, lugar a conectividade e à retribalização da sociedade³⁵

Lemos utiliza o conceito de tribalismo e neotribalismo de Mafessoli³⁶ para explicar a emergência dessa nova forma de estar junto, de estar em comunidade, de sociabilizar experiências sem que, para isso, seja necessária a presença física, já que o espaço (ciberespaço) também não é físico, o que não impede esse agrupamento de pessoas que compartilham de ideias semelhantes.

Para Pisane e Piotet, *Em vez de depender de uma única comunidade inicialmente local, somos cada vez mais conduzidos a nos conectar a uma grande*

³³ Letra da música Hacker composta pelo compositor e intérprete Zeca Baleiro.

³⁴ Termo criado em 1948 a partir do grego kubernetes, que significa "piloto", "dirigente". (NICOLA, 2004)

³⁵ (LEMOS, 2010 p.71)

³⁶ (MAFESSOLI, 2006)

*variedade de redes menos densas e mais dispersas geograficamente,*³⁷ mas não menos importantes. Mafessoli aponta para o surgimento de uma cultura na contemporaneidade que quebra o paradigma moderno do individualismo, fazendo-se entender que as tecnologias cibernéticas alimentam uma nova forma de sociabilidade, produzindo a cibercultura. Como reitera Lemos: *A tecnologia que foi durante muito tempo um instrumento de racionalização e separação parece transformar-se numa ferramenta convivial e comunitária*³⁸.

Iniciamos esse trabalho refletindo sobre essa nova sociedade, aqui renomeada de cibersociedade propositalmente, visto que a rede (ciberespaço) jamais poderia ser constituída apenas pela internet e os equipamentos funcionais que lhe fornecem suporte, se não fosse o ato de criação dos sujeitos e suas capacidades de operacionalização. Por isso, acreditamos que este seja o momento de experimento de uma nova sociedade. Ciber, por estar conectada globalmente através da criação de um novo espaço não mais apenas físico-geográfico (ciberespaço); ciber, porque oferece a possibilidade de experimentar e sentir novas práticas culturais, (cibercultura). E, pela correnteza do mar, é bem provável que quem não estiver mergulhado nessa nova sociedade, sobre, ou seja, fique de fora.

Ciberespaço, cibersociedade e cibercultura são termos indissociáveis, pois apresentam uma correlação lógica, pois para que haja uma sociedade ciber é necessário um espaço também ciber que a reacomode, e, reacomodada nesse novo espaço, passará a produzir uma cultura equivalente, então ciber, ou seja, novos sujeitos, vivendo em uma nova sociedade e naturalmente transformando a cultura. Para Nicola: *O ciberespaço reúne a nova sociedade da informação que se organiza num espaço sociotécnico, suportada por uma linguagem hipertextual de códigos HTML*³⁹ *que consiste em diferentes nós de texto digital*⁴⁰.

Nessa cibersociedade que arrebatava para si os mais diversos olhares, técnico, histórico, sociológico; de pontos de vista, pessimista e/ou otimista, o que mais tem chamado atenção tem sido o aumento da interatividade entre os sujeitos propiciada principalmente pelo encurtamento das distâncias em virtude da evolução tecnológica cada vez mais acessível, tornando possível a constituição de grupos que a partir da

³⁷ (PISANE & PIOTET, 2010 p.66)

³⁸ (LEMOS, 2010 p. 81)

³⁹ HTML é a abreviação de HyperText Markup Language, é uma das linguagens utilizadas para desenvolver páginas na internet. No Orkut, esse HTML se refere aqueles scraps com gifs, bordas, letras diferentes, etc.

⁴⁰ (NICOLA, 2004 p.26)

convivialidade mesmo que efêmera podem trocar informações comportamentais permitindo a des (construção) de identidades.

Entre os pessimistas com relação ao ciberespaço e a cultura produzida nele podemos destacar o sociólogo Jean Baudrillard:

A comunicação mediatizada pelas novas tecnologias como a internet, por exemplo criaria um deserto social. [...] A cibercultura é uma configuração sociotécnica de produção de pequenas catástrofes que se alimentam das fusões, impulsões e simbioses contemporâneas: o usuário interativo da cibercultura nasce do desaparecimento do social e da implosão do individualismo moderno⁴¹

Para ele, o convívio dos sujeitos no ciberespaço poderia acabar de vez com o convívio presencial, com as interações físicas, o que se configuraria como o cumprimento da teoria do caos social. Na contramão de toda essa preocupação com o futuro das relações e desse pessimismo encontramos Pierre Levy que se posiciona de forma otimista:

Usar uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos, e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades. [...] Mas, as características virtualizantes e desterritorializantes do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto.⁴²

Levy vê o ciberespaço como um espaço que possibilita a conexão de todos, expondo as subjetividades existentes, reiterado que: *O virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes*⁴³

Poderia, pois, ficarem alheios os professores/as diante da emergência dessas novas formas de espaço, sociedade e práticas culturais? Uma mudança gradual, mas intensa, vem ocorrendo no final do século XX e início do século XXI, nessa instituição fundada pelo projeto moderno, racional e individual. Para Melo e Tosta: *A escola, enquanto instituição formadora, e os professores, enquanto agentes dessa formação, juntos têm um grande desafio em relação à mídia na escola e para a escola*⁴⁴.

Portanto, é importante que os professores/as na contemporaneidade não se neguem a conhecer e refletir sobre as novas práticas que a educação, com o auxílio

⁴¹ Apud (LEMOS, 2010 p. 74-75)

⁴² (LEVY, 1999 p. 26 e 52)

⁴³ (LEVY, 1996 p. 15)

⁴⁴ (MELO & TOSTA, 2008 p. 23)

da tecnologia, oferece para utilizar no cotidiano, no sentido de atualizar os saberes e práticas, afastando os riscos de continuarem a promover em seu cotidiano métodos obsoletos incompatíveis com os saberes anteriores dos alunos/as, e sendo sempre agentes que conduzem os processos de apropriação e ressignificação criativos para desconstrução da ideia de passividade com relação à avalanche de conteúdos disseminados no ciberespaço.

1.1- Ciberespaço: um “novo” espaço de sociabilização?

As pessoas conservam suas conexões, certamente, mas elas o fazem enquanto indivíduos, e cada uma gera, as suas redes para conseguir, conforme suas necessidades de informações, uma colaboração, um apoio afetivo, ou um sentimento de pertencer a um grupo.⁴⁵

Sentimento de pertença, busca de informações que, de repente, se desmancham no ar, e a necessidade de apoio afetivo dos usuários da rede agregados em comunidades (ciberespaço), incluindo a mim mesma nesse processo, produzindo uma cultura e sendo atravessados por ela, encheram meus olhos de luz, uma luz que penetrava todos os cantinhos obscuros do, e/ou como nomeá-lo teoricamente, embora estejam a consumi-lo. Talvez pela própria proposta de agregação da comunidade, como podemos analisar na fala desse membro:

Dê uma conferida nos posts da comunidade. Uma minoria deles versa sobre debates historiográficos. A maioria está relacionada a aspectos menos teóricos de nossa profissão. Digamos mais práticos [...] Mas a galera daqui - reitero, não estou desmerecendo nenhum dos integrantes - abre posts para tratar de outros assuntos.⁴⁶

As discussões parecem estar mais relacionadas ao cotidiano dos professores em suas salas de aulas, mesmo porque nem todos têm acesso às novas tecnologias, ao fluxo das redes, seja por falta de tempo, ligado à sobrecarga horária de trabalho, condições financeiras inadequadas, ou dificuldade técnica de acesso, como na fala dessa professora: *“Passei por quatro anos de exclusão digital, tempo que moro na zona rural de Paraty... agora consegui internet pela Vivo. A Internet é*

⁴⁵ Barry Wellmann, “Little Boxes, Globalization, and Networked Individualism”, em www.chass.utoronto.ca/wellman/publications/littleboxes.prd. Apud (PISANE & PIOTET, 2010 p.67)

⁴⁶ Post de um membro em 10/02/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2564720522308244647&kw=Projeto+ararib%C3%A1&na=3&nst=21&nid=1292484-2564720522308244647-2565348652679807112>.

realmente um meio democrático e informativo, quando usamos para o bem..."⁴⁷ No mesmo tópico, outra professora se refere às dificuldades: *"Não tenho lido os blogs e posts porque minha internet doméstica é discada e demora a abrir. Como estou atarefada nas escolas, acabo não tendo tempo para ler nelas - aproveitando a facilidade da 'banda larga' no meu horário de almoço"*⁴⁸.

Nessas falas podemos perceber que há dissonâncias estatísticas quanto ao acesso à internet por professores e professoras das diferentes regiões do país. Mas é possível notar também nessas falas que tão logo esses professores tenham uma possibilidade de acesso, estarão buscando uma conexão, mesmo que seja para narrar suas experiências desagradáveis de falta de tempo para acessar, impedimentos técnicos ou falta de habilidade de manuseio. O primeiro membro citado faz questão de enfatizar que só se usada para o "bem", e aqui supomos que esteja se referindo principalmente à busca por informação e conhecimento, e que esteja a par dos malefícios que podem advir da rede, seja possível ter uma experiência democrática e positiva no ciberespaço.

Nesse sentido é possível perceber que esse não é um "fenômeno" tão global quanto parece. A maioria das pessoas que vivem nos países pobres ainda não adentrou os portais do ciberespaço, porque não teve acesso a um computador e um provedor de internet. Em contrapartida, assistimos no Brasil a proliferação de *Lan Houses*⁴⁹ por toda periferia, ignorando "classes sociais" e limitação intelectual, além dos locais que oferecem acesso gratuito, as chamadas estações digitais, criadas a partir de projetos de políticas públicas que visam à inclusão digital.

A *Ágora* na antiga sociedade romana ficava no cruzamento das ruas principais, onde os cidadãos se reuniam para se sociabilizarem e debater questões em comum. Na cibernética, a *Ágora* não se limita a um cruzamento de ruas principais: ela está diante dos cidadãos através das telas dos PCs, Iphones, Ipads, tablets, sem data, nem hora marcados; os cibercidadãos globalmente conectados participam de reuniões diversas simultaneamente, de acordo com seus interesses individuais. Não

⁴⁷ Post de membro em 09/11/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2564720522308244647&kw=Projeto+ararib%C3%A1&na=3&nst=21&nid=1292484-2564720522308244647-256534865267980711>

⁴⁸ Post de membro em 10/11/2007. <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2564720522308244647&kw=Projeto+ararib%C3%A1&na=3&nst=21&nid=1292484-2564720522308244647-2565348652679807112>.

⁴⁹ Lan house é um estabelecimento comercial onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online.

temos mais a mesma praça, nem os mesmos bancos, os jardins também são outros, mas, a funcionalidade da praça ainda pode ser a mesma, operando com outros suportes.

Todas essas inovações tecnológicas parecem estar modificando as formas de se estudar, pesquisar e escrever história. Os e-books com downloads gratuitos tem sido uma alternativa para o acesso a obras de história e outras, que possibilitam um ganho em termos financeiros significativo pra os leitores. Os professores/as utilizam os blogs para discutir temáticas iniciadas em sala de aula e os alunos podem acessar através dos mais variados suportes eletrônicos multifuncionais disponíveis no mercado.

Pesquisar passou a ser bem mais cômodo, quando se pode ter acesso a documentos praticamente inacessíveis empoeirados nos arquivos e museus sentados em frente ao seu PC. Quanto à escrita, as mudanças não atingiram apenas o ato cognitivo de escrever, isto é, papel e caneta cedendo espaço aos teclados, mas, a forma de publicação também sofreu mudanças. No ciberespaço é possível publicar sem tantos trâmites burocráticos e financeiros, embora problemas como direitos autorais ainda não estejam totalmente resolvidos.

É possível perceber no ciberespaço que o mundo globalizado fragmenta-se a cada instante em pequenos mundos virtuais que parecem ansiar por um retorno ao tribalismo, opondo-se ao conceito racional de individualidade proposto pela modernidade. Essa racionalidade exacerbada que contribuiu para o individualismo moderno parece ter provocado o movimento inverso: as pessoas desejam estar juntas, mesmo que virtualmente, elas parecem sentir necessidade de pertencer a grupos que compartilhem afinidades. Para Mafessoli:

Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma socialidade empática; partilha das emoções, partilha dos afetos [...] O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social.⁵⁰

Esse sentimento de pertencimento parece tomar proporções mais intensas no ciberespaço, idealizado por alguns como a polis perfeita, onde tudo é possível, onde “todos” têm acesso às oportunidades, e são aceitos sem restrições, para além dos problemas do mundo material. Wertheim compara a emergência do ciberespaço com

⁵⁰ (MAFESSOLI, 2006 p. 11)

*“o reino perfeito oferecido pelo cristianismo, situado não atrás dos portais do paraíso, mas além dos portais da rede, atrás das portas eletrônicas '.com', '.net', '.edu'”*⁵¹. Mas, que espaço é esse? Virtual quer dizer o oposto de real?

Para Levy, *“É virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou termo em particular”*⁵². Britto chama de realidade virtual *“todo o grande estoque disponível no ciberespaço que se pode materializar em qualquer terminal, a qualquer instante. Ou seja, virtual não como falso, mas como disponível para se realizar”*⁵³. Trafegar no ciberespaço requer uma separação entre o corpo (físico) e mente (sentimento, pensamento)?

A modernidade instituiu o predomínio do material, do corpo (racionalizado) em detrimento do “Eu” (pensamento, sentimento), o que está pondo em pauta na contemporaneidade reflexões sobre a indissociabilidade entre corpo e mente, e/ou a possibilidade dessa dualidade entre o material e o espiritual. Werttheim faz mais uma vez uma comparação do ciberespaço com o espaço sagrado e tão desejado formulado pelo cristianismo: [...] *“como o céu, o ciberespaço está sendo apregoado como um paraíso desencarnado para almas”*. *“A diferença é que ele oferece uma interação coletiva aqui e agora na terra, e não pós-morte”*⁵⁴ Ou seja, no ciberespaço não há a necessidade da utilização do corpo físico, porque ele pode ser recriado como simulacro a partir da mente que como numa possível vida espiritual pregada pelo cristianismo se dissocia do corpo que já não tem importância nenhuma, podendo assumir as mais variadas formas. Para Michel Hein, filósofo do ciberespaço: *“Em nosso caso de ‘amor’ com essas máquinas (os computadores), estamos em busca de um lar para a mente e o coração”*⁵⁵, Pois os corpos podem estar se tornando obsoletos, numa cultura da mente, dos simulacros produzidos pela cibercultura.

Na comunidade pesquisada, os professores/as utilizam o espaço para expor seus sentimentos, angústias, prazeres, medos entre outros, com relação ao ser professor/a de história, com a “segurança” de estarem em casa, e mesmo assim poderem ser confortados por outros “iguais”, - no sentido de identificação

⁵¹ (WERTHEIM, 2001 p.18)

⁵² (LEVY, 1999 p. 4)

⁵³ (BRITTO, 2009 p.180)

⁵⁴ (WERTTHEIM, 2001, p.14; 171)

⁵⁵ Apud (WERTHEIM, 2001 p.15)

momentânea - professores/as, como podemos observar nos discursos dos mesmos. Observemos o tópico a seguir:

Nesse tópico um membro narra à angústia e ansiedade da sua primeira vez em sala de aula, e cria o tópico provavelmente com o intuito de saber como foi essa experiência para outros professores: "*Estou criando este tópico para saber como é ser professor pela primeira vez, qual a sensação, as dificuldades... Tenho 18 anos e começo o lecionar esta semana.*"⁵⁶ O tópico com dezesseis posts, onde outros membros narram suas experiências sobre a primeira vez em sala de aula começa a ser construído a partir de narrativas individuais que acabam se transformando numa escrita de si coletiva.

O primeiro membro a responder narra da seguinte forma sua experiência:

Frio na barriga. *Me deu* um frio na barriga e muito receio de falar besteira na frente de quase 40 alunos. Mas eu te dou uma dica: não tenha pena num primeiro momento dos alunos e procure conversar com os demais professores da escola para eles te darem uma "forcinha". Dicas pra "enfrentar" uma sala de aula pela primeira vez acho que não as terei, o jeito é encarar, não tem outra saída. Mas não se preocupe, o impacto inicial é passageiro. Um abraço e boa sorte!⁵⁷

⁵⁶ Abertura de tópico. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2462368967014338346&na=4&npr=1&nid=1292484-2462368967014338346-4926050845377974547>.

⁵⁷ Post de membro realizado em 03/05/2006. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2462368967014338346>

Mr. Paleta
03/05/06
Minha Primeira Vez como professor
Estou criando este tópico para saber como é ser professor pela primeira vez, qual a sensação, as dificuldades... Tenho 18 anos e começo a lecionar esta semana.

Carlos Augusto
03/05/06
FRIO NA BARRIGA
ME DEU UM FRIO NA BARRIGA E MUITO RECEIO DE FALAR BESTEIRA NA FRENTE DE QUASE 40 ALUNOS. MAS EU TE DOU UMA DICA: NÃO TENHA PENIA NUM PRIMEIRO MOMENTO DOS ALUNOS E PROCURE CONVERSAR COM OS DEMAIS PROFESSORES DA ESCOLA PARA ELAS TE DAREM UMA "FORCINHA". DICHS PRA "ENFRENTAR" UMA SALA DE AULA PELA PRIMEIRA VEZ, ACHO QUE NÃO AS TEREI, O JEITO É ENCARAR DE FRENTE, NÃO TEM OUTRAS SAÍDA, MAS NÃO SE PREDOUPE, O IMPACTO INICIAL É PASSAGEIRO. UM ABRAÇO E BOASORTE!

Popó
04/05/06
pânico
foi ameiantante, principalmente pq entrei p/ substituir um icone na escola. Porém era minha oportunidade de saber se levava jeito p/ coisa. Valeu muito a pena. Prepre bem sua aula, acrescente histórias pessoais, descontraia a classe assim vc tbem se descontraí. É isso, seja persistente, não se deve abairar por qualquer perreito q através se seu caminho. Boa sorte

Danielson
05/05/06
Minha primeira vez foi foda...
Eu tinha que dar aula pra uma turma que deveria ter uns 70 alunos de pré-vestibular...cara fiquei tão nervoso que minha boca ficou seca...

Popó
05/05/06
Hoje em dia quando vou começar procuro primeiro conversar com a turma espor meu método de trabalho...explicar o que eu entendo com história e tal...

Popó
05/05/06
tá vendo, é bico!!! Todo mundo já passou e continuou vivendo e aprendendo, aliás coisa que nunca vai parar. Sempre os alunos te ensinam algo novo, todo dia, toda hora. Manda baia, meu chapa

Josélia
06/05/06
Bom eu comecei a lecionar em junho do ano pasado cheguei na escola falando dez minutos pras sala de minha ia ser prof eventual assim q chego me vem a inspetora e diz q eu teria q entrar pq a prof de historia nao tava indo desde o começo do ano e as aulas nao tinha ido pra atribuição, fiquei nervosa de chegar la assim sem ter nada preparado ai entrei na classe era uma turma do 1º ano do ensino medio qdo entrei vi alunos dançando em cima de cadeiras a maior confusão um engragradinho acendeu uma bombinha de mal cheiro pedi para q se sentassem fechou a porta mesmo com o fador e ainda disse brincando q estava resfriada portanto nao estava sentindo o cheiro ruim ai comecei a conversar e perguntar o q eles tinha visto de historia e no final deu tão certo fiquei com as aulas ate o final do ano. Ah hj qdo entro pela primeira vez em uma sala me dá um certo friozinho mas depois passa e todo vira uma festa. Boa sorte pra vc. Bjss

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

03/05/06 | < anterior | próxima > | última

58

A primeira sensação narrada demonstra angústia, ansiedade, “frio na barriga”, mas, o membro ressalta a sociabilização com os outros professores como uma estratégia para superar os momentos de angústia iniciais, confirmado a tese de que embora essa sociabilização presencial esteja se perdendo devido à aceleração do tempo causada pelo acúmulo de atividades dos professores/as, ela ainda se faz necessária para que haja trocas de experiências e melhoramento das relações entre professor/aluno.

Outro membro descreve da seguinte forma sua primeira vez:

Foi, horrível, tremi mais que bambuzal em dia de cheia, mas, tive a felicidade de uma das alunas ser conhecida, e viu o meu tremor, e veio perto de mim e disse, calma tudo vai ficar bem, foi então que eu percebi, o quanto um professor é importante, e fluiu normalmente, até os dias de hoje. Mas é o dia que eu não vou esquecer tão cedo.⁵⁹

Mais uma sensação narrada como angustiante, “horrível”, que nos conduz a observar que nas duas falas os professores/as narram de formas diferentes suas experiências, mas, oferecem dicas para o criador angustiado do tópico, professor/a de primeira viagem sobre a primeira vez em sala de aula. Ele não volta para contar no mesmo tópico como se deu sua experiência, mas, provavelmente deve ter lido os posts e levado consigo em sua primeira vez as experiências dos seus pares como

⁵⁸ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2462368967014338346>

⁵⁹ Post de membro realizado em 08/05/2006. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2462368967014338346&na=3&npn=2&nid=1292484-2462368967014338346-4925963876582077016>

referencial para enfrentar suas angústias, já que ambos relatam ser essa angústia, uma experiência comum porém, passageira.

A comunidade através de seu fórum de debate apresenta-se como espaço fértil para a sociabilização daqueles que não tendo outro espaço físico e tempo disponíveis, desejam compartilhar as experiências do ser professor/a no cotidiano. Por isso, acreditamos que o conceito de espaço deva ser mais uma vez revisitado e revisado diante de mais uma transformação histórica por que vem passando ao longo do tempo. Dessa vez, o ciberespaço desnaturaliza o conceito moderno de espaço em termos predominantemente geométrico-físico, pois, estando on-line, onde podemos dizer que estamos em termos físicos e geográficos? Sentados numa cadeira em frente a uma tela, nosso "Eu" (mente) viaja para onde desejar, o que provavelmente exerce um fascínio cada vez forte sobre os sujeitos. Para Wetheim:

"[...] é desse eu imaterial que, de certa forma, o ciberespaço está a serviço. Esse novo espaço digital coloca um desafio inesperado ao paradigma puramente fisicalista dos últimos três séculos. Embora seja verdade que o ciberespaço concretizou-se através de subprodutos da ciência física – as fibras ópticas, os microchips e os satélites de telecomunicação que tornaram a internet possível só puderam eles próprios ganhar existência graças a nossa formidável compreensão do mundo físico -, ainda assim o ciberespaço em si mesmo não está situado no quadro fisicalista do mundo. O ciberespaço é um 'lugar' fora do espaço físico"⁶⁰

O corpo físico não entra no ciberespaço, mas não se dissocia dos sentidos inerentes a ele: os olhos aficcionados na tela, seduzidos pelo turbilhão de imagens que não cessam de se multiplicar a cada instante; os dedos funcionando como voz, conectando-se quase que instantaneamente com o cérebro e dando sentido aos pensamentos e sentimentos, ilimitando-os. Santaella nos apresenta o conceito corpo pós-humano, não no sentido de uma ruptura com a humanidade, mas, de um corpo que supera as barreiras da materialidade e se ressignifica diante das novas tecnologias. Para ela:

São muitas as possibilidades que têm surgido de descorporificação, recorporificação e novas expansões não carnis da mente [...] Aqui se encontram os ciborgs interfacetados no ciberespaço. São os usuários que se movem no ciberespaço enquanto seus corpos ficam plugados no computador para a entrada e saída de fluxos de informação [...] Nesse tipo de corpo -o corpo plugado- o corpo fica plugado no computador enquanto que através do acionamento dos sentidos, visão e tato

⁶⁰ (WETHEIM, 2001 p. 29-30)

especialmente, a mente navega através de conexões hipertextuais e hipermediáticas tanto nos interiores dos CD- Roms quanto nas redes⁶¹

No ciberespaço cabe tudo, práticas culturais diversas, subjetividades itinerantes, pois não se trata de um território limitado. Sendo assim, o ciberespaço pode ser considerado um não lugar, uma terceira margem líquida, entre o concreto e o abstrato, sem recipiente que possa lhe permitir uma forma única, homogênea, sem determinação para os limites do corpo.

Mas o ciberespaço, palco flutuante dessa nova sociedade, não teria sentido sem os usos que a segunda faz do primeiro. Há uma produção intensa, ilimitada, um tráfego caótico de informações e conhecimentos nesse espaço, impulsionados por essa nova sociedade, uma produção cultural diferenciada que aqui nomeamos cibercultura. Sejam os otimistas ou pessimistas quanto às invenções técnico-científicas; é impossível não pensá-la como parte de um todo pertencente à nossa produção cultural, e é preciso tentar entendê-las dentro desse âmbito, o da cultura.

1.2 – Cibercultura: uma “nova” cultura educacional?

Não é possível analisar a cibercultura como algo desvinculando da cultura ou que esteja para além dela, mas como um conjunto de práticas culturais contemporâneas realizadas em um novo espaço, o ciberespaço.

Esta cibercultura dialoga, por assim dizer, com as práticas concretas e reais dos grupos em seu cotidiano, que caracterizamos como real cotidiano, e também com toda a cultura circulante nas mídias tradicionais, que têm ainda força excepcional, e que chamamos de real mediático. Sem hierarquizações definida, esse complexo de significações e práticas acaba por constituir uma só realidade cultural, que é a realidade contemporânea.⁶²

Se chamarmos de cultura o conjunto de práticas materiais ou imateriais desenvolvidas pelos sujeitos na sociedade, então não podemos definir cibercultura como pertencente à outra dimensão que não seja a da cultura, visto que há desenvolvimento pleno de práticas culturais, mesmo que os suportes utilizados para isso sejam outros. Os sujeitos estão fazendo uso de um novo espaço inventado a

⁶¹ (SANTAELLA, 2003 p. 202-203)

⁶² (BRITTO, 2009 p. 172)

partir da tecnologia, que é também uma prática cultural que vem sendo desenvolvida ao longo do tempo no sentido de facilitar uma porção de práticas do cotidiano dos sujeitos.

Mas a modernidade produziu discursos antagônicos sobre a tecnologia. Para os defensores mais fervorosos, ela seria responsável pela libertação do homem do jugo do trabalho pesado, substituindo a força física empregada pelos homens nas suas atividades cotidianas, pela comodidade da máquina, constituindo-se assim no carro superpoderosos que conduziria a humanidade em direção ao progresso. Os pessimistas acreditavam numa provável alienação do sujeito, visto que o trabalho demasiado técnico tornaria mais difícil o desenvolvimento intelectual dos sujeitos.

É interessante notarmos também que a tecnologia moderna foi associada ao expoente da racionalidade, da objetividade, da austeridade, sendo assim oposta a toda e qualquer forma de sociabilidade (o emocional, o subjetivo). No entanto, por mais paradoxal que possa parecer, a tecnologia contemporânea é um dos fatores mais importantes de formação dessa sociabilidade.

Na contemporaneidade também presenciamos a produção de discursos pró e contra a tecnologia, muitas vezes questionando se essas novas práticas facilitadas por ela fariam ou não parte da cultura. Acreditamos que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura, e não precisam ser postas diante da dualidade de boa ou má, pois sujeito e técnica sempre estiveram ligados na história da humanidade. Os sujeitos desenvolvem técnicas, que condicionam a sociedade, mas não as determinam, pois os usos e apropriações não são homogêneos, sendo, portanto ressignificadas durante os variados usos que delas serão feitos. Para Levy:

A técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre: pessoas vivas e pensantes; entidades materiais naturais e artificiais; ideias e representações.⁶³

Podemos então falar em um presente com mudanças de sensibilidades e práticas proporcionadas pelo desenvolvimento de uma cibercultura, que acaba por encontrar um terreno fértil para o seu desenvolvimento, o ciberespaço, gerando uma

⁶³ (LEVY, 1999, p. 22)

cibersociedade que se relaciona de forma peculiar com o tempo e o espaço incompatíveis com as concepções modernas desses dois conceitos. Para Lemos:

O sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediatos) e as redes telemáticas desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, políticas e culturais. O tempo é assim, um modo de aniquilar o espaço. Esse é o ambiente comunicacional da cibercultura.⁶⁴

Essa nova relação entre espaço e tempo, característica do tempo presente, não está tão preocupada com futuro, mas lança âncora no presente, revisitando o passado sempre que necessário. A cibercultura é o uso dos objetos do cotidiano, é a cultura do imediato, performática, participativa, acelerada. “A cibercultura cria-se por uma astúcia dos usos, uma invenção do cotidiano de Michel de Certeau⁶⁵ em direção à convivialidade.”⁶⁶ E a cibercultura se faz nas comunidades virtuais do ciberespaço, nos sites de relacionamentos, nos chats de bate papo ao vivo, nos newsgroups e na comunidade que nos propomos analisar, a partir de novas práticas de escrita, leitura e sociabilidades, definido por ligações tidas como efêmeras e simbólicas, o que não chega a “erradicar a potência da ligação entre os sujeitos e, às vezes, servir-lhe de coadjuvante”⁶⁷. Isso porque as relações iniciadas no ciberespaço podem ter continuidade fora dele, assim como as já constituídas fora poderão ser trazidas para dentro, sem que uma substitua necessariamente a outra.

Para Maffesoli, a lógica individualista se apoiou sobre uma identidade fechada, sobre o indivíduo pertencente a uma família tradicional patriarcal, classe, regime militar e igreja específica, enquanto que a “persona” só existe em relação ao outro. É por isso que a “persona” tem necessidade da tribo para se construir com o outro, pelo outro e no outro, pois é na relação com o outro que se constituem a identidade e/ou a diferença, conceitos indissociáveis, e que por isso devem ser analisados conjuntamente, um complementando o outro.

Nesse início de século, as mídias parecem não ter limite, parecem estar mesmo caminhando no sentido de borrar fronteiras. E o surgimento das que dispomos hoje, quando de sua inserção na educação, sempre provocou mudanças. A televisão, o cinema e agora a internet trouxeram consigo novas práticas educacionais, o que

⁶⁴ (LEMOS, 2010 p.68)

⁶⁵ (DE CERTEAU, 1996)

⁶⁶ (LEMOS, 2010 p.91).

⁶⁷ (MAFFESSOLI, 2006). Apud (LEMOS, 2010 p.87)

possibilitou uma série de metamorfoses na cultura educacional. Já se foi o tempo em que o professor, senhor de “sua” sala de aula, e seu monólogo imponderado de verdade era recebido com “naturalidade” por seus alunos/as. As imagens possibilitam se não uma maior reflexão sobre os conteúdos ministrados, pelos menos, uma quebra na rigidez das aulas muitas vezes enfadonhas, cansativas. Mas o que a internet tem de diferente dessas outras mídias?

Talvez seja a possibilidade de uma maior interação sujeito-mídia oferecida por ela. A passividade proposta teoricamente pela televisão e o cinema, alvo de críticas veementes de teóricos que se colocam contra a “alienação” que os meios de comunicação chamados de “massa” – aqui se referido à televisão e ao cinema – promovem, não pode ser pensada dessa mesma forma com relação à internet, nela os sujeitos são transformados em web atores, segundo Pisane e Piotet:

Não são mais navegadores passivos, que consomem, sem reagir, a informação que lhes é proposta nos sites mantidos por especialistas. Os usuários atuais propõem serviços, trocam informações, comentam, envolvem-se, participam. Eles e elas produzem o essencial do conteúdo da web. Esses internautas em plena mutação não se contentam só em navegar, surfar. Eles atuam; por isso decidimos chamá-los de ‘web atores.’⁶⁸

Mas se a televisão e o cinema também proporcionam imagens qual seria então a diferença entre as imagens televisivas e cinematográficas e as webs imagens? Para Levy, a televisão e o cinema funcionariam como “*dispositivo comunicacional um - todos, onde um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos*”⁶⁹, mas, passivos e dispersos no sentido de interação cognitiva com o meio comunicacional, pois a passividade completa não seria possível tendo em vista que cada telespectador recebe as imagens transmitidas e as ressignifica de formas diferenciadas.

No tópico que analisaremos a seguir, intitulado: *Aula de história no laboratório de informática*, uma professora narra sua experiência: “*Percebi que só as aulas teóricas de história não mais lhes prendiam atenção, eu já não conseguia fazê-los viajar comigo... Senti que eles precisavam de imagens*”⁷⁰. O livro de Introdução aos PCNs orienta os professores com relação à utilização de outros materiais que não seja

⁶⁸ (PISANE e PIOTET, 2010 p.16)

⁶⁹ (LEVY, 1999 p.65)

⁷⁰ Post de membro realizado em 18/05/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587>

possibilitou uma série de metamorfoses na cultura educacional. Já se foi o tempo em que o professor, senhor de “sua” sala de aula, e seu monólogo imponderado de verdade era recebido com “naturalidade” por seus alunos/as. As imagens possibilitam se não uma maior reflexão sobre os conteúdos ministrados, pelos menos, uma quebra na rigidez das aulas muitas vezes enfadonhas, cansativas. Mas o que a internet tem de diferente dessas outras mídias?

Talvez seja a possibilidade de uma maior interação sujeito-mídia oferecida por ela. A passividade proposta teoricamente pela televisão e o cinema, alvo de críticas veementes de teóricos que se colocam contra a “alienação” que os meios de comunicação chamados de “massa” – aqui se referido à televisão e ao cinema – promovem, não pode ser pensada dessa mesma forma com relação à internet, nela os sujeitos são transformados em web atores, segundo Pisane e Piotet:

Não são mais navegadores passivos, que consomem, sem reagir, a informação que lhes é proposta nos sites mantidos por especialistas. Os usuários atuais propõem serviços, trocam informações, comentam, envolvem-se, participam. Eles e elas produzem o essencial do conteúdo da web. Esses internautas em plena mutação não se contentam só em navegar, surfar. Eles atuam; por isso decidimos chamá-los de ‘web atores.’⁶⁸

Mas se a televisão e o cinema também proporcionam imagens qual seria então a diferença entre as imagens televisivas e cinematográficas e as webs imagens? Para Levy, a televisão e o cinema funcionariam como “*dispositivo comunicacional um - todos, onde um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos*”⁶⁹, mas, passivos e dispersos no sentido de interação cognitiva com o meio comunicacional, pois a passividade completa não seria possível tendo em vista que cada telespectador recebe as imagens transmitidas e as ressignifica de formas diferenciadas.

No tópico que analisaremos a seguir, intitulado: *Aula de história no laboratório de informática*, uma professora narra sua experiência: “*Percebi que só as aulas teóricas de história não mais lhes prendiam atenção, eu já não conseguia fazê-los viajar comigo... Senti que eles precisavam de imagens*”⁷⁰. O livro de Introdução aos PCNs orienta os professores com relação à utilização de outros materiais que não seja

⁶⁸ (PISANE e PIOTET, 2010 p.16)

⁶⁹ (LEVY, 1999 p.65)

⁷⁰ Post de membro realizado em 18/05/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587>

exclusivamente o livro didático, enfatizando a importância do uso das novas tecnologias.

A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras.⁷¹



72

Com treze posts, os membros demonstram certa necessidade em compartilhar suas embrionárias experiências com uso das novas tecnologias em sala de aula, como podemos observar na resposta do primeiro membro a postar:

Caros colegas... Sou historiador e atualmente estou lotado no NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) de Campo Grande MS. Gostaria de saber dos colegas, que possuem laboratório de informática em suas escolas, como vocês veem o Ensino da História com apoio dessa ferramenta pedagógica. Se algum tiver algum projeto ali desenvolvido e quiser compartilhar, ficaria muito grato. Como estive alguns anos trabalhando em um laboratório de informática de uma escola tenho um pouco de experiência, e me coloco a disposição dos colegas que precisarem de algum apoio nessa área.⁷³

⁷¹ (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997 p.67)

⁷² Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587>

⁷³ Post de membro realizado em: 15/05/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587>

A preocupação com a utilização das novas tecnologias nas aulas é nítida na fala desse membro que nos permite saber que há um interesse em se discutir essa temática interligando história e práticas de ensino através da criação de núcleos específicos para cultura tecnológica na escola, ou seja, a cibercultura. A necessidade de sociabilização de projetos, mesmos que embrionários é proposta pelo membro que se mostra interessado em compartilhar essa cibercultura através do ciberespaço, o Orkut.

As experiências e também a falta delas, já que o desenvolvimento da cibercultura escolar não acontece de forma linear e homogênea em todo país são diversas. Vejamos as colocações desse outro membro:

Eu acho que o maior problema é a falta de instrução dos professores. No colégio onde leciono recentemente foi instalado um laboratório de informática e poucos professores levam seus alunos lá justamente porque não sabem manusear os computadores. Hoje por exemplo, tenho aulas de reposição, vou dar 4 aulas seguidas para uma turma do 2 ano, já agendei duas aulas no laboratório de informática. Duas *vai* ser na sala. Vou trabalhar a questão do Absolutismo, elaborei um roteiro com algumas questões, cujas respostas não se encontram todas no livro, eles terão que pesquisar na Internet para conseguir achar a resposta completa. Também vou pedir para que pesquisem e encontrem imagens sobre o Palácio de Versalhes etc⁷⁴

Diante da constatação do membro, sobre a falta de conhecimento dos professores/as relacionado às novas tecnologias que estruturam o ciberespaço é preciso lembrar que, fazer com que o aluno/a sintam-se inserido no mundo a sua volta não significa simplesmente utilizar recursos tecnológicos nas aulas. É necessário que o professor/a esteja minimamente inserido no ciberespaço para fornecer suporte aos alunos/as, visto que, a internet tem se mostrado extremamente sedutora, mas também perigosa. Então a necessidade cada vez mais preeminente do uso de computadores como material didático tende a delegar ao professor/a mais tarefas como: está sempre atualizado com o que está acontecendo diariamente na rede, quais os assuntos que estão na ordem do dia, para assim poder utilizar esse conhecimento em sala de aula com o propósito de “instrumentalizar os alunos/as para as demandas sociais presentes e futuras.”

⁷⁴ Post de membro realizado em 24/05/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587&na=3&npr=2&nid=1292484-2532410743913105587-5065969416624562647>

Outro membro compartilha suas experiências com a utilização de novas tecnologias inseridas no ciberespaço com bastante empolgação e apresenta resultados positivos:

Minhas aulas de História na sala de tecnologia são bárbaras... Mas faço diferente de você. Eu preparo a aula, em alguns casos com recurso do PowerPoint, Excel e mesmo o bom e velho Word. O aluno chega ali e a aula já está pronta. Lógico dá trabalho montar, mas para o aluno é motivador e desafiador. Em alguns casos ele trabalha com duas janelas abertas. Monto toda uma atividade desafiadora, onde ele deve criar ilustrações, responder desafios e enigmas...e por aí vai... Mas sempre me preocupo em direcionar os sites de pesquisa, pois penso que se deixar para ele pesquisar em sites como google acaba por perder muito tempo e não sair nada, afinal são 50 min de aula. Meu grande desafio agora é transformar o orkut, que meus alunos vivem acessando em meu aliado no estudo para provas... Da uma olhadinha nessa comunidade que eu criei...⁷⁵

Como podemos observar, esse membro demonstra um nível de conhecimento relativamente técnico em relação às novas tecnologias, basta vê os termos utilizados por ele, típicos dessa cibercultura, e procura adaptá-lo à sua prática de ensino com propriedade razoável fazendo uso do ciberespaço ao criar uma comunidade⁷⁶ para interagir com seus alunos, que já fazem uso da rede social Orkut para fins de entretenimento incentivando a utilização do mesmo para fins de conhecimento e auxílio nas atividades propostas por ele.

Nesse sentido, a internet diferencia-se da televisão e do cinema, pois se configura como “dispositivo comunicacional todos – todos”⁷⁷. O consumo de informações flui numa via de mão-múltipla, onde todos trafegam ao mesmo tempo numa atividade que não se contenta com agentes passivos. Em uma comunidade virtual no Orkut, os usuários postam mensagens que podem ser lidas por todos os outros membros e as quais cada um deles pode responder interagindo cognitivamente através desse meio comunicacional.

O conceito de web atores proposto por Pisane e Piotet se adequa melhor à nossa proposta de trabalho, e é dele que nos apropriamos fazendo os devidos deslocamentos, em substituição ao conceito de sujeito (usuário), caracterizado como aquele que percorre a rede de site em site apenas acumulando informações, o

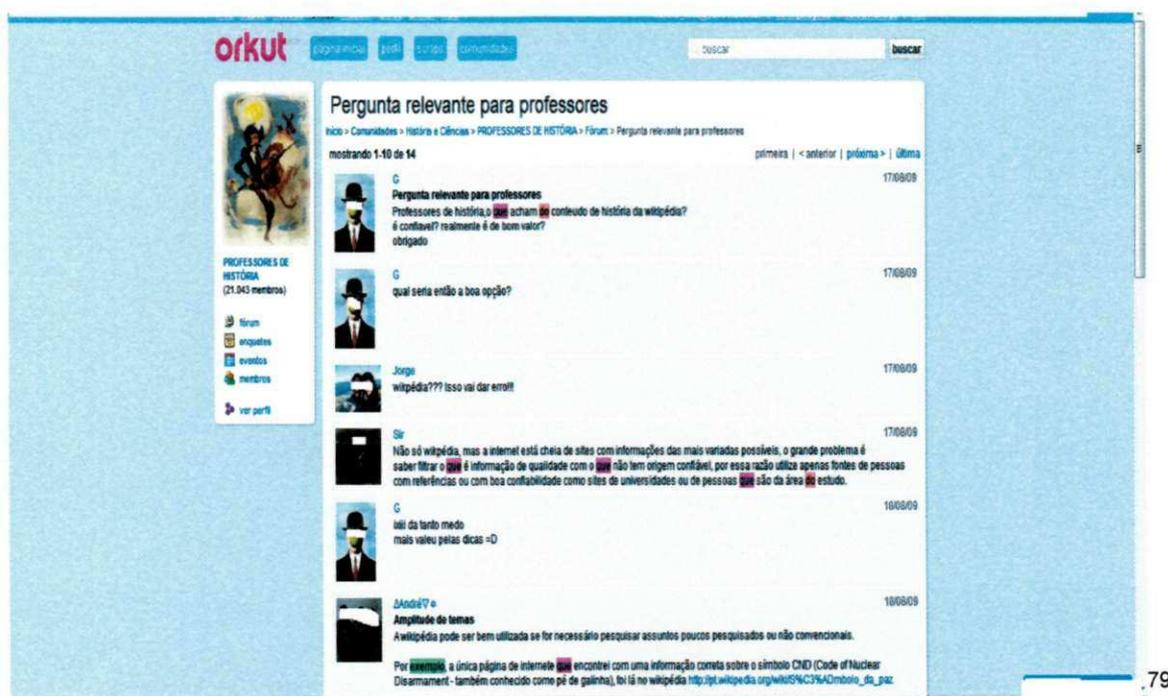
⁷⁵ Post de membro realizado em: 18/05/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2532410743913105587&na=4&npr=1&nid=1292484-2532410743913105587-5066020496722338714>

⁷⁶ Comunidade criada pelo membro para interagir com seus alunos. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=28602871>

⁷⁷ Conceito utilizado por Pierre Levy (1999) em sua obra Cibercultura.

internauta, que passa a ser web ator. “Os internautas consultam a *Wikipedia.org*, a enciclopédia aberta, os web atores escrevem artigos ou corrigem aqueles em que encontram erros”⁷⁸. Esses professores/as podem ser considerados web atores com relação a esse palco, a comunidade. Eles a põe em movimento atuando como narradores de suas experiências, buscando identificação e diferenciação, conectando a novas formas de enfrentamento das agruras do cotidiano.

As críticas à avalanche de conteúdos lançados na rede, tidos apenas como informativos e/ou técnicos, sem nenhum comprometimento com a formação dos internautas (nesse caso, os sujeitos da educação), tendo apenas função cumulativa, têm sido cada vez mais severas, e isso se deve em grande parte ao ranço herdado da concepção moderna que vê a tecnologia como fria, artificial, perigosa, oposta a qualquer desenvolvimento “natural” das habilidades intelectuais humanas. Mas, se pensarmos que a tecnologia é sempre produzida por uma sociedade, dentro de uma cultura, pode-se dizer que a tecnologia é também uma prática cultural e, portanto deve ser analisada dentro e não fora da cultura. A esse respeito, destacamos nos prints a seguir diálogos dos professores/as relacionadas a essa questão.



⁷⁸ (PISANE e PIOTET, 2010 p. 17).

⁷⁹ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Prt screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5370962534756982285>

Nesse tópico, intitulado *Pergunta relevante para professores*, a discussão gira em torno da confiabilidade das informações encontradas na rede. Um membro abre a discussão com a seguinte pergunta: “*Professores de história, o que acham do conteúdo de história da wikipédia?*”⁸⁰ *É confiável? Realmente é de bom valor? Obrigado*”. O diálogo tem prosseguimento com as mais variadas opiniões sobre como lidar com a quantidade extraordinária de conteúdo lançados na rede e não perder-se em meio a esse oceano, selecionando o que for mais coerente.

Não só a wikipédia, mas a internet está cheia de sites com informações das mais variadas possíveis, o grande problema é saber filtrar o que é informação de qualidade com o que não tem origem confiável, por essa razão utilize apenas fontes de pessoas com referências ou com boa confiabilidade como sites de universidades ou de pessoas que são da área do estudo.⁸¹

A rede dispõe de conteúdo de todo tipo, mas é importante ressaltar que o usuário tem liberdade para surfar nos sites e optar pelo conteúdo que mais lhe interessa ou que mais se adequa à sua busca. E deste modo não há como pensar numa passividade total do sujeito, antes, atua como web-ator, pois não é apenas depositário de conteúdos, mas, antes, escolhe, seleciona, recorta, (re)apropria-se deles e os ressignifica. Outro membro oferece dicas de como utilizar o site citado:

A dica que posso dar para consultar a wikipédia é: sempre dar uma olhada no fim do artigo onde há as fontes consultadas. Também, visitar os sites indicados é uma boa, além disso, convém procurar a informação em vários sites da internet e comparar as informações.⁸²

As dicas parecem pertinentes, visto que em cada página do referido site há indicações através de palavras chaves sobre outros sites que tratam do mesmo assunto – esclarecendo que não é nosso objetivo avaliar, classificar ou hierarquizar

⁸⁰ A Wikipédia é uma enciclopédia livre que está a ser construída por milhares de colaboradores de todo o mundo. Este é um site baseado no conceito de Wiki Wiki, o que significa que qualquer internauta pode editar o conteúdo de quase TODOS os artigos acionando o link "Editar" (nas abas de conteúdo) que é mostrado em quase todas as páginas do site. O projeto Wikipédia foi iniciado em 15 de Janeiro de 2001, na versão em língua inglesa. Em apenas um ano de existência, esta versão já possuía quase 10.000 artigos. Até hoje já foram criados mais de 5 milhões de artigos em dezenas de línguas (374.527 artigos na versão em português). Todos os dias, centenas de colaboradores de todas as partes do mundo editam milhares de artigos e criam muitos artigos inteiramente novos. Fonte: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080426210451AA54Tnn>. Acesso em agosto de 2011

⁸¹ Post de membro em 17/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5370962534756982285>

⁸² Post de membro em 17/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5370962534756982285>

a qualidade das informações lançadas no ciberespaço neste trabalho, e sim analisar como os professores/as lidam com elas.

Os professores/as estão discutindo na comunidade como a informação e o conhecimento estão chegando aos alunos/as que, têm cada vez mais acesso ao ciberespaço com preocupação, mas não se mostram passivos com relação a essa questão. Para eles, o aluno vai recepcionar o que está na rede, mas, com a inserção do professor/a nesse novo espaço há a possibilidade de filtragem e classificação dessas informações garantindo uma navegação mais proveitosa provocando uma resignificação positiva do que foi recepcionado.

O próximo tópico apresenta uma discussão que levanta questões bem polêmicas, quanto ao uso da lousa digital⁸³ em sala de aula.

The screenshot shows a forum post on Orkut. The title is "LOUSA DIGITAL" with 53 replies. The first reply is from Fábio Marques on 11/12/2008, with the text: "É F-A-N-T-Á-S-T-I-C-O! 'Pähnl!'". Below it is another reply from Fabricio Maoski on 11/12/2008: "Eu acho que a tecnologia na sala de aula é muito importante. O fato de faltar salas de aula e outras coisas, não justifica que não se invista em tecnologia. Aqui no Paraná, apesar dos muitos problemas da educação que todos conhecem, se investiu muito em tecnologia e isso melhorou muito as condições para dar aula". A third reply is from Fábio Marques on 11/12/2008: "E não discordo que deva haver investimentos em tecnologia na sala de aula. Apenas falo da não existência de uma equidade no repasse dos recursos, onde em alguns lugares a maravilha tecnológica acompanha o ritmo da globalização enquanto em outros... melhor não comentar". The fourth reply is from Fatima - A Musa da História on 11/12/2008: "Toda tecnologia é bem vinda como apoio à educação, e o professor precisa aprender a usá-la como aliada. Porém, não adianta ter as melhores máquinas se não houver o material humano de qualidade para viabilizar a aula. Se tecnologia garantisse escola boa, não teríamos escolas modestíssimas com excelentes resultados em avaliações como a Prova Brasil. Precisamos, sim, dos recursos, mas também de uma comunidade que apóie a escola, uma direção e serviço de apoio educacional a uma escola que realmente melhore o ensino".

84

*É F-A-N-T-Á-S-T-I-C-O! "Pähnl!" Numa educação que se mostra, em alguns lugares Brasil afora, até sem cadeiras para se sentar, eis a modernidade...*⁸⁵ Com

⁸³ A lousa digital é como uma tela imensa de um computador, porém mais inteligente, pois é sensível ao toque. Desta forma, tudo o que se pensar em termos de recursos de um computador, de multimídia, simulação de imagens e navegação na internet é possível com ela. Ou seja, funciona como um computador, mas com uma tela melhor e maior. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/como-funciona-lousa-digital-tecnologia-501324.shtml>

⁸⁴ Imagem fotografada direto do Orkut com ferramenta Print Screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5278501935102636081&na=4&npr=1&nid=1292484-5278501935102636081-5279332156377873553>

esse discurso é aberta a discussão sobre a utilização da lousa digital em sala de aula. Ironizando a questão, o membro apresenta as diferenças que circunscrevem a educação no país onde alguns não podem sequer contar com o básico e mesmo assim há a propagação da tecnologia que acaba por gerar situações dúbias.

Vejamos algumas respostas e propostas dos professores/as que acaloraram esse debate com cinquenta e três posts:

Toda tecnologia é bem vinda como apoio à educação, e o professor precisa aprender a usá-la como aliada. Porém, não adianta ter as melhores máquinas se não houver o material humano de qualidade para viabilizar a aula. Se tecnologia garantisse escola boa, não teríamos escolas modestíssimas com excelentes resultados em avaliações como a Prova Brasil. Precisamos, sim, *dos recurso*, mas também de uma comunidade que apoia a escola, uma direção e serviço de apoio eficientes e uma equipe que procura melhorar sempre.⁸⁵

A falta de profissionais capacitados para utilizar esse equipamento é apresentada pelo membro como um fator que torna essa tecnologia inacessível em muitas instituições, comungando da ideia de Bailey citado Por Santaella⁸⁷, de que sem um sujeito operante (corpo físico) - embora o corpo tenha se tornando ambíguo nesse novo espaço – o ciberespaço nem faria sentido. E ainda argumenta ser possível uma escola de boa de qualidade com ou sem o uso da tecnologia. Os desafios estão sendo lançados. Junto com o boom da tecnologia cobra-se dos profissionais uma reciprocidade de conhecimento das mesmas.

Outro membro, em seu discurso faz quase que um chamamento aos professores de história para que hasteiem a bandeira da tecnologia:

A questão suscita *uma outra* questão: O que nós professores e historiadores podemos fazer? E se não pudermos que devemos fazer para poder transformar a realidade tecnológica eficaz e presente em nossas salas de aula, de forma a enriquecer não só a aulas, como também a pesquisa histórica? Vale a pena parar para pensar e unir para agir.... Historiadores em prol de uma história digital, legal e tal...⁸⁸

⁸⁵ Abertura de tópico em: 01/12/2008. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5278501935102636081&na=1&npr=1&nid=>

⁸⁶ Post de membro realizado em: 11/12/2008. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5278501935102636081>

⁸⁷ (BAILEY, 1996) Apud (SANTAELLA, 2006)

⁸⁸ Post de membro realizado em 14/12/2008. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5278501935102636081&na=3&npr=2&nid=1292484-5278501935102636081-5279331902974803089>

Para ele, a ação em prol de uma transformação da realidade cotidiana das aulas é válida principalmente para a melhoria das aulas e também da pesquisa histórica. Nós historiadores do presente já podemos observar as facilidades que as novas tecnologias tem propiciado à pesquisa, encurtando distâncias, tornando acessíveis documentos que até bem pouco tempo atrás só poderiam ser consultados depois de longas viagens e pedidos de permissão para manuseio, podendo hoje ser consultados via rede, de dentro de casa ou da universidade, além de nos fornecer novos objetos de estudo e fontes como as referentes a esse nosso trabalho que utiliza a rede (ciberespaço) como objeto e os discursos em forma de escrita coletiva como fontes.

A possibilidade de perda do emprego associada às inovações tecnológicas e substituição do profissional pela máquina como já aconteceu e continua acontecendo na contemporaneidade é citada por um membro que, logo em seguida é retrucado com o seguinte discurso:

Uma pequena resposta ao colega Fariseu: a tecnologia nunca acabará com a profissão de professor e historiador, mas a falta de formação tecnológica sim acaba com a inteireza do mestre, devemos estar atualizados para dar sempre o melhor em sala de aula ou através de vídeos, etc.... Lousa digital ou outro equipamento que facilite a exposição do conteúdo com vivacidade intelectual e reflexão crítica, mas acima de tudo gosto de ensinar.... Não podemos sofrer por antecipação, como historiadores temos nossas fraquezas, mas a "história" está ao nosso lado, o conhecimento ao mesmo tempo que enriquece o ser humano, traz consigo grandes compromissos, o social é um deles e isso chama-se ética. Devemos nos nivelar por cima e lutar organizadamente em nossas corporações para vencer todo esse desnível social que vem de séculos senão milênios *atrás*, mas podemos amenizar se com a crítica, que possuímos, agirmos em prol de resultados.... Podemos ter receios e medos.... só não nos é defeso ficar parados..... Pobres sempre houveram e sempre haverá.... Não é novidade nenhuma, uns são mais favorecidos que outros Mas os que trabalham e buscam com *denodo* um melhor espaço - geralmente encontram e deixam portas abertas para outros.... Precisamos acreditar, e abrir as portas sem olhar pra traz.⁸⁹

Colocando-se de forma incisiva com relação à possibilidade de substituição do professor/a de história pelos softwares⁹⁰, o membro sinaliza em seu discurso uma ruptura quase que necessária com o romantismo de uma cultura educacional tradicional, mostrando que é possível se adequar aos novos tempos, as novas

⁸⁹ Post de membro realizado em 17/12/2008. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5278501935102636081&na=3&npr=2&nid=1292484-5278501935102636081-5279331902974803089>

⁹⁰ O Software é uma aplicação, um programa do computador, que permite executar uma determinada tarefa.

práticas utilizando as novas tecnologias em favor próprio, instrumentalizando-se de acordo com o contexto e facilitando as exposições das aulas, abrindo caminhos para mudanças na cultura educacional que passa cada vez mais para o âmbito da cibercultura, sendo produzida não mais só na sala de aula, mas também no ciberespaço. E fazendo “minhas” as palavras de Chartier, *“Num futuro que já o nosso presente, esses efeitos serão o que coletivamente deles saberemos fazer. Para o melhor, ou para o pior. Tal é hoje nossa responsabilidade comum.”*⁹¹

⁹¹ (CHARTIER, 2002 p.123)

Capítulo II – Professores/as na Era da Informação: conexão, sociabilidade e des(construção de identidades.

*Porque parte da identidade se constrói nos vínculos de grupo*⁹²

Refletir sobre a História da Educação na contemporaneidade apresenta-se como um exercício envolvente, misterioso e bastante sedutor, por ser essa uma história sempre repleta de novidades e desafios propostos pela chamada Era da Informação, marcada pela convergência tecnológica e pela informatização da sociedade, que se iniciou no final do século XX e vem se efetivando nesse início do século XXI⁹³. Não sabemos o que o futuro reserva para essa “nova era” na educação, mas, o que nos interessa por agora é problematizar historicamente como essas mudanças estão (des) construindo outra História da Educação.

Uma nova relação com os saberes marcada pela estonteante velocidade de renovação dos mesmos parece está abalando as bases em que se apoiaram a Escola Moderna, centrada no racionalismo e individualismo iluminista. O professor, antes o único sujeito legitimado e responsável por transmitir informação e conhecimento para os alunos/as, divide agora essa tarefa com as novas tecnologias proporcionadas pela aquisição e manipulação dos PCs (computadores pessoais) cada vez mais acessíveis a um número cada vez maior de sujeitos.

Embora, estar informado não signifique necessariamente estar adquirindo conhecimento à porta aberta pela rede mundial de computadores (a internet) tem facilitado o acesso à informação que tem aberto janelas para o conhecimento auxiliando professores/as e alunos/as através de novos suportes educacionais a exemplo do computador e suas ferramentas cada vez mais interativas.

Consideramos que a distinção dos termos “informação” e “conhecimento” são importantes para o campo da educação pelo fato de ambos os termos serem elementos integrantes dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, do conhecimento. Afinal, é *mister* aos docentes contemporâneos compreender como o surgimento da cibercultura contribui para as modificações nas relações contemporâneas de produção e socialização do saber⁹⁴

⁹² (MARTINO, 2010 p 17)

⁹³ (CASTELLS, 1996)

⁹⁴ (BEZERRA, 2006 p. 29)

As tecnologias digitais têm ocupado papel importante diante das mudanças cada vez mais aceleradas experimentadas pelos sujeitos na contemporaneidade, em todos os aspectos da vida social. E, tendo sido produzidas pelos sujeitos apresentam-se como artefatos culturais, e como sendo elementos da cultura as novas tecnologias não podem ser deixadas de lado, principalmente por estarem envolvendo diretamente a educação. A velocidade intensa com que vêm sendo postas, e os rumos que tomam resignificando as relações sociais e modificando suas práticas, gerando novas sensibilidades e resignificando as já existentes, merecem uma reflexão histórica aprofundada.

“Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no fim de sua carreira” ⁹⁵. A necessidade de estar cada vez mais cercado por informação para se realizar uma atividade, tem feito com que os sujeitos sejam cada vez mais seduzidos a mergulhar nesse oceano de informações chamado internet – que é uma das redes de comunicação cuja adesão pelos sujeitos conheceu talvez a progressão mais rápida da história da humanidade até os dias atuais – e assim navegar o mais rápido possível, pescando o que for possível para que suas práticas não venham a se tornar obsoletas, como bem observa Levy.

As Tecnologias da Informação parecem estar modificando de forma significativa o cotidiano dos sujeitos da educação, que todos os dias são atingidos por tsunamis de novidades cada vez mais sedutoras e que possibilitam a abertura de janelas para um oceano de informações nunca antes navegado. Talvez, pela primeira vez na História da Educação, alunos/as e professores/as estejam tendo a possibilidade de acesso aos mesmos conteúdos e, por um canal comum, o que já é o bastante para acreditarmos numa nova modalidade de educação, e uma nova modalidade de relação com os saberes, numa nova era que se distancia velozmente do conceito moderno de educação e reclama pra si uma nova denominação. *“Hoje, tornou-se evidente, tangível para todos que o conhecimento passou definitivamente para o lado do intotalizável, do indominável”*⁹⁶.

Hipermodernidade é o conceito utilizado pelo contemporâneo filósofo francês Gilles Lipovetsky para nomear o momento presente. Para ele, a pós-modernidade

⁹⁵Pierre Levy. Disponível em: <http://caosmose.net/pierrelevy/educaecyber.html>. Acesso em 07 de julho de 2011

⁹⁶ (LEVY, 1999 p.163)

nunca existiu e o que vem acontecendo é uma *“prevalência de maneira incontestável e praticamente universal dos valores modernos.”*⁹⁷ Segundo o mesmo em uma entrevista concedida a revista eletrônica Portal ciência e vida, *“Pode-se pensar em um sistema futuro que poderá conciliar os imperativos da economia com os da ecologia, mas, isso não seria pós-moderno e sim, outra face da modernidade”*⁹⁸ O sociólogo Antony Giddens prefere utilizar o termo Modernidade Radicalizada para se referir a contemporaneidade e justifica sua preferência com a seguinte afirmativa: *“Nós não nos deslocamos para a além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização”*⁹⁹

Modernidade Líquida é o termo utilizado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, autor de várias obras que tratam da liquefação de elementos como amor, o medo, o tempo e própria modernidade, são colocados no momento presente como inevitáveis de liquefazerem e diferencia o que ele chama de Modernidade clássica e modernidade contemporânea:

O tipo de modernidade que era o alvo, mas também o quadro cognitivo, da teoria crítica clássica, nua análise retrospectiva, parece muito diferente daquele que enquadra a vida das gerações de hoje. ela parece pesada, contra a leve modernidade contemporânea; melhor ainda, 'sólida' (e não 'fluida', 'líquida' ou 'liquefeita'); condensada (contra difusa ou 'capilar'; e finalmente sistêmica (por oposição a 'em forma de rede)¹⁰⁰

Pós-modernidade é o termo utilizado por Stuart Hall no título de uma de suas obras bastante discutida atualmente quando a identidade cultural na contemporaneidade é posta em questão. Nessa obra Hall apresenta o pensamento de quase todos os autores acima citados, mas, não afirma acreditar num momento que proceda a modernidade, neste caso, uma pós-modernidade, mas, enfatiza uma possível crise identitária provocada pelo acelerado deslocamento das identidades, que não é necessariamente uma novidade da contemporaneidade e sim, vem se constituindo historicamente ao longo dos tempos. Para ele *“a ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram*

⁹⁷Entrevista concedida a revista eletrônica Portal Ciência e Vida. [HTTP://portalcienciaevida.uol.com.br](http://portalcienciaevida.uol.com.br) Acesso em Junho de 2012.

⁹⁸Entrevista concedida a revista eletrônica Portal Ciência e Vida. [HTTP://portalcienciaevida.uol.com.br](http://portalcienciaevida.uol.com.br) Acesso em Junho de 2012

⁹⁹ (GIDDENS, 1991 p. 50)

¹⁰⁰ (BAUMAN, 2001 p.33)

totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno." ¹⁰¹

Como podemos perceber conceitos diferentes para pensar o momento presente foram apresentados por diversos teóricos e, importa-nos menos os termos conceituais utilizados por eles, mas, a reflexão que todos esses teóricos nos propõem diante das mudanças significativas na sociedade contemporânea, pois nos apontam variados caminhos para pensar as reconfigurações pelas quais passam as práticas educacionais na contemporaneidade, e essas reflexões que acabam gerando nomenclaturas diversas merecem ser analisadas quando se trata para pensar o tempo presente. Pensar as mudanças na educação referente a sociabilização a partir do elemento tecnológico na atualidade é o nosso interesse principal, por isso precisamos estar cientes de como esse momento vem sendo pensando, debatido, legitimado, nomeado.

O modelo educacional projetado no cerne da modernidade vem passando por momentos especiais desde as últimas décadas do século XX. As relações são outras, os modos de ver e sentir foram sendo ressignificados ao longo dos tempos. A escola mudou e junto com ela seus atores (professores/as e alunos/as). A modernidade tomou para si seus métodos, objetivos e práticas e outros foram sendo recortados, copiados, colados. Novas pastas foram sendo criadas sobrepondo as "antigas" transformando a modernidade e tornando-a cada vez mais obsoleta.

As tecnologias digitais parecem inaugurar outra Era, outros tempos, tão fluidos que nos impossibilitam nomeá-la dada a aceleração de seu fluxo, que não se permite aprisionar, escorrendo por entre os dedos quase que imperceptivelmente. Sendo assim, todas as nomenclaturas (conceitos) sobre a contemporaneidade, supracitadas poderão aparecer no desenrolar deste texto – dependendo da possibilidade de encaixe do termo ao contexto - que, não pretende aprisionar o momento vivido, mas, analisá-lo sem que um lugar, seja necessariamente determinado, mas, vários, ou seja, um não lugar, uma não-Era.

O que estão fazendo nossos atores/web atores (professores/as e alunos/as) nessa "Nova Era" que os diferenciam dos modernos? Ora! Eles estão conectados em rede tendo acesso a informações que eles, os modernos só tinham através de

¹⁰¹ (HALL, 2006 p 24)

uma educação formal, cartesiana, racionalizada na escola, com suas carteiras enfileiradas, horários definidos, papéis distintos, identidades fixas. Esses novos atores estão atuando em novos palcos, praticando outras formas de ser professor/a. Eles não cabem mais nas quatro paredes que formam as salas de aula, expandem-se para além dos muros das escolas, consumindo o que tem pra hoje, em busca de novas sensações, novas formas de compartilhamento de experiências, outras formas de estar junto. Muda o espetáculo (a educação), mudam os atores (os professores/as), muda o público (os alunos/as) muda o palco (a escola).

Eles têm demonstrado nesse início de século um interesse bastante peculiar pelas discussões referentes ao exercício do ser professor/a e têm utilizado com muita veemência os canais tecnológicos digitais para ensaiar o espetáculo que lhes sendo posto como desafio por essa Nova sociedade que ainda oferece uma educação do século XIX, com estrutura do século XX, voltada para alunos/as do século XXI.

Conectados individualmente, encontram-se nessa nova ágora, constituída pelas redes sociais e suas comunidades, construindo novas formas de sociabilização e sentidos de pertencimento experimentando a possibilidade de se estar envolvido com grupos distintos mesmo preservando a individualidade, a fim de pensar junto, a partir de uma escrita coletiva e troca de experiências mesmo que não haja um ínfimo contato físico. Para Martino: *Uma comunidade virtual não reúne mais pessoas com vários elementos, tendem a se orientar ao redor de um único ponto de afinidade e, dessa maneira constroem-se relações sociais voltadas para somente um objeto ou tema de afinidade comum*¹⁰². E A possibilidade de montar tantos paradoxos nos impulsiona a adentrar nesse “novo mundo” nessa “nova Era” mergulhando numa dessas comunidades que se insere nessa nova ágora, para analisar como esse novo espaço vem sendo consumido.

¹⁰² (MARTINO, 2010 p.187)



103



104

¹⁰³ Imagem disponível em: <http://www.agoragrega.com/tag/grega/>

¹⁰⁴ Imagem disponível em: <http://www.bbcl.com.br/comportamento/post/namoro-pela-internet-clique-aqui.aspx>

2.1- “Igual à vida real”: Comunidades virtuais no Orkut

A pragmática própria dos “orkuteiros”, como são nomeados os seus usuários, instituem tipos de operações específicas, “modalidades da ação”, pois, ao se alocarem nesse universo virtual e se inscreverem no programa de comunidades do orkut, os usuários são convocados a preencherem um perfil pessoal, cuja intenção é constituir um espaço de si para o(s) outro(s). Os usuários dizem de si, de seus afetos, de seus gostos, de seus desejos [...] ¹⁰⁵

Na tentativa de atrair “iguais”, rostos identificáveis, os usuários inscrevem a si mesmos nesse novo espaço e assim encontram e desencontram identificações que fragmentam as identidades, liquefazendo-as, (dês) ajustando-se aqui e ali num fluxo (des) contínuo e fugaz. Real e virtual, individualidade e comunidade. Como conceitos comumente antagônicos podem estar imbricados num mesmo espaço, caminhando par e passo diante da proposta de uma “nova sociedade”? O Orkut oferece comunidade virtual “igual à vida real”; possibilita encontros entre novos amigos sem o mínimo contato físico; o reencontro entre velhos amigos e as lembranças do passado; contato instantâneo entre parentes distantes; além da interação entre pessoas que nem são amigos nem mesmo parentes, mas compartilham experiências, falam de si e dos outros e podem sentir-se pertencentes a esta ou àquela comunidade.

O Orkut é um site de relacionamentos (rede social) que alcançou grande popularidade entre os internautas brasileiros. O sistema foi Criado por Orkut Buyukkokten, então aluno da universidade de Stanford e funcionário da empresa virtual Google, e lançado em 24 de janeiro de 2004. O sistema rapidamente tornou-se popular no Brasil, começou a crescer em meados de fevereiro de 2004 e acabou atingindo a maioria do sistema em junho do mesmo ano.

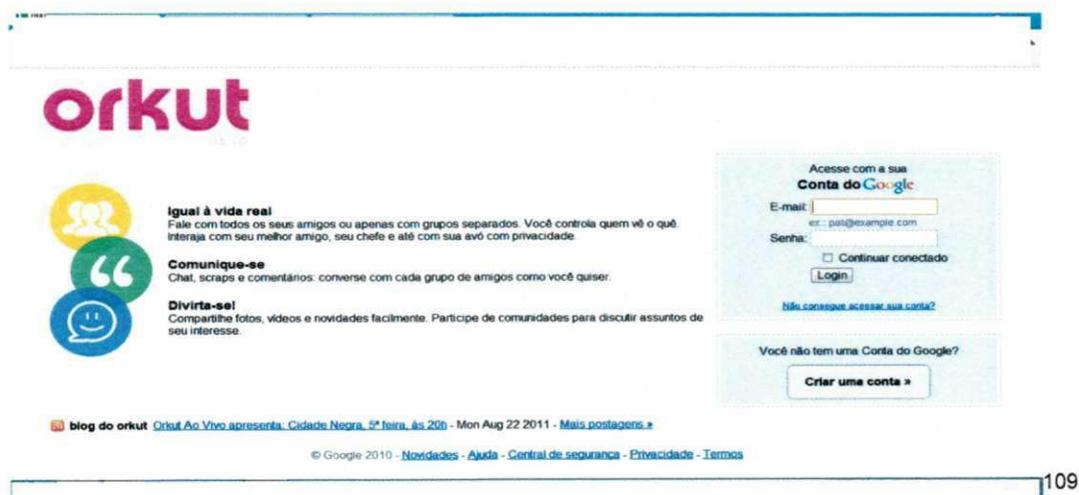
O Orkut funciona através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos. As comunidades são criadas pelos indivíduos que podem agregar grupos, e funcionam com fóruns, com tópicos e mensagens onde são promovidos debates sobre assuntos relacionados ao tema central da comunidade.

No momento inicial de nossa pesquisa, o ano de 2010 o site tinha aproximadamente 43 milhões de usuários conforme os dados demográficos da rede.

¹⁰⁵ (NÓBREGA, 2007 p. 213)

Eram 50,6% de usuários brasileiros (a Índia aparecia em segundo, com 20,44%, e os Estados Unidos em terceiro, com 17,7%)¹⁰⁶. Dados sobre o uso da internet e das redes sociais no Brasil recentemente nos permitem chegar à conclusão de que o Orkut perdeu para o Facebook a liderança no Brasil. Com 34,15% das visitas, o Facebook atingiu o primeiro lugar do ranking brasileiro deixando segundo lugar para o Orkut que atingiu 31,50% das visitas até 14 de Janeiro de 2012. Enquanto a rede social de Zuckerber mais que triplicou (320,05%) o tamanho de sua participação no mercado, a rede social do Google perdeu praticamente metade (43,67%) de sua fatia.¹⁰⁷

E quais seriam os atrativos dessa rede social, no período analisado (2005-2010) para fazer com que um número tão elevado de brasileiros desejasse conectar-se a ela? O Orkut se apresenta como um site de fácil manuseio por qualquer usuário, pois não requer conhecimentos técnicos avançados sobre informática para que se tenha acesso. É importante ressaltar que, pouco tempo depois do seu lançamento, em cinco de abril de 2004, foi lançada a versão em língua portuguesa¹⁰⁸, o que representou um pioneirismo, visto que nenhum site de relacionamentos criado anteriormente ao Orkut tinha uma versão em português. Sem dúvida, esses dois fatores, aliados a facilidade de manuseio, possibilitando uma navegação rápida e fácil, contribuíram de forma decisiva para o sucesso do mesmo no Brasil.



109

¹⁰⁶ <http://tecnologia.uol.com.br>. Acesso em Agosto de 2011

¹⁰⁷ Dados do site: www.serasaexperian.com.br. Acesso em Julho de 2012.

¹⁰⁸ Dados do orkut.com Acesso em Junho de 2011

¹⁰⁹ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta PRT screen. Disponível em: <https://accounts.google.com/ServiceLogin?service=orkut&hl=pt->

A página inicial apresenta elementos com fortes apelos interativos, parecendo bem atrativa. O usuário só precisa criar uma conta, gratuitamente e “*falar com todos os seus amigos... interagir até com a sua avó com privacidade*”. Isso tudo numa época em que as pessoas estão cada vez mais isoladas em seus apartamentos, encurraladas com medo da violência; em que as famílias ficam cada vez menores e a arquitetura dos lares propicia cada vez mais individualidade a partir das suítes individuais. Portanto não parece nenhum pouco estranho que as pessoas sintam-se atraídas por tantas facilidades de comunicação, diversão, interação e privacidade sem precisar sair do próprio quarto.

Com apenas um click na caixa “criar uma conta”, o usuário é imediatamente mergulhado em outra tela, onde terá que fornecer dados básicos como nome, idade e sexo. Em seguida é oferecida ao usuário a opção de ler os termos de serviços do Google com termos adicionais do site (Orkut) e a política de privacidade. Deve-se clicar na caixa “aceito” e pronto, a pessoa se transforma em mais um usuário do Orkut, podendo se comunicar e se divertir igual à “vida real”, como promete o site, sem levantar da cadeira e nem sair do próprio quarto.

110

BR&rm=false&continue=http://www.orkut.com/RedirLogin?msg%3D0%26page%3Dhttp://www.orkut.com.br/Home&cd=BR&passive=true&skipvpage=true&sendvemail=false

¹¹⁰ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Prt screen. Disponível em: <https://accounts.google.com/SignUp?service=orkut&continue=http%3A%2F%2Fwww.orkut.com%2FRedirLogin%3Fmsg%3D0%26page%3Dhttp%3A%2F%2Fwww.orkut.com.br%2FHome&hl=pt-BR>

Um dado interessante é que encontramos 28 comunidades no Orkut, referentes a pouca importância que os usuários conferem à leitura dos termos de uso do site. Na grande maioria das vezes, passam direto para a caixa onde está escrito “aceito os termos”, sem sequer terem lido e sem nunca saberem do que se trata. Esse dado é bastante problemático, pois demonstra que os usuários alheios a esses termos podem, em algum momento, enfrentar problemas que poderiam ter sido evitados com a simples leitura dos mesmos no ato da criação de sua conta pessoal.

Uma das cláusulas do termo de adesão ao site tem a seguinte descrição:

Ao submeter, postar ou mostrar quaisquer materiais no ou através do serviço do orkut.com, você automaticamente nos dá direito mundiais, não exclusivos, sublicenciáveis, transferíveis, sem royalties, perpétuos e irrevogáveis, para transmitir, copiar, distribuir, criar trabalhos derivativos ou executar e exibir publicamente tais materiais¹¹¹.

O termo de adesão que deveria ser lido por todo e qualquer internauta interessado em usar o site é longo e utiliza termos pouco conhecidos pela maioria, mas, lê-lo completamente significa estar ciente de como o conteúdo postado e seus dados pessoais estarão sendo utilizados pelo site, evitando possíveis problemas futuros principalmente relacionados à privacidade e direitos autorais. Mas, como a leitura é bastante incomum há comunidades específicas para discutir essa não-prática, como podemos vê a seguir.



112

¹¹¹Termos de adesão disponível em: <http://www.google.com/accounts/TOS?hl=pt-BR>. Acesso em Junho de 2011

¹¹² Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Prt screnn. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=919708>

Nesta comunidade há 76 membros, mas há muito mais membros nas outras 27 que se destinam a agregar pessoas que se consideram “*não ter saco de ler páginas e mais páginas de um contrato “xato” e sem sentido só pra usar esse serviço*”. Os termos de uso do Orkut são apresentados de forma complexa, com uma linguagem cibernética de nível médio, apresentando as dificuldades de compreensão comuns a um contrato e parece ter a intenção de pô-lo a par dos direitos e deveres do mesmo ao inscrever-se. Vejamos:

Como membro do Orkut, você pode criar um perfil ou uma comunidade que inclua informações pessoais, tais como: sexo, idade, atividade profissional, hobby e áreas de interesse, além de outros conteúdos, tais como fotos. Tais informações poderão ser acessadas e visualizadas por outros usuários da Internet em sites de buscas, conforme previsto em suas configurações de privacidade. Se você restringir a acessibilidade de sua comunidade, alterando a configuração de privacidade de “aberta” para “oculta”, ou optar por torná-la inacessível para a Internet, essa alteração será registrada imediatamente e “crawlers” de sites de busca terão o acesso à sua comunidade bloqueado; no entanto, a Google não controla o conteúdo que já possa ter sido indexado ou cacheado por sites de terceiros e, portanto, podem continuar a ser exibidos até que o conteúdo de tais sites seja atualizado.¹¹³

Diante dessa constatação, aproveitamos o mote que se refere à utilização desse tipo de fonte na nossa pesquisa para justificar que estamos, pois, “legalmente” amparados no sentido simplificado do termo, pois, por se tratar de um suporte ainda embrionário, no qual as leis ainda estão sendo gestadas, quanto a questões como privacidade e crimes cibernéticos. Mas, devido a não definição ainda dessas leis, optamos por não expor rostos quando da utilização dos enunciados dos usuários na nossa análise discursiva.

Observando a quantidade de usuários que participam das comunidades citadas, referente a não leitura do termo de adesão, passamos então a leitura do mesmo e percebemos que essa prática pode estar ligada a estratégias dos criadores do site, dificultando a leitura e tornando-a enfadonha no sentido de não terem futuros problemas com usuários insatisfeitos já que os mesmos aceitaram as condições do termo e isso favorece os donos do site em possíveis ações judiciais.

É possível perceber que os agregados de pessoas no Orkut que recebem o nome de comunidades, agregam de diversas formas, das mais simples às mais

¹¹³ Termos de uso – Aviso de privacidade do Orkut, disponível em <http://www.orkut.com.br/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=6>. Acesso em Agosto de 2011

complexas. Na comunidade citada anteriormente, parece haver uma necessidade dos usuários não se sentirem sozinhos nem num ato falho, que seria o de não ler com calma os termos de adesão, um ato de muita importância, e os aceitarem assumindo os possíveis riscos. Ainda assim, há uma busca pelo pertencimento, pelo estar-junto, por saber que mais alguém se identifica consigo, mesmo que seja no aspecto da irresponsabilidade.

No fórum dessa comunidade em específico não há nenhum tópico de debate discutindo o porquê de tal atitude dos usuários; aliás, não há fórum, o que nos leva a acreditar que os fatores estar-junto e/ou não estar sozinho prevalecem nesse agregado de sujeitos. O que nos leva mais uma vez à questão do retorno ao coletivismo, em detrimento do individualismo moderno na contemporaneidade, com os sujeitos sentindo – e aqui nos referimos a um “novo” sentir, característico da sociedade contemporânea – necessidade de compartilhar até suas falhas e identificarem-se com outros que sentem essa mesma necessidade de identificação. Mas, também nos remete a possibilidade de esses usuários estarem querendo se mostrar atualizados ao consumir essas novas mídias.

A comunidade que nos propomos analisar - *Professores de História* - e que corporifica o objetivo do nosso trabalho neste capítulo, inserida nesta rede social, nosso ponto de observação de uma possível nova forma de sociabilização proporcionada pela conexão é descrita como a maior comunidade de professores de História do Orkut, com os seguintes itens descritivos: - que são característicos à maioria das comunidades do Orkut - o idioma através do qual ela é apresentada, nesse caso, português; o “dono”, que pode ou não, ter sido o criador da comunidade, pois as comunidades podem ser doadas quando o dono alega não conseguir mais dar conta de seu gerenciamento; o(s) moderador(a/s), que é(são) os auxiliares do dono e responsáveis por aceitar ou não o pedido de participação de novos membros ou expulsá-los, caso eles não se adéquem às características descritivas da comunidade e suas regras; o limite de privacidade dos conteúdos postados – esta é aberta para não membros visualizarem os conteúdos e até participar das discussões –; o local de pertencimento da mesma, nesse caso, o Brasil; a data de sua criação; e, por fim, a quantidade de membros que dela participam.

The screenshot shows the Orkut community page for 'PROFESSORES DE HISTÓRIA'. The page features a header with navigation links, a search bar, and a main content area. On the left, there is a sidebar with community management tools like 'deixar comunidade', 'promova', and 'denunciar abuso'. The main content area includes a description of the community, its purpose, and a list of members. Below the description, there is a forum section with a 'tópico' and 'postagens' section. On the right, there are sections for 'membros (20979)' and 'comunidades relacionadas'.

PROFESSORES DE HISTÓRIA (20 979 membros)

descrição: **««« A maior comunidade de Professores de História do Orkut «««**

«« Obrigada, pessoal! Já passamos dos 20.000 membros!««

Esta comunidade é dedicada a professores, estudantes, ou simplesmente amantes desta Ciência Humana que é a História!

««««« A figura que representa esta comunidade é a do Dom Quixote, o Cavaleiro Errante! «««««

Uma mera alusão a profissão: Professor de História!

«postagens de pedido de ajuda pt/ "lição de casa" serão deletadas e os membros serão expulsos.

Idioma: **Português (Brasil)**

categoria: História e Ciências

domo: **Awwôôô (já « mamãe ««)**

moderadores: **Fábio ama Anna, Mamãe & Papai**

tipo: moderada

privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**

local: **Brasil**

criado em: **7 de fevereiro de 2005**

membros: **20.979**

fórum

tópico | postagens | última postagem

membros (20979)

May | Gau | Marcelo

Y.Yanamaro | Alexandre | Selo

comunidades relacionadas

Eu amo a História de Brasil (8.987) | Novos historiadores (2.329) | ...a história é me contada... (2.636)

114

Mas não é só isso, a comunidade também é composta por um fórum de discussão, enquetes e eventos, além das ferramentas que permitem ao membro denunciar abusos e promover a comunidade entre os seus amigos, na tentativa de angariar novos membros ou apenas convidar outros usuários a conhecer a comunidade.

As enquetes funcionam da seguinte forma: um membro posta uma pergunta como esta, que é uma enquete da comunidade em questão: *Como você considera a dança da professora baiana?* – Tópico que abordaremos mais adiante - Lista uma série de respostas – inadequada, normal, muito sensual para uma professora, engraçada etc. e os outros membros podem votar secretamente e justificar seu voto, caso queiram. No caso de justificativa do voto, o mesmo deixa de ser secreto e vira post junto com a justificativa. As enquetes podem ou não ter um prazo para serem encerradas.

Clicando em enquetes, o membro tem acesso a todas as enquetes já realizadas na comunidade, podendo votar, se a votação ainda não tiver sido encerrada, ou apenas observar que tipo de pesquisa os membros estão fazendo e os resultados. Observem os *prints* na sequência.

¹¹⁴ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1292484>

Pesquisas

Início > Comunidades > História e Ciências > PROFESSORES DE HISTÓRIA > Pesquisas

	pergunta	autor	votos	abrir data	fechar data
<input type="checkbox"/>	votar Quem foi o primeiro prefeito negro do Brasil?	Cidade	11	22 jun	
<input type="checkbox"/>	votar Você acha que Cesare Baião deveria ser extraditado?	Livia & Felipe	20	11 jun	
<input type="checkbox"/>	votar quem acha que CHARLES chappin era um louco?	Jussimara	29	31 jan	
<input type="checkbox"/>	votar o que voce acha das teorias de José Pacheco no ensino de história?	Rosinilda	37	25/05/10	
<input type="checkbox"/>	votar Você acha que a atual situação lastimável da educação brasileira é culpa das ideias de Paulo Freire?	Livia & Felipe	190	11/04/10	
<input type="checkbox"/>	votar Testando seus conhecimentos...	Yagor	101	06/04/10	
<input type="checkbox"/>	votar Bakunin (1814-1876) linha razão	Eloísa Maria	161	03/12/09	
<input type="checkbox"/>	votar Qual é a preferência dos professores para o governo do Estado de São Paulo?	Breno	176	08/10/09	
<input type="checkbox"/>	votar O Jorge Beijafor galgquinho sapeca é...	Edmilson	85	05/08/09	
<input type="checkbox"/>	votar Como vc considera a dança da professora?	Edmilson	113	30/08/09	
<input type="checkbox"/>	votar Que tópicos deveriam ser excluídos?	Edmilson	100	05/08/09	
<input type="checkbox"/>	votar Qual o melhor programa de pós-graduação em história do Brasil?	Marcos Aurelio	144	23/04/09	
<input type="checkbox"/>	votar CIVILIZAÇÃO OU SOCIEDADE?	Rosei@ru@	144	09/04/09	
<input type="checkbox"/>	votar progressão continuada!	William	141	15/03/09	
<input type="checkbox"/>	votar Por que professores são tão desunidos?	Felipe	109	15/03/09	

115

Qual o melhor programa de pós-graduação em história do Brasil?

Início > Comunidades > História e Ciências > PROFESSORES DE HISTÓRIA > Enquetes > Qual o melhor programa de pós-graduação em história do Brasil?

Criado por: Marcos Aurelio

<input type="radio"/>	UFF- Niterói	40 votos (27%)
<input type="radio"/>	USP- São Paulo	38 votos (26%)
<input type="radio"/>	UF RJ Rio de Janeiro	15 votos (11%)
<input type="radio"/>	Unicamp - Campinas	20 votos (13%)
<input type="radio"/>	UFMG- Belo Horizonte	14 votos (9%)
<input type="radio"/>	UFOP- Ouro Preto	5 votos (3%)
<input type="radio"/>	UFSCAR	2 votos (1%)
<input type="radio"/>	Unesp	9 votos (6%)
total:		144 votos

Meu voto está visível para outros

[votar para pesquisas](#) [denunciar spam](#) [voltar resultados e comentários](#)

comentários

Jamile
A UFF está na crise da onda a muito tempo...

Júlia Rayn
Apesar da UFF ser realmente excelente, eu tenho que puxar a brasa pra minha sardinha, pelo menos enquanto nosso programa for Capes 7...UFCH, UNICAMP!!!!

116

Mas, apesar desse turbilhão de informações em uma única comunidade, que obviamente poderão ser tomados como fonte em possíveis trabalhos posteriores, é no Fórum, com tópicos abertos a partir da criação da comunidade, em 2005, até o ano de 2010 que estamos lançando nossa âncora, analisando alguns dos diálogos propostos nos tópicos com mais de dez posts, a partir de três temas específicos: a (des) construção de identidades políticas para o professor de história; a (des)

¹¹⁵ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPolls?cmm=1292484>

¹¹⁶ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPolls?cmm=1292484>

construção e/ou legitimação dos discursos de normatização das instituições escolares sobre os corpos dos professores/as, que os convocam a assumirem identidades; e a relação dos mesmos com os saberes, cotidianamente, seja dentro da academia como discentes ou na escola como docentes, levando sempre em consideração o contexto histórico em que esses debates foram produzidos. Observando sempre o nível de sociabilização que esse novo espaço de discussão tem proporcionado aos professores/as de história.

O fórum funciona da seguinte forma: qualquer membro pode abrir um tópico na ferramenta “fórum”. A discussão proposta por um membro deve ser discutida por outros, e funciona basicamente como um debate com um sistema de perguntas e respostas, réplicas e tréplicas. A maioria dos tópicos não tem uma frequência de debates muito intensa, muitas vezes resumindo-se apenas à pergunta do membro que abre o tópico. Outros tópicos são compostos por debates bastante acalorados. Os tópicos são organizados de acordo com a data da última postagem e apresentam na página principal o autor da pergunta e a quantidade de posts (respostas) em cada tópico aberto, como podemos observar no print a seguir.

The screenshot shows the Orkut forum interface. At the top, there is a navigation bar with the Orkut logo and various menu options. Below that, the forum title 'Fórum' is displayed, along with the community name 'PROFESSORES DE HISTÓRIA'. A search bar is present. The main content area is a table of forum topics. The table has columns for 'tópico', 'autor', 'postagens', and 'última postagem'. The topics listed include 'A REGRA UNIVERSAL DA PRONÚNCIA INGLESA só RS', 'A Construção Social da Cor', 'Projeto nacional de 14º salário a professores', 'CUIDADO COM HUGO BRASIL', 'Professores de História?', 'Filme: "1492-Em busca do paraíso"', 'As Religiões Mesopotâmicas', 'Por favor, professores do RJ, me ajudem!', 'Orwell Vs. Huxley', 'Faça parte!', 'Alguém conhece este Livro?', 'Do que os neocóns da comunidade chamamão isso?', 'todo o professor de história é de esquerda?', 'Concurso PEB II SP - Saú o RESULTADO', 'Todos pela Educação - menos o governo', 'PÓS HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO E PATRIMÔNIO', and '2ª Olimpíada Nacional em História do Brasil'.

tópico	autor	postagens	última postagem
A REGRA UNIVERSAL DA PRONÚNCIA INGLESA só RS	A REGRA	2	13/06/10
A Construção Social da Cor	José	1	13/06/10
Projeto nacional de 14º salário a professores	Fátima - A Musa	2	12/06/10
CUIDADO COM HUGO BRASIL	grati	2	12/06/10
Professores de História?	grati	12	11/06/10
Filme: "1492-Em busca do paraíso"	José	4	11/06/10
As Religiões Mesopotâmicas	Valter	1	10/06/10
Por favor, professores do RJ, me ajudem!	Lutz	6	10/06/10
Orwell Vs. Huxley	Itacélio	2	09/06/10
Faça parte!	Luciano	1	08/06/10
Alguém conhece este Livro?	PROF JOAQUIM	1	08/06/10
Do que os neocóns da comunidade chamamão isso?	Fábio	11	08/06/10
todo o professor de história é de esquerda?	Lutz	61	07/06/10
Concurso PEB II SP - Saú o RESULTADO	Isaias	29	05/06/10
Todos pela Educação - menos o governo	Fátima - A Musa	6	05/06/10
PÓS HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO E PATRIMÔNIO	Rita	1	02/06/10
2ª Olimpíada Nacional em História do Brasil	Gustavo	1	01/06/10

¹¹⁷ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=1292484>

A comunidade *Professores de História* possui 2.110 tópicos criados entre 2005 e 2010 e em seis anos de existência a maioria das temáticas abordadas no fórum tem mudado muito pouco. Estão sempre relacionadas ao exercício do “ser professor (a)” de história, embora alguns tópicos sejam criados por membros não necessariamente professores de história, estão sempre propondo uma discussão relacionada ao cotidiano escolar, pouco se discute sobre academia e teoria, o que é bastante compatível com a proposta inicial da comunidade e uma quantidade razoável de informação sobre a História imediata vinculada na mídia.

Por isso, mais uma vez tivemos que fazer escolhas, recortes, e optamos por tópicos relacionados às subtemáticas já citadas e que estejam dentro do período de 2005 a 2010.

Em nenhum tópico do fórum da comunidade encontramos discussões marcadas sobre como pensar e nomear o momento presente, ou como os professores/historiadores percebem-se (modernos, pós-modernos, hipermodernos etc.) enquanto usuários do Orkut e/ou membros da comunidade. Os professores/as não utilizam marcadamente nenhum conceito para definir a contemporaneidade. Em apenas um tópico encontramos a proposta de discutir os *Annales*, com o seguinte título: “*O espírito dos Annales: questionamento*”. Um único membro faz menção sobre o “ser” professor no que ele chama de mundo pós-moderno e perceber “poucos” como ele, mas sem se ater aos pormenores da discussão teórica sobre pós-modernidade: “*Adorei sua análise! Penso da mesma forma. Apesar de sermos poucos nesse mundo pós-moderno, partilhando essas ideias, acredito que um dia a realidade poderá ser mudada*”¹¹⁸.

No mesmo tópico, temos uma justificativa de um membro que alega não ser esta uma comunidade que tenha por objetivo discutir teoria, mas, questões mais pontuais relacionadas ao ser professor e suas práticas cotidianas em sala de aula, caracterizando a comunidade como um espaço de descontração e de discussões mais leves, dando a entender que as questões relacionadas às teorias da história são mais pesadas, e requerem outro espaço que não o dessa comunidade.

Poderia haver então uma separação entre as práticas cotidianas e a teoria da história como propõe a comunidade? Não estariam ambas entrelaçadas,

¹¹⁸Post de membro realizado em 22/03/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5446529903573807129&kw=p%C3%B3s-&na=4&nst=11&nid=1292484-5446529903573807129-5448014291475774514>.

interdependentes? As teorias da história pesariam tanto a ponto de ter que serem separadas da prática educacional cotidiana?

The screenshot shows a forum thread with several posts. The first post is by 'Lair Amaro' (10/03/2010) with the title 'Cto'. The text discusses the separation of theory and practice, mentioning 'Anais' and 'debates historiográficos'. The second post is by 'Daniel Venancio' (11/03/2010) with the title 'É uma pergunta difícil de responder e vai da interpretação de cada um...'. The text discusses the role of the historian and the relationship between theory and practice. The third post is by 'Viny Jacques' (12/03/2010) with the title 'Menos fôfo, menos não generalize vai'. The fourth post is by 'Joander Alves' (12/03/2010) with the title 'Eu, pessoalmente, não tinha conhecimento desta acusação...'. The text discusses the relationship between theory and practice. The fifth post is by 'Cto' with the title 'Cto, pode indicar alguma leitura onde é feita esta observação?'. The text discusses the relationship between theory and practice.

Gostou? 65 **Citar**

Lair Amaro - 10/03/2010
Cto
Sem desmerecer nenhum dos membros da comunidade, eu disse que aqui não era um bom lugar para a discussão que você levantou justamente por causa do "histórico" dos posts que são criados.
Sem dúvida, todos nós - em tese - tivemos noções de teorias da história e correntes historiográficas na faculdade. Dê uma conferida nos posts da comunidade. Uma minoria deles versa sobre debates historiográficos. A maioria está relacionada a aspectos menos técnicos de nossa profissão. Digamos, mais práticos.
Calm, não precisa argumentar que essas discussões sobre os Anais são práticas também. Eu sei que são. Mas a galera daqui - reitero, não estou desmerecendo nenhum dos integrantes - abre posts para tratar de outros assuntos.
Gostou? 65 **Citar**

Daniel Venancio - 11/03/2010
É uma pergunta difícil de responder e vai da interpretação de cada um, talvez os Anais tenham sim um pouco de direita nacionalista mesmo, penso até quem sabe acreditar nessa possibilidade, mas independente se eles são de direita, de esquerda ou seja lá o que foram o que importa é que deram uma concepção da história mais verdadeira, mais crítica, de questionar a própria história dizia Mark Block em seu livro ofício de historiador "a história não é a ciência do passado, ela estuda o homem no tempo" o historiador é como um oiro que faria carne humana", infelizmente não é essa a realidade dos nossos professores de história, eles não questionam a história e nem passam para os alunos que ela pode ser contestada: eles dizem apenas foi assim que aconteceu por que está lá na apostila doada pelo governo.
Gostou? 65 **Citar**

Viny Jacques - 12/03/2010
Menos fôfo, menos não generalize vai
Gostou? 65 **Citar**

Joander Alves - 12/03/2010
Eu, pessoalmente, não tinha conhecimento desta acusação- a de que os, ou alguns, historiadores dos anais tinham
Gostou? 65 **Citar**

Um qualquer forma, acho importante esse tipo de questão. A construção dos anais no desenvolvimento da pesquisa historiográfica supera este tipo de análise: o diálogo com as outras ciências sociais, a crítica documental, a posição do historiador diante seu objeto, as escalas múltiplas do tempo, enfim...
Cto, pode indicar alguma leitura onde é feita esta observação? Pessoalmente nunca a li em lugar nenhum.
Gostou? 65 **Citar**

119

As narrativas nesses posts mostram certa necessidade de se marcar lugares. Como na ênfase dada por um dos membros à existência de outras comunidades destinadas a discutir teoria da história, e a justificativa mais utilizada é a de que o perfil da comunidade é o de discutir as práticas cotidianas dos professores, ou seja, um lugar para cada discussão. Mas, por que prática e teoria estariam dissociadas no trabalho do professor/a de história? Alguns professores/as queixam-se do abismo existente entre as aulas de teoria na academia e o dia-a-dia com seus alunos nas escolas.

Os professores/as enfrentam realidades peculiares e públicos heterogêneos que os obrigam a adotar práticas educacionais que muitas vezes passam a margem de quaisquer teorias da história e tentam se aproximar muito mais das experiências de vida do cotidiano dos alunos/as. E as mídias, na contemporaneidade, provavelmente mais do que em qualquer outro período da história têm servido como instrumentos para inserção de novas práticas no cotidiano desses professores/as seja no espaço escolar, seja diante de suas telas de cristal líquido em casa expondo suas opiniões através de discussões cibernéticas.

¹¹⁹ Imagem fotografada direto do Orkut.com através da ferramenta Print screen: Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5446529903573807129>

E essas discussões cibernéticas cotidianas entre professores/as têm gerado discursos de identidade a partir dessa nova forma de sociabilização? Passemos então ao exercício de analisar esses discursos e observar se e como essa nova ágora tem atraído visitantes interessados em estar junto e socializar suas experiências transformando esse novo espaço num espaço de sociabilização.

2.2 – Des (construindo) identidades políticas para o Historiador/Professor de História.

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singularizar – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos.¹²⁰

Fazer parte, estar junto para Bauman é um desejo-vontade cada vez mais associado às práticas contemporâneas, mas, desconstruir, construir, deslocar identidades políticas para o Historiador/professor/a de história e convocá-los a assumir esta ou aquela não é um exercício novo. Esses sujeitos sempre foram bastante questionados e expostos quanto as suas preferências políticas, visto que, sempre tiveram a função de analisar com criticidade histórica os rumos do poder político em seus respectivos contextos. Algumas identidades foram sendo cristalizadas ao longo dos tempos e passaram a fazer parte da invenção do Historiador/professor/a de História.

No tópico que analisaremos agora representado pela figura a seguir, onze membros postaram sobre qual seria o papel político do professor de história e uma questão é apresentada pelo membro responsável pela abertura do tópico: *o professor deve-se manter neutro ou tendencioso politicamente em sala de aula?* Inicia-se, portanto o debate.

¹²⁰ (BAUMAN, 2000 p. 21)



O primeiro membro a responder ao debate proposto se posiciona com o seguinte post:

Os dois...Não devemos influenciar os alunos com nossa ideologia, mas fica difícil não criticar quando vc vê os Estados Unidos, por exemplo, querendo dizer uma coisa para o mundo pensando que somos idiotas a ponto de acreditar. Temos de fazer os alunos terem espírito crítico, agora se o aluno achar que a felicidade dele está em comprar um carro novo, consumir, não posso mudar este tipo de visão ¹²²

O professor deixa claro em seu discurso que é possível manter-se neutro e tendencioso ao mesmo tempo. Para ele, “fazer os alunos terem espírito crítico” não significa ser tendencioso, é antes, um dever do professor de história, mas, que não se deve influenciar os alunos/as através de sua ideologias. “Fazer os alunos...” já não representaria influência? Será mesmo possível assumir as duas posições ao mesmo tempo, visto que são antagônicas? Ser neutro em algumas situações e noutras não? Nesse caso, referindo-se à política não expressar suas preferências político-partidárias, mas apresentar aos alunos os simulacros do poder político? Observemos como a des (construção) dessas identidades se dá, a partir dos discursos.

O segundo membro se posiciona com o seguinte discurso:

¹²¹ Imagem fotografada direto do Orkut com a ferramenta Print screen em Julho de 2011. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=14028177>

¹²² Post de membro realizado em 18/06/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=14028177>

Não há como ser neutro e se engana quem pensa que o aluno é uma caixa vazia onde depositamos nossas idéias... *gente*, essa gurizada pensa e muito... damos as nossas opiniões e eles têm o *discernimento* necessário... podem apostar... Abraços...¹²³

O primeiro membro leciona em escolas privadas e o segundo em escolas públicas e privadas e ambos são da região sudeste. O primeiro refere-se ao consumo repudiando-o no sentido de agente da felicidade. Pode ser que haja uma observação cotidiana por parte dele de um possível apelo consumista por parte dos seus alunos, que com maior poder aquisitivo, supervalorizam o consumo e essa prática vá de encontro ao seu pensamento de repúdio a essa nova sociedade, a sociedade do consumo, baseada nos princípios liberais e capitalistas que tem como representante maior os Estados Unidos.

O segundo membro convive com as duas realidades e tem a possibilidade de comparar mostrando mais leveza com relação à importância do professor como agente de influência política na vida de seus alunos. É possível que ele ao observar e comparar o poder de consumo de seus alunos e ambas as realidades, perceba que esse não é necessariamente fator preponderante para serem, mais, ou menos influenciáveis pelas opiniões do professor/a. O segundo membro descarta totalmente a possibilidade de neutralidade do professor de história na sala de aula, e faz questão de enfatizar o conhecimento que o aluno trás consigo anterior a sua aula de história admitindo não ser o aluno "uma caixa vazia" e que ideias do professor/a, somadas a opinião e discernimento do aluno/a se aglutinam durante a aula de história. Falas de lugares diferentes são verificadas.

Um terceiro membro entra no debate trazendo mais elementos para além da dualidade professor/a neutro X professor tendencioso. O poder de provocação e posterior transformação do professor sobre ao aluno aparece nesse discurso:

Da pretensa neutralidade!!! Não existe a tal postura de neutralidade em História. O que existe na verdade, é uma atitude covarde ou audaciosa. Uma atitude covarde subtende omissão e despreparo para o magistério de História. Uma atitude audaciosa denota uma profunda consciência e compreensão da realidade. Um verdadeiro Professor de História é na sua essência um "Provocador"!!! Ele instiga o aluno a se posicionar

¹²³Post de membro realizado em 19/06/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=14028177>



como agente de sua própria História. Um Professor de História não promove mudanças, ele é pura transformação!!! Saudações!!!¹²⁴

O debate é acalorado com a acusação do membro de que o professor não provocador tem atitude covarde, omissa e despreparada diante de seus alunos e que, portanto não passa de um “falso” professor de história, visto que, o “verdadeiro” deve instigar o aluno a ser agente de sua própria história. O professor de história para ele deve ser de fato tendencioso, pois acredita ser possível transformar o aluno, a partir da provocação, já que ele mesmo se corporifica como, “pura transformação”.

A percepção de história desse membro incorpora ainda mais elementos a des (construção) de identidades políticas para o professor/a de história. Aparece no seu discurso o conceito de verdade naturalizando o professor/a como agente de transformação, atribuindo-lhe a condição essencial de ser audacioso, reafirmando a produção da identidade na diferença. A produção e naturalização de verdades agrupadas em regimes que controlam e regulam são comuns a todas as sociedades como argumenta Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instancias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas.¹²⁵

Nesse sentido, *“O outro é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade”*¹²⁶..., ou seja, ser audacioso significa não ser covarde. Temos então, a identidade-verdade associada à audácia enquanto a diferença, que a coloca em xeque, associada à covardia.

Um quarto participante do debate afirma que *“Professor de História, em sala de aula, deve posicionar-se ideologicamente, Politicamente não”*.¹²⁷ Posicionar-se ideologicamente manteria uma possível neutralidade dentro de sala de aula e, politicamente o professor/a estaria assumindo uma posição tendenciosa diante dos alunos/as? Para esse membro, que dá continuidade a discussão e perguntado sobre a diferença entre posição política e ideológica, responde que a ideologia estaria

¹²⁴ Post de membro realizado em 01/06/2006. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=14028177>

¹²⁵ (FOUCAULT, 1988, p.131)

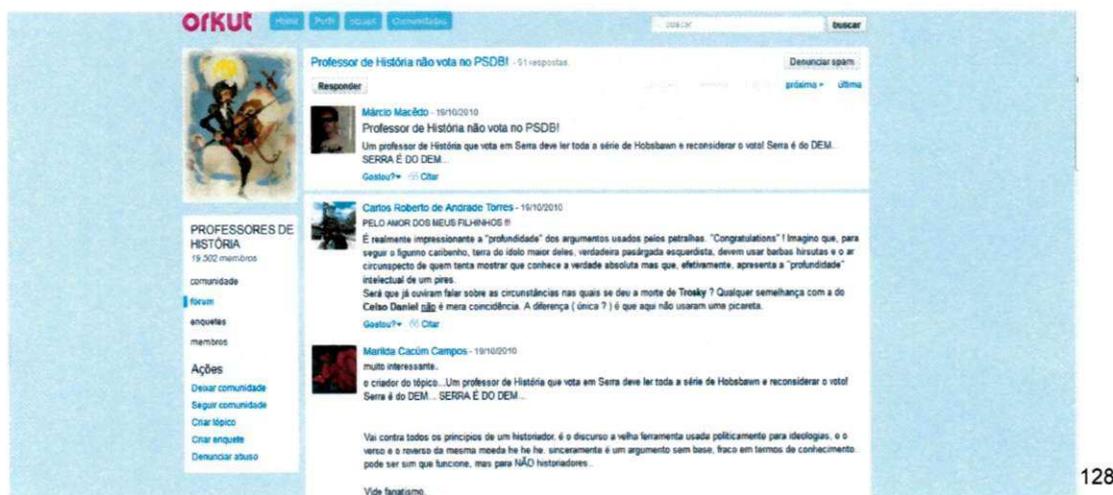
¹²⁶ (SILVA, 2000 p. 97)

¹²⁷ Post de membro realizado em 01/06/2006. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=14028177>

associada a teoria política repassada de forma neutra durante as aulas e a posição política estaria relacionada a filiação a partidos políticos e consequente militância abertamente diante dos alunos.

O debate ocorrido entre 2005 e 2006 levanta questões pertinentes sobre o exercício do ser professor/a de história e a preocupação de alguns desses profissionais em discutir que posturas e papéis podem/devem assumir dentro de sala de aula na contemporaneidade. O período em questão foi marcado por um desenvolvimento econômico no país com queda no número de desempregados, saldo comercial batendo recorde, e alta popularidade do presidente Lula, o que lhe garantiu um segundo mandato acompanhado por um alto índice de popularidade, apesar das denúncias de um suposto esquema de compra de votos (mensalão) investigado pela oposição.

Em outro tópico encontramos mais um debate acalorado, com 91 posts discutindo sobre o que seria a esquerda e a direita no Brasil, e qual “deve” ser o posicionamento político do professor de História a partir do “ser professor de história”. Esse debate aconteceu durante o período eleitoral de 2010; quando estavam em disputa os cargos de Presidente da República, Governador de Estado, Senadores e Deputados Federal e Estadual. Um momento político peculiar na história do Brasil, marcado pela tentativa de permanência da “esquerda” na presidência da República, representada pela candidatura de uma mulher ao cargo e que viria, ao final do pleito, se tornar a primeira mulher eleita presidente do Brasil.



128

A abertura do tópico se inicia com a seguinte afirmação de um dos membros:
“Professor de História não vota no PSDB! Um professor de História que vota em

128 Imagem fotografada do direto do Orkut com ferramnetta Print Screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549>

Serra deve ler toda a série de Hobsbawn e reconsiderar o voto! Serra é do DEM... SERRA É DO DEM..."¹²⁹ O PSDB representado pelo candidato José Serra durante aquelas eleições representava oposição ao então governo de "esquerda" estabelecido há oito anos no Brasil, portanto, de direita. A expressão: "*Serra é do DEM... SERRA É DO DEM...*" referia-se naquele momento a uma sátira criada a partir do slogan de campanha do candidato Serra: "*Serra é do bem... Serra é do bem...*", criticando a aliança selada entre esses dois partidos, o PSDB e o DEM para aquelas eleições.

A influência do historiador Eric Hobsbawn sobre os adeptos da esquerda é bastante nítida nesse discurso e possivelmente compatível com a postura assumida pelo historiador inglês de formação marxista – embora não tenha se rendido ao dogmatismo da historiografia oficial comunista, sendo muito mais "rotulado" pela historiografia contemporânea como um neomarxista - expressa no prefácio do seu livro *Sobre História*, onde reafirma que sua abordagem é marxista, e que sem Marx não teria desenvolvido nenhum interesse especial pela história. Em entrevista concedida a folha de São Paulo em 30 de dezembro de 2007, confirma que:

[...] de fato sua convicção de esquerda continua, mas algumas de suas convicções mudaram; que não acredita mais que o comunismo como foi aplicado poderia ainda dar certo; não se considera mais um revolucionário, muito embora não tenha sido mal para ele e para sua geração terem sido revolucionários.¹³⁰

Em seguida temos um debate com ânimos exaltados:

Muito interessante... O criador do tópico vai contra todos os *princípios* de um historiador, é o discurso a velha ferramenta usada politicamente para ideologias, e o verso e o reverso da mesma moeda he he he. Sinceramente é um argumento sem base, fraco em termos de conhecimento. Pode ser sim que funcione, mas para NÃO historiadores. Vide fanatismo.¹³¹

"Princípios de um historiador". Quais seriam então? Depois de acusar o membro criador do tópico de não ter os tais princípios, o segundo membro a postar refere-se

¹²⁹ Post de membro realizado em 19/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=1&npr=1&nid=>

¹³⁰ Disponível em www.webartigos.com Acesso em Junho de 2012.

¹³¹ Post de membro realizado em 19/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=1&npr=1&nid=>

a ele como fanático, de conhecimento fraco. Duas identidades são des (construídas) aqui. Primeiro, o criador do tópico generaliza os professores/as de história sugerindo que todos devem ser adeptos incondicionais da esquerda no país. Depois no discurso de resposta o segundo membro utiliza o discurso de que um argumento tão “fraco em termos de conhecimentos” não funcionaria contra um historiador. Para Deacon e Parker *Para recusar e criticar o que somos, devemos ao menos num sentido mínimo ter descoberto o que somos ou como somos constituídos enquanto educadores e ter imaginado e inventado que novos tipos de sujeitos poderíamos ser.*¹³²

A autorreflexão para o autoconhecimento do educador é posta como necessária para que discursos como os acima citados não precisem necessariamente impor sentidos através de regras dadas historicamente afirmando verdades de um tempo. E esse momento dos discursos citados- o período eleitoral- é o tempo de discutir sobre aqueles que estão sendo convocados a assumirem identidades dentro de um contexto político que durante muito tempo foi considerado o campo por excelência do historiador: a História Política, e que a além de assumirem identidades para si, desejam impor esta ou aquela para os outros.

“*Tem professor de História que é PSDB, assim como tinha judeu que era nazista...*”¹³³ Esse é o discurso do terceiro membro a postar. Ser partidário do PSDB esta para ser nazista, assim como ser professor de história está para ser judeu? Se associarmos a morte de milhões de judeus aos nazistas no século XX pode se pensar a partir desse discurso que os historiadores são as vítimas e o PSDB o carrasco? Historiador que vota no PSDB estaria dizimando seus pares, assim como um judeu nazista? Retomemos a discussão:

Realmente não consigo entender estes dualismos. Estes professores de história que só leem livro de esquerda !!!!! é sinônimo Historiografia brasileira e *coitadismo* ideológico. Já vi cara saindo do IFCS dizendo q STALIN era o homem mais incrível que já lera sobre. Um cara q fez do povo escravos... !!!! Eu pergunto a vocês... O QUE O BRASIL QUER???? Pessoas subindo pelo mérito ou esperando migalhas do governo pra sempre??? Quando o Brasil vai começar a enaltecer

¹³² (SILVA, 2008 p.107)

¹³³ Post de membro realizado em 19/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=1&npr=1&nid=>

peças empreendedoras ??? Já entrou nessa cabeça oca comunista que um país *não* existe sem empresários fortes????????????¹³⁴

O quarto membro a entrar no debate critica o que chama de dualismos colocados nas discussões anteriores e também os professores de história que só leem livros de esquerda, chama atenção para a importância que o capitalismo tem no fortalecimento de um país e chama os comunistas de “*cabeça oca*”. Estariam os cursos de história no Brasil priorizando as leituras esquerdistas? Será que a historiografia brasileira só dá conta da vitimização dos oprimidos enaltecendo a ascensão de um “*coitadismo ideológico*”? E o debate continua

Eu voto no Serra. Eu sou historiadora e voto em quem eu quiser é um Direito meu. Será a primeira vez que vou votar em um candidato do psdb mas eu não estou votando pelo partido , como fazia antes votando nos petistas, e sim pelas propostas do Serra que considero melhores que a da Dilma. Acaso ele fizer diferente do que propõe não terá mais meu voto igualmente os candidatos do Lula e Cia.¹³⁵

Dessa vez um membro que nitidamente se apresenta como mulher, historiadora e com o direito de votar em quem quiser independente de sua condição de historiadora justifica o porquê de estar votando pela primeira vez no partido abominado pelo criador do tópico. Ela afirma que seu voto era dado ao candidato pelo partido nesse caso o PT, provavelmente por ser de “esquerda”, mas, que a partir de então estaria analisando propostas e não mais partidos. Já podemos observar que nem todos os cursos de história do Brasil estão oferecendo aos futuros professores/as apenas leituras de esquerda e, mesmo que estivessem em todos necessariamente estariam compactuando das mesmas ideologias. Posts e posts...

Ora, que graduado em História não vai votar em PSDB não prova nada. O melhor curso de História deste país, o IFCS no rio está repleto de cabos eleitorais do PSTU, psol E outros afins ... A pessoa sai destes cursos seguindo estas vertentes sem saber exatamente pq. Acha q é uma luta virtuosa, que está salvando as minorias, passa a mão em

¹³⁴Post de membro realizado em 19/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=1&npr=1&nid=>

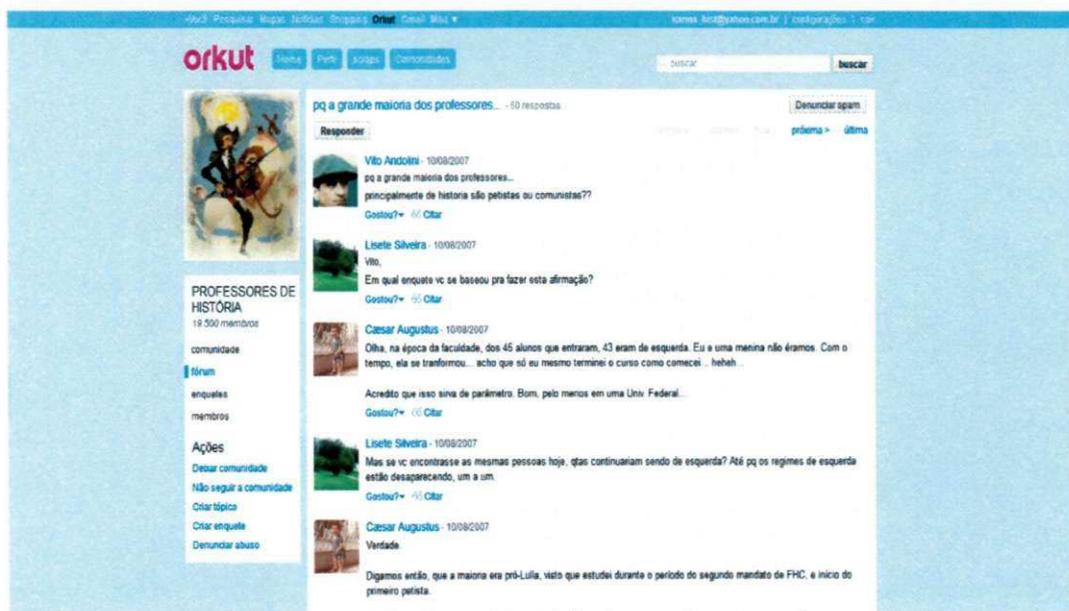
¹³⁵Post de membro realizado em 20/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=3&npr=4&nid=1292484-5529661731269458549-5529803624276442162>

milhões de cabeças HUMILDES ... mas *não* os ensinam a fazer uma conta, que é possível vencer sem migalhas ...!¹³⁶

Esse outro membro chama atenção para outro sentido da militância em partidos de esquerda relacionada a uma possível inércia sociocultural provocada pela suposta atitude virtuosa de “passar a mão na cabeça dos humildes” ensinando-lhes que fazem parte de uma minoria que têm os direitos cerceados sem se dar o trabalho de os fazerem entender que é possível vencer a partir dos próprios méritos sem ter que aceitar migalhas.

Mais uma identidade é posta e questão nesse discurso: Ser de esquerda, sem se quer saber o sentido das ideologias de esquerda. Ao entrar num curso de História o sujeito se depara com posições políticas naturalizadas como sendo as mais adequadas aos historiadores e se deixa levar por um discurso que acaba por legitimar uma identidade política essencialmente esquerdista para o professor/a de história/ e/ou Historiador/a

Vejamos agora outro tópico relacionado à identidade política do historiador/professor de história.



137

¹³⁶ Post de membro realizado em 19/10/2010. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5529661731269458549&na=3&npn=3&nid=1292484-5529661731269458549-5529769491658896918>

¹³⁷ Imagem fotografada direto do Orkut com ferramenta Print screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2548528070404976379>

*“Pq a grande maioria dos professores... principalmente de historia são petistas ou comunistas??”*¹³⁸ É a pergunta de abertura do tópico. E aí temos mais um tópico aberto com uma pergunta que relaciona professores/as de história/historiadores aos partidos de esquerda no Brasil. O membro não pôde ser identificado como sendo professor ou aspirante a profissão, porque, somente fez a pergunta e não participou do debate, mais o debate teve prosseguimento e com participação efetiva dos demais membros.

Olha, na época da faculdade, dos 45 alunos que entraram 43 eram de esquerda. Eu e uma menina não éramos. Com o tempo, ela se transformou... acho que só eu mesmo terminei o curso como comecei... heheh. Acredito que isso sirva de parâmetro. Bom, pelo menos em uma Univ. Federal...¹³⁹

Bem, “na época que entrei na universidade”. Que época foi essa? O membro continua sua participação no debate dizendo que foi entre o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso e o início do governo do presidente Lula. Ele acredita que os números sirvam de parâmetros para se responder a pergunta do criador do tópico, mas, o contexto também pode oferecer alternativas como respostas.

A chegada do Lula a presidência da República foi triunfal, uma vitória desejada por treze anos, três derrotas nas urnas e um povo ansioso por um governo diferente dos anteriores promovidos por partidos tidos como de “direita”. Final de um governo com índices de popularidade não muito gloriosos, expectativa total na “nova” forma de governar, proporção mais que comum de alunos se auto afirmando como sendo de esquerda, além do que, o governo começou e terminou com altos índices de aprovação. O que não significa necessariamente que todo professor de história seja petista ou comunista.

Anacronismo. Essa visão está duas décadas ultrapassadas. Formei-me em 98 e já naquela época muitos estudantes da UERJ já se mostravam decepcionados com os rumos do PT, e olhem que lá funcionava o

¹³⁸ Post de membro realizado em 10/08/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2548528070404976379>

¹³⁹ Post de membro realizado em 10/08/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2548528070404976379>

"núcleo" fluminense do partido ... aliás, talvez esse tenha sido o motivo da decepção, as "mutretas" já estavam visíveis.¹⁴⁰

Esse outro membro acaba discordando do anterior e narra como foi sua experiência no curso com colegas que não eram maioria de "esquerda" porque *"já se mostravam decepcionados com os rumos do PT"*. O contexto é muito próximo. Final do primeiro mandato de FHC, mas, a faculdade, o estado, a cidade não são os mesmos, são dois lugares diferentes de fala e que, portanto, justificam discursos tão antagônicos.

Heterogeneidade e regularidade discursivas relacionadas aos temas abordados sobre identidades políticas atribuídas ao professor de história/ historiador aliadas a diferentes percepções historiográficas, nos apontaram um descentramento das identidades provocado principalmente pelos questionamentos em torno da naturalização das mesmas afirmando os movimentos oscilatórios entre fixidez e estabilização e subversão e desestabilização destas.

O que nos permite observar na análise dos presentes discursos a tentativa, primeiro de desconstrução de uma identidade política fixa para o professor de história/historiador/a e segundo a emergência dos debates a partir da rede aproximando professores/historiadores/as que estão em lugares de fala diferentes tanto geograficamente quanto historiograficamente, mas, que optaram por estar - junto nesse novo espaço de identificação que permite a esses membros-professores transformados em web-atores o consumo de mais um espaço de interação e interatividade que coloca em pauta não só a des (construção) de uma identidade política, mas, de tantas outras como poderemos observar nos próximos tópicos.

¹⁴⁰ Post de membro realizado em 10/08/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2548528070404976379&na=3&npr=2&nid=1292484-2548528070404976379-5097094357409546547>

2.3 – Normatização do corpo docente: a des (construção) de identidades dóceis para os professores/as

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações¹⁴¹

Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* discorre sobre a disciplina e o controle dos corpos em diferentes épocas e os dispositivos utilizados pelas instituições normatizadoras (escolas, presídios, igrejas) para assegurar a docilidade desses corpos operacionalizados pelos sistemas de verdade produzidos através de discursos legitimados que têm o poder de selecionar, classificar e hierarquizar as práticas.

E o corpo do professor na contemporaneidade continua sendo inscrito como texto a partir dos discursos. No próximo tópico a narrativa do debate é bem diferenciada da narrativa elaborada nos tópicos anteriores. Aqui podemos observar uma discussão relacionada ao “ser” professor não mais no campo do poder político, mas no campo do poder normatizador que a partir da modernidade transformou o corpo do professor em um território passível de ser atravessado pelos mais variados discursos: educacional, moral, médico-higienista, religioso, fazendo do corpo do professor uma representação da própria instituição, naturalizando assim o par normal-anormal.

O debate gira em torno do poder do indivíduo (professor/a) sobre o próprio corpo e o poder da instituição sobre esse mesmo corpo que passa a representá-la. A discussão aborda questões relacionadas ao impacto que as tatuagens podem causar nos alunos, pais e corpo técnico da escola. O tópico aberto por uma professora de história e com quarenta e um posts, inicia-se com a seguinte pergunta:

Olá caros colegas de profissão... Eu sou professora de história... Leciono para a galerinha do Ensino Fundamental... e eles..por sua vez..ficam meio surpresos com a idéia da professora ter duas tatuagens...certa vez ouvi de um aluno " tatuagem é coisa de maloqueiro..de *presidiario*...vagabundo".sabemos que esse tipo de pensamento preconceituoso deve ser extirpado da mente de nossos jovens...Pergunto: Vocês professores da comunidade tem tatuagem??

¹⁴¹ (FOUCAULT, 2007 p. 118)

Se tiverem... vão mostrando..ou escondem?? Já ouviram falas preconceituosas de seus alunos??¹⁴²

The screenshot shows a forum post on Orkut. The title is "Professor e tatuagem" with 41 replies. The post is from user "Fernanda" on 26/10/2009. The text of the post reads: "Olá caros colegas de profissão.. Eu sou professora de história..Leciono para a galerinha do Ensino Fundamental..e eles..por sua vez..ficam meio surpresos com a idéia da professora ter duas tatuagens.. certa vez ouvi de um aluno " tatuagem é coisa de maloqueiro..de presidiario..vagabundo" sabemos que esse tipo de pensamento preconceituoso deve ser extirpado da mente de nossos jovens.. dai ..lá fui eu explicar q não é nada disso...rs Pergunto: Vocês professores da comunidade tem tatuagem?? Se tiverem...vão mostrando..ou escondem?? Já ouviram falas preconceituosas de seus alunos??". Below the post, there is a reply from "Edmilson Esteves" on 26/10/2009: "Se o Espírito é livre por que a tatuagem deve ser presa?". The forum interface includes a search bar, navigation links (Home, Perfil, Grupos, Comunidades), and a sidebar for the "PROFESSORES DE HISTÓRIA" community.

143

O questionamento da professora apresenta uma preocupação com a surpresa que os alunos têm ao se depararem com um professor/a tatuado. Será que ficariam surpresos vendo outras pessoas que não fossem seus professores/as tatuados? A associação de tatuagens a sujeitos marginalizados poderia gerar preconceitos contra o professor/a legitimando para ele/a o centro ao invés das margens, já que devem servir de exemplos para seus alunos/as? A discussão prossegue com vários professores narrando, de lugares diferentes, suas experiências com tatuagens, escola e alunos/as e opinando sobre como se comportar um professor/a que possui tatuagens.

*“Eu as mostro... mas fora da escola... pra depois eu não ser acusada de estar influenciando as crianças... rsrs o que eu acho uma bobagem...”*¹⁴⁴ A primeira resposta aparece de forma bem casual e o membro demonstra a preocupação de “não ser acusada” de influenciar os alunos/as. Parece saber que há o discurso, seja da instituição, seja da família de que o professor/a exerce influência sobre os

¹⁴² Post de membro realizado em 26/10/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5396947778366814097>

¹⁴³ Imagem fotografada direto do Orkut com Ferramenta Print Screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5396947778366814097>

¹⁴⁴ Post de membro realizado em 27/10/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5396947778366814097>

alunos/as, mas não acredita que o possa fazer. Mesmo assim, decide por não as deixar visíveis na escola.

Eu tenho uma tatuagem do Che Guevara e nunca tive problema nenhum com isso. Ela é escondida, mas se algum aluno pede pra ver eu mostro. Nunca ouvi qualquer comentário, nem de aluno nem de outros professores, nem da direção.¹⁴⁵

Personagem símbolo da revolução socialista e cultuado pela esquerda como herói principalmente na América Latina, Che Guevara aparece no discurso com uma possível aceitação em detrimento de outras figuras, talvez por se tratar de um revolucionário e, como pudemos observar no tópico anterior sobre identidades políticas, a imagem do professor/a de história também é associada à revolução, transformação e esquerda. Esse membro afirma não ter problemas relacionados a tatuagens e logo em seguida é perguntado pelo membro que abriu o tópico sobre onde mora e responde: em São Paulo e a discussão continua: "*aki em Teresina o povo é meio preconceituoso e tals... uns acham ótimo...incrível...mas tem gente q olha torto...infelizmente..*"¹⁴⁶

A discussão então entra em outro campo discursivo, o lugar regional dos discursos, pondo em pauta que a ideia do preconceito contra professores tatuados seria mais forte num estado da região Nordeste (Piauí) do que em um da região Sudeste (São Paulo). É possível perceber assim a região inscrita e constituída também de discurso, associado a imagens, valores, qualidades e também aos estereótipos criados pela mídia. Para Durval Muniz: "*O Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como é, mas tal como foi nordestinizado.*"¹⁴⁷ Tanto pelos sulistas quanto pelos próprios nordestinos desde a literatura até a música como analisa Durval em sua obra a Invenção do Nordeste enfatizado a heterogeneidade discursiva a partir de uma lugar de fala para além das dicotomias atribuídas geralmente a região Sudeste como dominante e a região Nordeste como dominada . Sobre essa heterogeneidade discursiva vejamos Foucault:

¹⁴⁵ Post de membro realizado em 27/10/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5396947778366814097>

¹⁴⁶ Post de membro realizado em 27/10/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5396947778366814097>

¹⁴⁷ (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006 p. 311)

Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes... Os discursos como silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta¹⁴⁸

A partir do discurso analisado, caracterizado por uma escrita de si coletiva podemos perceber que parte do próprio professor/a nordestino/a a invenção de um Nordeste como lugar de pessoas preconceituosas, o que pode caracterizar um atraso com relação aos Sulistas caracterizados como menos preconceituosos com relação às tatuagens. Temos assim, corpos atravessados por discursos, que se inscrevem sobre os mesmos como texto, para torná-los dóceis ou provocando a fuga dos mesmos para as margens; lugar repleto de táticas e astúcias que lhes permite reinscrever o texto normativo imposto aos seus corpos e ressignificar expressões corporais cotidianamente. Encontramos dois tópicos relacionados à questão do uso de tatuagens por professores.

Num debate com trinta e seis posts, os professores/as mais uma vez expressam suas opiniões sobre o preconceito que um professor/a tatuado pode, ou não, sofrer no seu ambiente de trabalho. O tópico é aberto com a seguinte pergunta:

Professores tatuados, ainda impera o preconceito? Olá membros participantes da comunidade! Todos os dias acompanho as discussões, gosto bastante dos temas e dos *blá blá blá's*... Com *vcs debantendo* daí e eu lendo daqui, estou aprendendo bastante. Obrigada. Agora sem mais trivialidades, gostaria de colocar um tema aqui na roda... PODERÁ SOAR UM TANTO SIMPLÓRIO, mas gostaria de saber a opinião/visão de cada um, já que gosto tanto de ver *vcs conversando* sobre temas variados. Rola preconceito contra professores de tatuagens visíveis?¹⁴⁹

¹⁴⁸ (FOUCAULT, 2007 p. 95-96)

¹⁴⁹ Post de membro realizado em 30/11/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865>

Professores tatuados, ainda impera o preconceito? 35 respostas

Responder

dani corôia - 30/11/2007

Professores tatuados, ainda impera o preconceito?

Olá membros participantes da comunidade!

Todos os dias acompanho as discussões, gosto bastante dos temas e dos blá blá blá's... Com vcs debatendo daí e eu lendo daqui, estou aprendendo bastante. Obrigada.

Agora sem mais trivialidades, gostaria de colocar um tema aqui na roda.

PODERÁ SOAR UM TANTO SIMPLÓRIA, mas gostaria de saber a opinião/visão de cada um, já que gosto tanto de ver vcs conversando sobre temas variados.

Rolla preconceito contra professores de tatuagens visíveis?

Um abraço a todos.

Gostou? Citar

BrEnô & Rô - 30/11/2007

Eu até acho legalinho.

Sinceramente eu até gosto delas (desde que não sejam em mim hehe). Vc perguntou se ainda existe preconceito contra tatuados? Bom, pode ter certeza que sim, ainda mais na classe docente. Infelizmente muitos companheiros ainda pensam com a mentalidade do século XIX. Eu não tenho nenhuma tatuagem, mas meu irmão por exemplo é cheio (entra no meu perfil e de uma olhada). Ele já foi discriminado e criticado por tê-las. Eu não posso censurar as pessoas por esse tipo de discriminação, pq eu mesmo não fero uma tatuagem, apesar de admirar a coragem de quem as tem. Tá registrado...

Gostou? Citar

Lisete Silveira - 30/11/2007

Acho que rola preconceito, sim.

Se a tatuagem for bem discreta, talvez nem tanto, mas se for grande e bem exposta, aposto que o profissional vai ter que ouvir advertências. Embora o conhecimento e a competência não estejam na tatuagem em si, tdo mercado de trabalho rejeita o modismo. Isso não é só na escola, mas em qualquer ambiente de trabalho, como: bancos, empresas, etc.

Gostou? Citar

150

O membro demonstra certa intimidade cotidiana com a comunidade, ao menos, como observador das discussões, pois deixa claro acompanhar todos os dias as discussões propostas no fórum e se mostra otimista com relação ao espaço de diálogo afirmando ser este também um espaço de aprendizado. Abre o tópico com um pouco de receio de que a discussão pareça simplória, mas, não deixa de colocar mais uma questão nessa mesa redonda e assim dar início a mais um debate.

Acho que rola preconceito, sim. Se a tatuagem for bem discreta, talvez nem tanto, mas se for grande e bem exposta, aposto que o profissional vai ter que ouvir advertências. Embora o conhecimento e a competência não estejam na tatuagem em si, *tdo* mercado de trabalho rejeita o modismo. Isso não é só na escola, mas em qualquer ambiente de trabalho, como: bancos, empresas, etc.¹⁵¹

O primeiro membro a responder o questionamento de abertura do tópico responde de forma clara que não só nas escolas, mas, em outros ambientes de trabalho o sujeito tatuado pode sofrer preconceito e inclusive ser advertido. No entanto, desvincula tatuagens, de competência e conhecimento profissional. O que o sujeito inscreve em seu próprio corpo deve ocultado em detrimento do que a instituição inscreve? O corpo do professor/a deve-se transformar numa extensão da escola?

¹⁵⁰ Imagem fotografada direto do Orkut com ferramenta Pnt screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865>

¹⁵¹ Post de membro realizado em 30/11/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865>

Preconceito contra tatuado rola sim. Infelizmente nossa sociedade ainda é hipócrita. O que importa é o que vc aparenta ser, não o que vc é. Sociedade tradicionalista. É a maldita herança *hibérica* Tudo que foge ao que é socialmente aceito, deve ser taxado e segregado. Não esperava encontrar respostas tão reacionárias nessa comunidade. *Me enganei e me decepcionei profundamente.*¹⁵²

Decepção com os pares “reacionários” e com a sociedade “hipócrita” e “tradicionalista” endossa o discurso do terceiro membro a postar no tópico. Nesse sentido parecia haver por parte dele um encantamento pelas discussões do fórum dessa comunidade que acabou se transformando em decepção ao se deparar com as respostas que possivelmente não eram esperadas.

Em seguida temos uma resposta ao membro anterior relacionada à sua fala:

Confesso que não entendo o *pq* da indignação de quem é tatuado, contra o preconceito. Vivemos em sociedade, não dá para achar que todos os quase 11 mil membros aqui da comunidade sejam mente tão aberta a ponto de olharem para uma pessoa toda tatuada como se olhassem para algo comum, é incomum sim, até hoje *qdo* vejo um adolescente parecendo filhote de um papagaio com ser humano fico atoleimado olhando, e, não quero nem saber, se fez isso, tem que estar preparado para chamar atenção. Agora, é claro que se quer se tatuar tatue-se, seja livre, feliz e tudo, não se importe com o que reacionários pensam.¹⁵³

Não entender a indignação contra o preconceito, abre o post do membro que responde ao anteriormente decepcionado com as posturas “preconceituosas” de alguns membros da comunidade. No discurso desse membro aparece o par comum-incomum naturalizado, ou seja, para que um sujeito tatuado seja considerado incomum, automaticamente um sujeito sem tatuagens é considerado comum legitimando mais uma vez que a identidade se constitui na diferença. Para que haja o normal, algo vai necessariamente ter que ser considerado anormal. A sugestão seria então, segundo o discurso desse membro, assumir as identidades forjadas na diferença sem se importar com os olhares atravessados de preconceito, que seria, portanto o “normal” com todas as suas características positivas como argumenta Silva:

¹⁵² Post de membro realizado em 01/12/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865&na=3&npr=2&nid=1292484-2569330634973970865-5138968407351689649>

¹⁵³ Post de membro realizado em 01/12/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865&na=3&npr=2&nid=1292484-2569330634973970865-5138968407351689649>

Normalizar significa eleger- arbitrariamente- uma identidade específica como o parâmetro em relação a qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa a identidade normal é "natural", desejável, única¹⁵⁴

Observar o referencial é a sugestão do próximo membro a postar. Para ele, o lugar social do professor é que determina se o uso de tatuagens é ou não adequado. Instituições militares e religiosas não seriam adequadas para o uso de tatuagens devido suas funções normatizadoras e hierárquicas, enquanto que escolas públicas se apresentam mais receptíveis ao uso, por abrigar pessoas que convivem cotidianamente com tatuagens.

"Depende do referencial" quem ainda se lembra desta frase do professor de física lá no "2º grau" hoje ensino médio? Acredito que depende o colégio, da região, do bairro. Imagine um professor tatuado lecionando num instituto militar, ou colégio de freiras, vai rolar maior stress, mas num colégio público de periferia vai ser uma ótima forma de se aproximar de alguns alunos. Quanto a *ideia* chave de preconceito, ele, ainda existe em nosso país em todos os setores, mas daria muitos devaneios *discuti-lo* agora.¹⁵⁵

Mais uma vez podemos observar o uso de tatuagens sendo relacionados às margens, ao anormal, convocando, pois os sujeitos-professores/as a responderem pela produção da diferença dentro das escolas e a docilizarem seus corpos, adaptando-os aos espaços através de táticas que possibilitam um pseudo autocontrole sobre seus corpos, adotando vestimentas adequadas aos espaços de poder da educação. Até onde vai o poder das instituições sobre o corpo do professor/a? O corpo do professor/a seria uma extensão da instituição e da profissão e, portanto, passível de controle institucional? Louro chama atenção para as posturas exigidas do professor/a na modernidade que apesar de um inegável descentramento do sujeito na contemporaneidade, - que tem provocado a fragmentação das identidades, - continuam em plena voga quando o assunto é o comportamento do professor dentro e/ou fora da instituição escolar.

¹⁵⁴ (SILVA, 2000 p. 83)

¹⁵⁵ Post de membro realizado em 10/12/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=2569330634973970865&na=3&npr=4&nid=1292484-2569330634973970865-5141869988481530161>

[...] Não basta que o mestre seja conhecedor dos saberes que deve transmitir, mas é preciso que seja ele próprio, um modelo a ser seguido. Por isso o corpo e a alma dos mestres, seu comportamento e seus desejos, sua linguagem e seu pensamento precisam ser disciplinados.¹⁵⁶

O próximo tópico a ser analisado traz uma discussão bem marcada em relação aos limites do poder individual e institucional sobre o corpo do professor/a. O debate gira em torno de uma polêmica que tomou conta das mídias no país no ano de 2009, quando um vídeo postado no youtube onde uma professora baiana dançando um hit de axé music estourado no momento, mostrando roupas íntimas, recebe centenas de visualizações e torna-se o motivo de sua demissão da escola onde lecionava para crianças do ensino fundamental menor.

Louro citando Foucault afirma:

Quando o poder é exercido sobre o nosso corpo, “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder”. Buscamos todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos¹⁵⁷

Corpos escolarizados através do exercício de micro poderes normativamente instituídos quase imperceptíveis, que têm como função controlá-los com o intuito de torná-los “normais”, não significa necessariamente sujeição total ao poder instituído, tendendo a praticar o que Certeau chama de anti-disciplina através de táticas individuais dos sujeitos que o autor nomeia de “sujeitos ordinários”. Para ele, que analisa as práticas cotidianas como enunciados, o ordinário é algo que não está no sujeito, não é essencial, natural, mas é algo que aparece na relação¹⁵⁸.

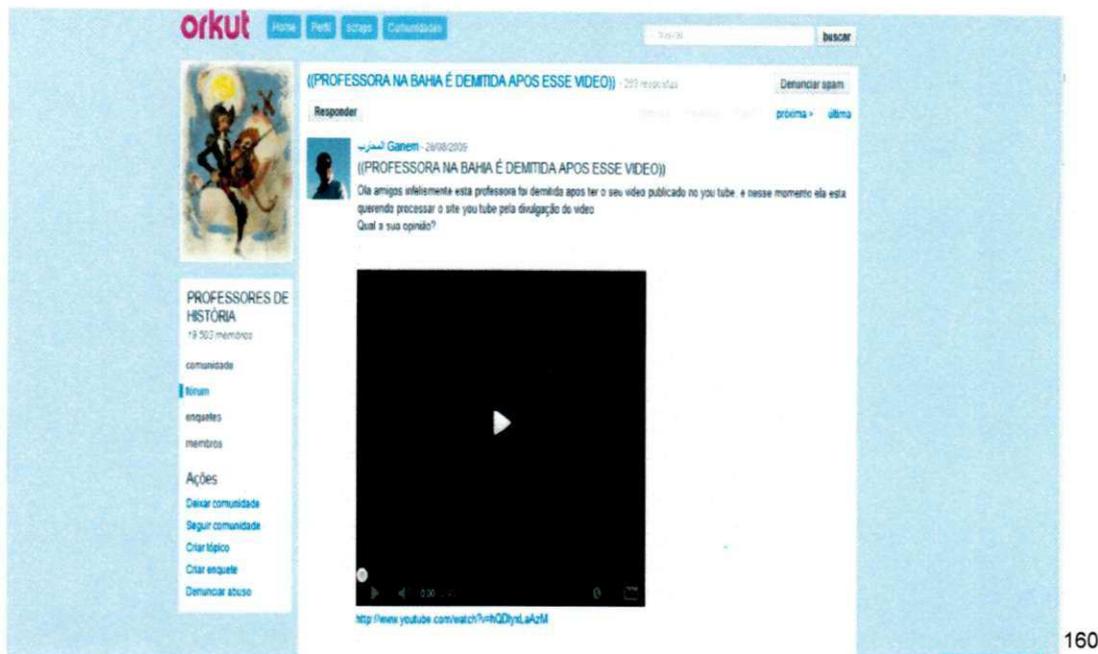
Passemos então a análise do tópico relacionado ao caso da professora baiana. O tópico é aberto com a seguinte descrição: *(PROFESSORA NA BAHIA É DEDITIDA APÓS ESSE VIDEO)*. *Olá amigos infelizmente esta professora foi demitida apos ter o seu vídeo publicado no youtube, e nesse momento ela esta querendo processar o site youtube pela divulgação do vídeo. Qual a sua opinião?*¹⁵⁹

¹⁵⁶ (LOURO, 1997 p.92)

¹⁵⁷ (LOURO, 2000 p. 12)

¹⁵⁸ (CERTEAU, 1994)

¹⁵⁹ Post de abertura de tópico realizado em 28/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916>



Com duzentos e sessenta e nove posts, um dos tópicos mais comentados da comunidade, os membros opinam e inscrevem-se nos discursos que atravessam o corpo do professor/a de forma bastante interativa. O primeiro membro a responder: *“Não sou baiana e não conheço muito os seus “costumes”. Nada contra, mas é uma postura muito estranha para uma educadora. E, não acredito que o site youtube seja responsável pela demissão.”*¹⁶¹ A estranheza que marca a identidade e a diferença aparece claramente no discurso, apontando através da falta de conhecimento dos costumes, a negação da prática da professora. A postura do ser professora é questionada e que postura seria essa? Aquela ainda imposta pela modernidade como argumenta Louro:

O processo educativo escolar que se instala no início dos tempos modernos, se assenta, pois, na figura de um mestre exemplar. Para que isso aconteça não basta que o mestre seja conhecedor dos saberes que deve transmitir, mas é preciso que seja ele próprio um modelo a ser seguido. Por isso o corpo e a alma dos mestres, seus comportamentos e seus desejos, sua linguagem e seu pensamento precisam ser disciplinados¹⁶²

¹⁶⁰ Imagem fotografada direto do Orkut com ferramenta Print scr. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916>

¹⁶¹ Post de membro realizado em 28/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916>

¹⁶² (LOURO, 1997 p.92)

Nesse sentido o corpo do professor/a atua como texto que também faz parte das práticas cotidianas na sala de aula, pois deve servir como modelo para aqueles que estão sendo “formados”, os alunos. Em seguida temos um post breve: “*Vida profissional é vida profissional. Vida privada é vida privada*”¹⁶³. Esse membro com um discurso de poucas palavras questiona outros elementos como o lugar reservado aos espaços público e privado talvez numa tentativa de estabelecer uma relação entre os limites da instituição sobre a vida privada do profissional e a livre interferência no que tange a vida profissional. O corpo do professor/a estaria, portanto passível de um controle institucional até na sua privacidade? Quais seriam os limites do público e do privado quando o tema é um corpo-modelo, ou seja, o professor/a exemplo? Sobre isso analisemos o próximo discurso:

Talvez eu piore as coisas. Vou pensar aqui como aluna. Quando eu era aluna, achava meus professores o *máximo*, esperava deles postura em todo lugar, idealizava mesmo. Era estranho até vê-los bebendo cerveja nas festas. Hoje eu sou o outro lado, rrsrrsrs¹⁶⁴

Uma professora de aproximadamente trinta anos e que leciona no ensino fundamental propõe o exercício de se colocar no lugar dos alunos/as e o faz por já ter visto em seus professores no passado exemplos a serem seguidos e estranheza ao observar comportamentos “inadequados” ao que deveria ser a postura adequada para um professor/a- modelo. Estariam, pois os alunos/as na contemporaneidade mirando-se no professor como exemplo e modelo a ser seguido, dada a desvalorização em vários sentidos (econômico, social e cultural) do profissional professor/a, que no início do século XX era tido como um profissional honrado e que exercia um ofício como sacerdócio a partir de uma identidade fixa atrelada a um corpo descarnado, assexuado?

“*Esses dias fui comprar ração pro meus cachorros e lá na Pet-shop ouvi isso de uma aluna: Ave Maria, cadê a outra metade dessa saia?*”¹⁶⁵ A própria professora responde. Na experiência cotidiana, a aluna exige uma identidade fixa do

¹⁶³ Post de membro realizado em 28/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916&na=3&npr=2&nid=1292484-5374940499080512916-5375010176331061413>

¹⁶⁴ Post de membro realizado em 29/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916&na=3&npr=10&nid=1292484-5374940499080512916-5375155316672271917>

¹⁶⁵ Post de membro realizado em 29/09/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916&na=3&npr=10&nid=1292484-5374940499080512916-5375155316672271917>

professor/a. A roupa da ida ao pet shop que configura uma atividade da vida privada deve ser compatível com a postura pública praticada pela professora no espaço da escola. Temos então uma invasão do público no privado.

Observamos também a preocupação de um membro com o prolongamento da questão ligada à exposição do corpo da professora para outras esferas onde a diferença é sinônima da anormalidade, que poderá virar alvo de algum tipo de discriminação: *“Estas merdas começam estigmatizando a uma professora por mostrar a bunda numa boate, e acabam estigmatizando a um professor porque é negro ou porque é gay”*¹⁶⁶. As imposições morais, sociais e econômicas impostas aos que desviam da ordem são inúmeras, o que não é suficiente para evitar os desvios, como argumenta Louro: *Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da educação vê-se ameaçada. O anseio pelo cânone e pelas metas confiáveis é abalado*¹⁶⁷. Ser gay, negro e ter um corpo sexualizado também são características que fogem do estabelecido em praticamente a maior parte da história da educação formal brasileira. São identidades que se mostram incompatíveis ao ser professor/a que deve ter a sexualidade negada, portanto, nem se identificar como gay e nem reproduzir com seu corpo movimentos que estimulem a sexualidade. E ser negro ainda parece carregar toda uma herança da negação ao acesso à educação impossibilitando a ascensão a uma profissão que exige a dedicação de um tempo razoável a formação.

Mais um membro traz uma questão bastante atual para o debate:

Cuidado, professor, vc está sendo filmado! A mídia *têm* seus perigos e professor sempre foi uma figura pública. Tempos atrás, a gente só precisava se preocupar com as fofocas; agora, temos que nos preocupar com o youtube e similares. A baianinha pode dançar e mostrar o que quiser, pode até mudar de profissão. Mas quem quer ousar precisa estar consciente dos riscos da ousadia. A moça parece **não ter** avaliado a questão, deixou o entusiasmo falar mais alto ... mas, olhando pelo lado "positivo", todos estão falando dela.¹⁶⁸

¹⁶⁶ Post de membro realizado em 29/09/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916&na=3&npr=7&nid=1292484-5374940499080512916-5375113582475056685>

¹⁶⁷ (LOURO, 2004 p.29)

¹⁶⁸ Post de membro realizado em 29/08/2009. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=5374940499080512916&na=3&npr=10&nid=1292484-5374940499080512916-5375155316672271917>

Os perigos que o acesso às novas tecnologias oferece à vida privada aparecem no discurso desse membro no formato de advertência para os professores/as, que sendo consideradas figuras públicas podem sofrer exposições involuntárias ameaçadoras tanto do devir profissional quanto pessoal causando sanções à vida que podem causar tanto danos socioeconômicos quanto psicológicos. Aparelhos celulares multifuncionais estão disponíveis a todos, incluindo os alunos, cada vez mais familiarizados com o uso e podem ser usados para prejudicar a imagem do professor/a, caso, alguma atitude não compatível com a esperada para esses profissionais caia na rede como aconteceu com a professora baiana, que segundo o membro pode não ter avaliado as consequências do seu ato.

A demissão da professora após o vídeo ter sido postado no site youtube teve repercussão não só na comunidade Professores de História, outros veículos midiáticos deram grande ênfase ao acontecimento devido a grande quantidade de visualizações de vários vídeos produzidos de ângulos diferentes por várias pessoas.

Telejornais locais e nacionais da televisão aberta brasileira noticiaram o caso, inclusive com entrevistas concedidas pela professora que se mostrava arrependida por não ter atentado para a possibilidade de está sendo filmada enquanto dançava, compatível com o que Foucault chama de prática auto normalizadora, *com a qual ele quer denotar nossa disposição a aceitar e internalizar limites questionáveis em relação ao que podemos conhecer sobre nós próprios e a forma como podemos agir como uma condição natural ou inevitável*¹⁶⁹. O autocontrole sobre o corpo aparece como natural, tendo tido, portanto a professora um comportamento anormal de não tê-lo exercido.

Programas ditos sensacionalistas passaram dias discutindo a polêmica dança, gerando altos índices de audiência, o que resultou numa propagação da banda de axé baiano e transformou a anônima professora numa celebridade instantânea, que acabou mudando de profissão juntando-se a banda como dançarina, fato esse que instigou mais uma vez o debate sobre a desvalorização profissional do professor, visto que, o salário oferecido à ex-professora para ser dançarina ultrapassava e muito seu antigo salário de professora.

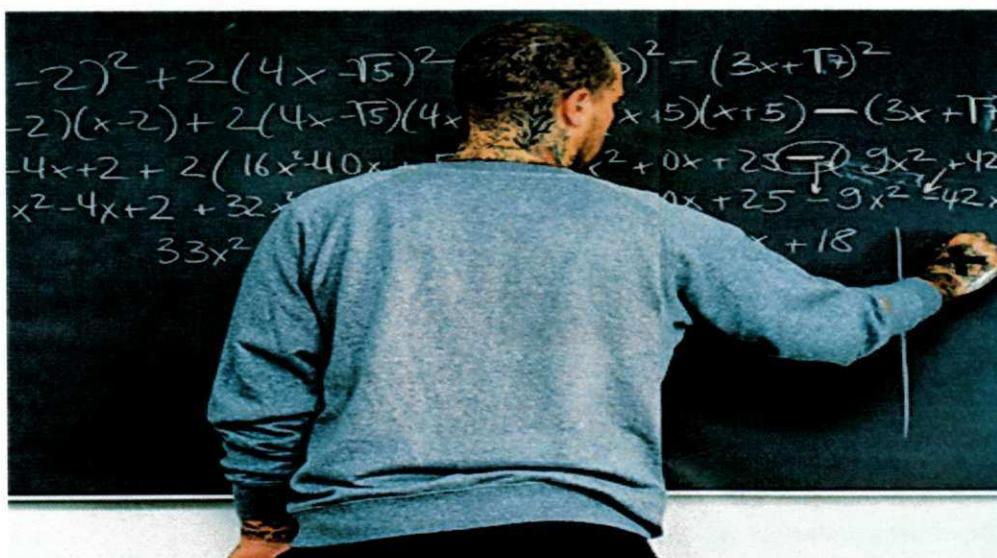
Os vídeos da professora dançando foram removidos do Orkut pelos seus administradores, visto que, eram tidos como sendo de conteúdo pornográfico, o que

¹⁶⁹ (PIGNATELLI, 2008 p.128) In (SILVA, 2008)

não é aceito pelo site, não sendo mais possível visualizá-los. Porém a mesma não conseguiu mesmo que judicialmente a remoção dos mesmos do site youtube, onde podem ser vistos por qualquer internauta que acesse o site e procure pelo vídeo intitulado Professora Baiana.

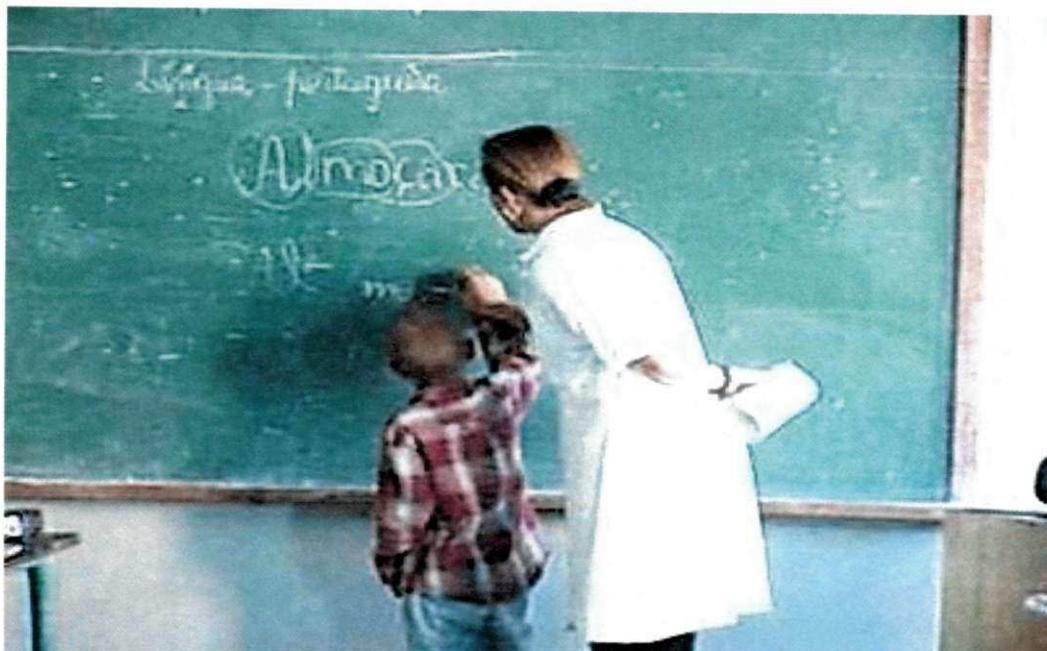
Pudemos observar a partir das discussões desse tópico uma regularidade discursiva que divide as opiniões dos professores sobre as políticas identitárias para a educação no século XXI. A maioria dos discursos mostra-se otimista quanto à fragmentação das identidades na contemporaneidade afirmando que o professor/a pode e deve assumir identidades que se adéquem ao contexto vivido desvinculando o profissional do pessoal. Mas, também observamos entre esses professores/as aqueles que acreditam que o corpo do professor funciona como uma extensão da instituição devendo os mesmos servir de exemplo para seus alunos tanto na vida pública quanto na vida privada, fixando a identidade construída na modernidade do professor modelo, assexuado e que encara sua profissão como sacerdócio.

Pudemos também observar práticas que não se sujeitam totalmente as normas, que encontram brechas e rotas de fuga ao estabelecido, como o uso de uma tatuagem que não seja totalmente visível, ou o enfrentamento do público da professora flagrada numa dança sensual, ou ainda aqueles que tentam afastar de si os rótulos políticos estabelecidos, nos advertindo que essa é uma Era do não-lugar, das astúcias, da liquefação que possibilita uma adequação rápida e fluida das identidades, multifacetando-as.



170

¹⁷⁰ Disponível em: meunometatuagem.blogspot.com



2.4 – Professores de História: o cotidiano entre saberes e práticas

Professores de História são muitos, centenas, alguns milhares de profissionais que trabalham, militam no cotidiano, anônimos, juntamente com outros tantos professores, de tantos outros saberes, portadores de sonhos, crenças, descrenças, decepções, esperanças, mas quem postos diante de crianças e jovens inquietos, curiosos agressivos, carentes, carinhoso, se veem desafiados a recomeçar, a iniciar as conversas, as trocas, os ensinamentos, a desvelar os segredos desse mundo tão complexo, tão intrigante, tão chocante, tão surpreendente.¹⁷²

Um cotidiano agora vivido em outros espaços que não fica apenas circunscrito mais a sala de aula, aos curtos intervalos nas salas dos professores/as ou as bimestrais reuniões pedagógicas. Para os professores/as na contemporaneidade um novo espaço se abre, se doa tentando angariar consumidores que desejam inscrever suas angústias, carências, fazer amizades, compartilhar saberes e entender como seus pares estão praticando o ser professor/a no cotidiano em plena Era da informação.

Na comunidade, objeto de estudo do nosso trabalho encontramos dezenas de tópicos abertos no fórum de debates relacionados ao cotidiano dos professores/as em sala de aula, que de uma forma geral discutem como os saberes estão sendo

¹⁷¹ Disponível em: revistapontocom.org.br

¹⁷² (MONTEIRO, 2007 p.33)

praticados, que metodologias estão utilizando em sala de aula, como estão utilizando as novas tecnologias para ministrar aulas mais dinâmicas, as dificuldades encontradas, os desafios superados, na tentativa de trocar experiências e encontrar formas de tornar o cotidiano escolar mais agradável e compatível com as realidades encontradas nos mais diversos contextos.

Num tópico intitulado *Novas práticas em sala de aula*, encontramos a seguinte discussão: *Será que alguém teria algumas dicas de práticas inovadoras para o ensino da História. Algo que mude a rotina do eterno livro didático...*¹⁷³

The screenshot shows a forum post on Orkut. The title is "Novas Práticas em sala de aula" with 24 replies. The post is from "Amorô do [mamãe]" on 08/02/2005. The text of the post asks for innovative practices for teaching History. A reply from "Alex Lombeto Amaral" on 10/02/2005 describes a simulation of a municipal election. Another reply from "Amorô do [mamãe]" on 10/02/2005 says "GENIAL, Alex!!!". A third reply from "Fábio bt@0" on 18/02/2005 is partially visible.

174

O membro que abre a discussão no tópico demonstra a preocupação em mudar a rotina proposta pelo suporte do livro didático, principal material de apoio para os professores/as em plena Era da Informação. Estaria, pois o livro didático ultrapassado em uma época em que a rede oferece informação e conhecimento ao alcance de uma parcela bastante significativa de professores/as e alunos/as? Com vinte e quatro posts, podemos observar muitas práticas associadas a contextos

¹⁷³ Abertura de tópico em 08/02/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=7472982>

¹⁷⁴ Imagem fotografada direto do Orkut com Ferramenta Print Screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=7472982>

diferenciados que apresentam outras alternativas ao uso exclusivo do didático.

Vejamos algumas respostas:

Com uma turma primeiro grau de adultos fiz o seguinte, debatendo democracia: 1º - Pedi que todos escrevessem em um papel o nome do prefeito em que votaram. Recolhi. 2º - Pedi que eles se reunissem em grupos e debatessem o que eram as prioridades que eles achavam que a prefeitura devia ter. Enquanto isso apurei a votação deles. 3º - Comparei os resultados, com eles mesmos, que tinham praticamente todos os grupos, elegido saúde, educação, emprego e segurança, nessa ordem, como prioridades, e tinham votado em um prefeito que, eles sabiam, só asfaltava a cidade, colocava pedras portuguesas e era assistencialista. 4º - Debati com eles o porquê da diferença. Em um mesmo colégio eleitoral, em dois processos indiscutivelmente democráticos, por que a maioria hora é uma coisa, hora é outra? Costumo até hoje fazer isso quando ensino revolução soviética, ou antes, comuna de Paris, para explicar que existem tipos de democracia, única maneira de entender o que é uma revolução proletária. Para quem nunca fez política diretamente, nunca atuou, essas coisas são mais difíceis, pois falta a prática, que essa simulação que faço dá uma idéia. Contudo, aula é aula, e sempre é necessário mesmo é falar muito¹⁷⁵

O primeiro membro a responder inicia seu discurso conduzindo os outros membros até sua realidade em sala de aula, o público com que está lidando e apresentando uma alternativa à tradicional aula exclusivamente expositiva. Embora afirme que seja uma metodologia intrínseca ao ato de lecionar. O professor utiliza o contexto eleitoral para auxiliar os alunos/as adultos, eleitores a problematizarem suas escolhas, necessidades e expectativas com relação aos candidatos, tornando a aula dinâmica, menos cansativa e provavelmente mais produtiva e ainda sociabiliza sua prática com seus pares através do canal interativo proporcionado pela comunidade virtual. O próximo post é indicativo de mais uma experiência possível:

Olha, eu já trabalhei com teatro, como já foi *sugerido*, com turmas de 5a. séries do fundamental. Deu bastante certo. estudando os povos gregos eu dividi a sala em grupos, eles pesquisaram lendas gregas e apresentaram, de forma livre cada lenda. A maioria dos grupos ou fez teatro ou teatro de fantoches. Depois das apresentações nós analisamos juntos os reais significados das lendas. Leva tempo, ocupa umas oito aulas, mas vale à pena.¹⁷⁶

É possível observar o interesse dos professores/as em narrar suas experiências e demonstrar que dar para fazer diferente, inovar e tornar o cotidiano mais agradável mesmo que delegue mais tempo. Nesse caso o professor/a também faz questão de

¹⁷⁵ Post de membro realizado em 10/02/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=7472982>

¹⁷⁶ Post de membro realizado em 18/02/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=7472982>

indicar o público com o qual está trabalhando; crianças na faixa etária entre 10 e 12 anos, nas quais a curiosidade e a criatividade estão em pleno desenvolvimento, permitindo o insight ao professor em trabalhar com uma atividade de criação que é o teatro para estudar história.

As novas tecnologias não poderiam ficar de fora, e uma das respostas está relacionada ao uso das mesmas na sala de aula utilizando os recursos disponibilizados pela instituição:

Livro virtual Se a escola tiver lab de informática, pode-se pedir que eles pesquisem textos e figuras, façam uma seleção orientada e um resumo (se for o caso): depois eles montam uma animação em Powe Point ou similar. Eu chamo isso de livro virtual. Só que cada grupo é estimulado a fazer uma apresentação antes de mostrar sua animação: motivos, como pesquisou, quem fez o quê. Assim, a gente junta a modernidade com a velharia (não é assim que eles falam!). O único inconveniente é que eu só disponho de 11 computadores, então tenho que levar 1/4 da turma de cada vez, mas até aqui os resultados foram bons.¹⁷⁷

O membro apresenta uma proposta metodológica de ensino com novos suportes e propõe uma convivência simultânea entre antigos e novos suportes, ao mesmo tempo em que chama atenção para a dificuldade em dispor de equipamentos (computadores) para todos os alunos/as. O livro virtual é uma realidade bastante divulgada em feiras tecnológicas por todo o país, mas, ainda não é acessível à maioria das escolas que, precisam lidar com a escassez do mais simples material didático como giz e livro o que nos faz comungar da ideia de Fontana de *como "as práticas docentes são produzidas num movimento de ambiguidade oscilando entre conformação e resistência"*¹⁷⁸, pois, mesmo detectado o problema da falta, há uma superação a partir de uma vontade de fazer.

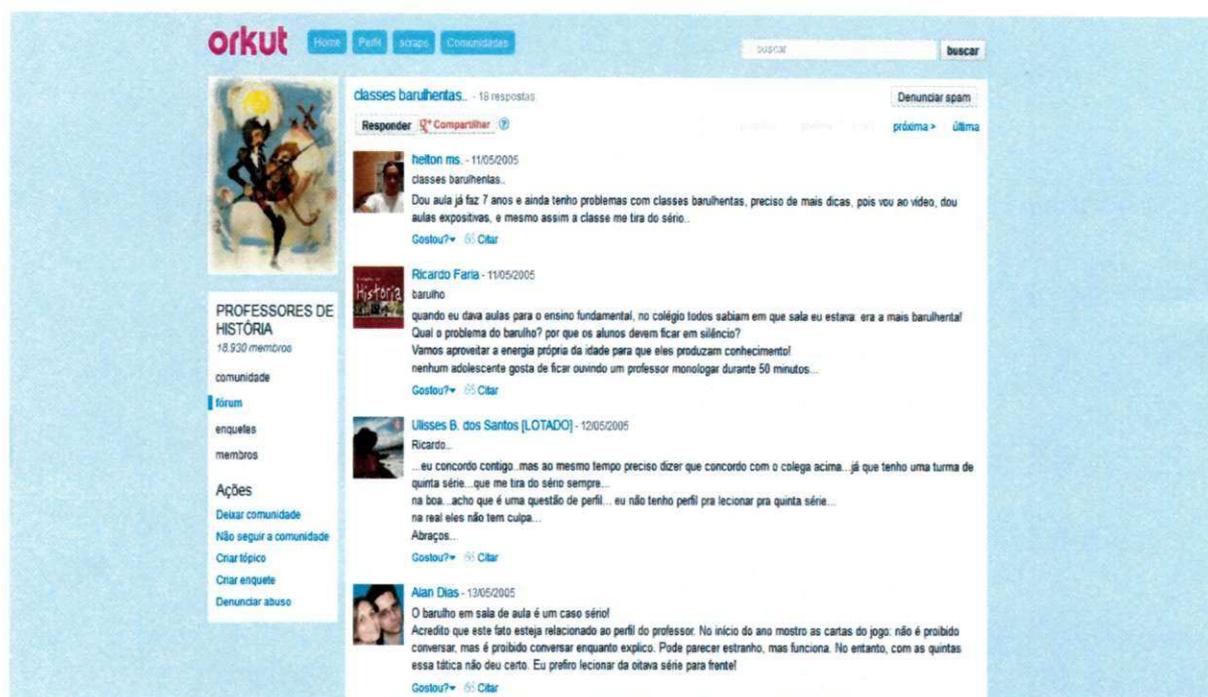
Pudemos observar que esse tópico teve respostas postadas durante três anos seguidos na comunidade, o que demonstra certa preocupação dos membros em recorrer ao tópico talvez numa necessidade de compartilhar suas práticas em sala de aula, ou de absolver o que vem dando certo a partir das experiências dos outros, nos remetendo mais uma vez a uma questão central do trabalho, a possibilidade de sociabilização desses professores/as nesse novo espaço de discussão. Esses professores/as demonstram estar conectados para sociabilizarem suas experiências cotidianas em sala de aula como destaca Fontana citando Neri: *"Nas pequenas lutas*

¹⁷⁷ Post de membro realizado em: 07/01/2007. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=7472982&na=3&npr=3&nid=1292484-7472982-5004757701660792147>

¹⁷⁸ (FONTANA, 2000 p. 41)

cotidianas é que se constrói um tempo coletivo de elaboração das experiências comuns".¹⁷⁹

Num outro tópico a discussão gira em torno da indisciplina dos alunos/as e o membro que abre o tópico, pede dicas de como agir diante de classes barulhentas: *Dou aula já faz 7 anos e ainda tenho problemas com classes barulhentas, preciso de mais dicas, pois vou ao vídeo, dou aulas expositivas, e mesmo assim a classe me tira do sério*..¹⁸⁰ E o cotidiano da prática pedagógica se mostrando árduo e as mais variadas táticas vão sendo articuladas diante de contexto diferentes.



181

A primeira resposta sugere o aproveitamento da energia que deixa os alunos barulhentos na adolescência para uma possível produção.

Quando eu dava aulas para o ensino fundamental, no colégio todos sabiam em que sala eu estava: era a mais barulhenta! Qual o problema do barulho? Por que os alunos devem ficar em silêncio? Vamos aproveitar a energia própria da idade para que eles produzam conhecimento! Nenhum adolescente gosta de ficar ouvindo um professor monologar durante 50 minutos...¹⁸²

¹⁷⁹ (FONTANA, 2000 p. 43)

¹⁸⁰ Abertura de tópico em 11/05/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=11822780>

¹⁸¹ Imagem fotografada direto do Orkut com Ferramenta Print Screen. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=11822780>

¹⁸² Post de membro realizado em 11/05/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=11822780>

O membro questiona a pedagogização das práticas e o discurso cartesiano imposto pela modernidade que impõe controle aos corpos dos alunos e nos remete às relações de poder que na contemporaneidade indicam aos professores a busca por uma relação democrática com os alunos pautada nos documentos que reveem o currículo da disciplina história (Cenp e PCNs) que relativizam a noção de verdade constituindo o discurso pedagógico contemporâneo *“sendo difícil afirmar se seria a negação da assimilação do discurso pedagógico ou da dificuldade de controlar as classes superlotadas”*¹⁸³

Outro membro oferece mais dicas:

Depende da faixa etária. É lógico que é mais fácil lidar com pré-adolescentes de 7ª, 8ª e Ensino Médio. O "barulho" você encontra em qualquer sala. Mesmo as salas "quietinhas" fazem barulho se você não os tiver "na mão". Tudo depende de você conquistá-los, mostrar que a conversa é legal, mas que há horas em que é necessário "se ligar" no que o professor está falando. Todo professor é um artista. Se você usar um pouco de seus lados "ator" em sala de aula e, principalmente, utilizar os "barulhentos" (que lideram a bagunça ou o barulho), interagindo com eles e, de vez em quando, deixá-los "aparecer" (o que eles realmente pretendem com o barulho) você consegue conquistar toda a sala. Se vai funcionar com vocês? Não Sei! Comigo Funciona (quase sempre).¹⁸⁴

E as táticas utilizadas pelos professores/as vão se multiplicando de forma bastante heterogênea. A conquista através da interação e proximidade com os mais barulhentos é utilizada por esse membro com o objetivo de “dominar” o restante do grupo, a fim de ministrar aulas com mais tranquilidade, confirmando assim, que a escola embora ainda permaneça com uma função majoritariamente normatizadora pode também desempenhar função libertadora propiciando o desenvolvimento de táticas que se ajustem ao cotidiano e realidade de grupos específicos dependendo da série e/ou da faixa etária. Como argumenta Tardif e Lahaye:

São saberes que brotam da experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber fazer e de saber ser (1991:220). Esses saberes não provem das instituições de formação ou dos currículos, esses saberes não se encontram sistematizados no quadro de doutrinas ou teorias: eles são saberes práticos (e não da prática, eles não se aplicam à prática para melhor conhecê-la, eles se integram a ela e são parte constituintes dela enquanto prática docente) são a cultura docente em ação. (1991:228)¹⁸⁵

¹⁸³ (Gusmão, 2004 p.165)

¹⁸⁴ Post de membro realizado em 15/05/2005. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1292484&tid=11822780>

¹⁸⁵ (TARDIF, LESSARD & LAHAYE, 1991)

Acreditamos assim que embora haja uma desvalorização dos saberes adquiridos cotidianamente através da experiência dos professores advindos do conhecimento do meio, esses saberes são validados como estatuto particular que os professores conferem aos saberes da experiência, demonstrados na tentativa de sociabilização dessas experiências nessa comunidade que habita o ciberespaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, ou não...

A proposta da nossa pesquisa de analisar um processo que se modifica a cada milésimo de segundo, sem previsão de um fim, ou pelo menos uma estagnação, nos torna consciente de que não daremos esse trabalho por acabado, até porque nenhum trabalho, mesmo que esteja relacionado ao passado, será definido como última interpretação do objeto pesquisado. Sobre o enfrentamento dessas mudanças infinitas que caracterizam sempre o mundo no presente, assim argumenta Alfredo Veiga-Neto:

Se quisermos um mundo melhor, teremos de inventá-lo, já sabendo que conforme vamos nos deslocando para ele, ele vai mudando de lugar. À medida que nos movemos para o horizonte, novos horizontes vão surgindo, num processo infinito. Mas, ao invés de isso nos desanimar, é justamente isso que tem de nos botar, sem arrogância e o quanto antes a caminho. (VEIGA-NETO, 2003 p. 31)

E assim sem nenhum desânimo, apenas com um pouco de cansaço, sigo otimista com as devidas precauções em relação ao futuro. É possível que os resultados de nossas interpretações desta pesquisa, posta diante dos nossos olhos no tempo em que vivemos, quando lida a última frase, já estejam obsoletos, mas isso só nos instiga a recomençar e acompanhar o processo em andamento do qual somos testemunhas, analisando historicamente essas mudanças. Acreditamos que tal modalidade de escrita acaba por romper com as concepções que defendem a necessidade do distanciamento do historiador do seu objeto de estudo. E trabalhar com essa perspectiva de tempo histórico foi para nós um exercício agridoce, acrescido de muita expiração e inspiração.

Hoje¹⁸⁶ escrevendo as últimas palavras desse trabalho, naveguei entre sites e páginas incontáveis tentando pescar informações sobre a situação do Orkut atualmente. E diante do surgimento e crescimento de outras redes sociais no Brasil e no mundo, pudemos constatar uma possível periferização do site, que teve uma parcela relativamente grande de seus membros migrando para redes sociais como o Facebook e o Twitter com argumento de que:

O Orkut incorporou um estereótipo de a "rede social dos pobres" e foi relegado à periferia da web enquanto os cultos e "phynos" migraram para o Twitter e para o Facebook. "Orkutização" virou o termo usado para

¹⁸⁶ 00h35, 18 de Setembro de 2012

definir as redes que estão sendo “estragadas” pela adoção de pessoas com pouca parcimônia e bom senso no conteúdo que compartilham.¹⁸⁷

Comentários discriminatórios contra o Orkut são postados em várias redes sociais, inclusive pedindo para que “os sem noção” voltem para o site, demonstrando um total desrespeito a democratização proposta pelo ciberespaço que se apresenta como um não lugar que não distingue centro e margem, abrindo espaço a todos que queiram aventurar-se nesse novo espaço.

Inclusive podemos apresentar um dado empírico constatado durante nossa pesquisa no site. A comunidade que tomamos como objeto de estudo, *Professores de História*, era composta por 20.979 membros no primeiro semestre do ano de 2010 e hoje, segundo semestre de 2012 a mesma conta com 18.574 membros, uma perda de 2.405 membros, que demonstra claramente essa migração para outras redes sociais.

Mas, os orkuteiros têm reagido a essas estatísticas de várias formas. Uma delas é manter simultaneamente a conexão com várias redes sociais, aproveitando-se do que mais interessa em cada uma delas, além dos argumentos que os fiéis usuários do Orkut fazem questão de externar sobre o porquê essa ainda é uma rede social atrativa. Encontramos em um site bastante conceituado a seguinte matéria: *Orkut: 'Sobreviventes' contam por que continuam fiéis à rede social*¹⁸⁸ E então listam os motivos da fidelidade:

As comunidades, que permitem troca de informações e novas amizades. Menos pressão para colocar informações no perfil e compartilhar fatos pessoais. Não tem tanta gente fazendo “marketing pessoal” como no Facebook. Não ter que aguentar aquelas mensagens e imagens engraçadinhas todo mundo compartilha no Facebook. Maior privacidade para mensagens e fotos. Não possui tantos aplicativos enchendo o saco. Configurações mais simples de entender. Possibilidade de customizar seu perfil. É mais difícil ser encontrado pelos seus contatos. Possibilidade de criar vários perfis facilmente¹⁸⁹

A presença das comunidades no Orkut tem sido sem dúvida o principal motivo para muitos membros permanecerem conectados ao site. Segundo os usuários “Elas

¹⁸⁷ Por Bruno Chagas (Jornalista, entusiasta de novas tecnologias, viciado em internet). Disponível em: <http://socialemidia.com.br/a-orkutizacao-somos-nozes>. Acesso em Setembro de 2012

¹⁸⁸ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/03/21/sobreviventes-do-orkut-contam-por-que-nao-largam-a-rede-social-por-nada.jhtm>. Acesso em Setembro de 2012

¹⁸⁹ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/03/21/sobreviventes-do-orkut-contam-por-que-nao-largam-a-rede-social-por-nada.jhtm>. Acesso em Setembro de 2012

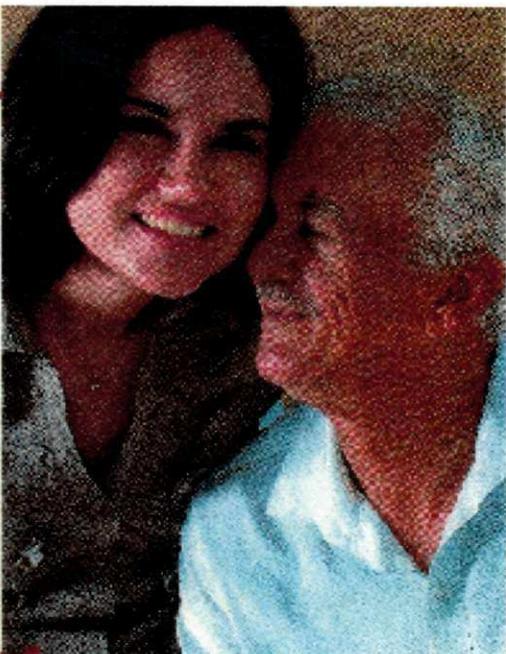
*são uma espécie de filtro para se encontrar pessoas com gostos, hábitos e opiniões parecidos com os seus e registram participação ativa dos usuários”*¹⁹⁰

A minha experiência com o Orkut ultrapassou as barreiras do entretenimento e das questões relacionadas à educação em 2010, quando após 24 anos de busca pelo meu pai biológico, consegui no Orkut, através de uma comunidade intitulada “*Procuro meu pai desaparecido*”,¹⁹¹ contato com o mesmo e pude conhecê-lo e a mais sete irmãos, que com alguns deles continuo mantendo contato até hoje, estreitando laços familiares perdidos, mas reencontrados com o auxílio da rede que desde a primeira vez que tive contato tem-me proporcionando mais coisas boas que ruins.

Família

UM REENCONTRO DEPOIS DE 25 ANOS

Três meses atrás, a historiadora paraibana **KARINA SOUTO** (à esq.), 31 anos, foi surpreendida por um telefonema. “Encontrei seu pai”, ouviu do funcionário de um site especializado em buscas de desaparecidos. Desde a adolescência, Karina havia procurado obstinadamente o cantador **MARCELO MORAIS** (à dir.), em vão. Ele saiu de casa sem jamais dar sinal de vida. Um dia, chegaram a dizer a Karina que o pai estava morto, e ela correu ao cemitério. “A cor foi seguida de olivo – meu pai não estava lá.” Marcelo morava no interior da Paraíba, a 330 quilômetros da filha. “Sumi porque precisava apagar a vida antiga para seguir com uma nova”, diz ele, hoje com 58 anos. “Ao reencontrar minha filha, percebi que não dá para viver como um desaparecido para sempre.”



192

Sendo assim, deixo modestamente registradas algumas palavras aos leitores e escritores do futuro: Chamam-me de Kakau Souto, tenho 33 anos, dois filhos maravilhosos que me acordam todos os dias com um beijo e me fazem massagens nos pés. Um companheiro legal e parceiro para todas as horas e irmãos com quem converso aos domingos lembrando os momentos bons e ruins da infância pobre, mas digna. Tenho avós que ainda compram a minha fruta preferida só pra me agradar e me colocam no colo para fazer cafuné.

¹⁹⁰ Disponível em: Elas são uma espécie de filtro para se encontrar pessoas com gostos, hábitos e opiniões parecidos com os seus e registram participação ativa dos usuários. Acesso em Setembro de 2012

¹⁹¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1300190>

¹⁹² Fonte: Revista Veja. Edição 2185- ano 43- nº 40. 06 de Outubro de 2010

Eu não sei como vocês vivem o que pensam, mas, sinto-me tão à vontade em expor meus sentimentos e pensamentos para vocês, que é como se os conhecesse. Por isso tenho muito a desejar para o vosso futuro. Desejo que tomem banho de chuva e tenham um chá quentinho para curar resfriado. Que tenham uma mãe carinhosa a beijar-lhes o rosto e desejar uma boa noite ao deitar. Que tenham um pai para quem ligar e pedir socorro ao cair de bicicleta. Que olhem para o céu e comentem que vai chover a noite inteira e lembrem o cobertor quentinho e uma cama fofinha que os esperam.

Que possam viajar nas aventuras do avião vermelho como eu fiz ao ler meu primeiro livro, e que nunca deixem de sonhar dormindo ou acordados... Ah, isso eu faço muito, mesmo já tendo deixado de lado meu amigo imaginário. Que sintam borboletas no estômago ao ouvir o nome da pessoa amada... Isso é maravilhoso!

Que possam ter amigos que falem de sexo, que compartilhem incertezas e inseguranças para não se sentirem sozinhos. Comam chocolates, pipoca, algodão doce, cenoura, feijão, sushi, macarrão, banana, manga, kiwi...

Usem computadores, celulares, i-pads, i-pods, tablets, mas, não esqueçam que tocar a mão de alguém é mais prazeroso que qualquer teclado. Um sussurro ao pé do ouvido é mais gostoso que a voz cibernética reproduzida pelos mp3, mp4 etc. Experimentem sentir o cheirinho de um livro novo... Para mim é quase um vício (rsrsrs)

Olhem para os idosos com generosidade, afinal de contas eles já foram bebê rechonchudo como vocês e um dia vocês também envelhecerão. Respeitem as pessoas mesmo que não concordem com elas. Muitas pessoas também discordarão de vocês. Enfim... Vivam o momento, mas pensem no futuro. De vocês dependerá o bem-estar daqueles que o dividirão com vocês

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes.** (Ver cidade)Cortez Editora, 2006
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade.** A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura:** sob o olhar dos estudos culturais. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** (a era da informação: economia, sociedade e cultura Vol 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Lisboa, Bertrand Brasil, 1993.
- FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- _____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FISCHER, R.M.B. **Foucault e a análise do discurso em educação.** Cadernos de Pesquisa, n. 114, npo. 1ve9m7-b2r2o3/,2 n0o0v1embro/ 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.
- _____. **História da sexualidade,** Volume I: A vontade de saber. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988
- _____. **Vigiar e Punir:** Nascimento da prisão.Petrópolis RJ. Vozes, 2207
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991
- GUSMÃO, Emery Marques. **Memórias de quem ensina história:** cultura e identidade docente. São Paulo: Editora Unesp, 2004
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DPeA, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos - O breve século XX**. São Paulo, Companhia das letras, 1996.

LEBIAM, Tamar Silva. **A docência do século XXI: formando competências para o uso das TIC's na UFPB / Lebiam Tamar Silva Bezerra – João Pessoa, 2006**

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1997

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma estrutura pós-estruturalista**. Petrópolis RJ: Vozes, 1997

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica: Belo Horizonte, 2000

MAFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. XAVIER, Antonio Carlos. (ORGs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010

MELO, José Marques de. TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

NICOLA, Ricardo. **Cibersociedade: quem é você no mundo on-line?** São Paulo: Editora Senac, 2004.

NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros. **Histórias de confissões e de leituras: a emergência histórica da edições GLS / Tese de doutoramento em História – Recife: O Autor, 2007**.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre mundialização**. São Paulo: Olho D'água, ?

PISANI, Francis. PIOTET, Dominique. **Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

RAGO, Margareth. **O efeito Foucault na historiografia brasileira**. Rv. Sociol. USP, São Paulo, 7(1-2): 67-82, Outubro de 1995

RECUERO, Raquel C. **Comunidades em redes sociais na internet**: uma proposta de estudo. Emcompos, Internet. V. 4, nr. Dez 2005. Disponível em: www6.ufrgs.br/Limcs/PDFs/ana_mia.pdf> Acesso em Jan 2011.

RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual**: Una sociedad sem fronteras. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. Tradução de RECUERO, R. C.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003

SILVA, Tomás, Tadeu A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu T. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000

_____. **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008

TARDIF, LESSARD e LAHAYE. **Os profissionais face ao saber**. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, 1991

VEIGA-NEO, Alfredo. **Foucault e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VERAS, Cassandra Carmo de Lima. **O sucesso do desemprego**: as agências on-line e o emprego como mercadoria. Tese de doutoramento em Sociologia – João Pessoa: O autor, 2008

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço**: de Dante à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

Sites de apoio

www.google.com.br/ateus.net

WWW.facebook.com

WWW.twitter.com

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080426210451AA54Tnn>

<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/como-funciona-lousa-digital-tecnologia-501324.shtml>

<http://caosmose.net/pierrelevy/educaecyber.html>

[HTTP://portalcienciaevida.uol.com.br](http://portalcienciaevida.uol.com.br)

<http://tecnologia.uol.com.br>.

www.serasaexperian.com.br

www.webartigos.com

WWW.meunometatuagem.blogspot.com

WWW.revistapontocom.org.br

<http://socialemidia.com.br/a-orkutizacao-somos-nozes>

<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/03/21/sobreviventes-do-orkut-contam-por-que-nao-largam-a-rede-social-por-nada.jhtm>

<http://www.agoragrega.com/tag/grega/>

<http://www.bbel.com.br/comportamento/post/namoro-pela-internet-clique-aqui.aspx>

Revista

Veja. Edição 2185- ano 43- nº 40. 06 de Outubro de 2010

Fontes

WWW.orkut.com